

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**VAGNER DE OLIVEIRA MAGRINI**

**CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA PARADIGMÁTICA  
INTERPRETATIVA E CRÍTICA EM PESQUISA CONTÁBIL: UM ESTUDO SOBRE  
AS POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO QRCA – *QUALITATIVE RESEARCH  
AND CRITICAL ACCOUNTING***

**UBERLÂNDIA/MG**

**2023**

**VAGNER DE OLIVEIRA MAGRINI**

**CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA PARADIGMÁTICA  
INTERPRETATIVA E CRÍTICA EM PESQUISA CONTÁBIL: UM ESTUDO SOBRE  
AS POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO QRCA – *QUALITATIVE RESEARCH  
AND CRITICAL ACCOUNTING***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Controladoria

Orientadora: Profa. Dra. Marli Auxiliadora da Silva

**UBERLÂNDIA/MG**

**2023**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M212 2023	<p>Magrini, Vagner de Oliveira, 1982- CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA PARADIGMÁTICA INTERPRETATIVA E CRÍTICA EM PESQUISA CONTÁBIL [recurso eletrônico] : UM ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO QRCA – QUALITATIVE RESEARCH AND CRITICAL ACCOUNTING / Vagner de Oliveira Magrini. - 2023.</p> <p>Orientadora: Marli Auxiliadora da Silva. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.276">http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.276</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Contabilidade. I. Silva, Marli Auxiliadora da , 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-Graduação em Ciências Contábeis. III. Título.</p> <p>CDU: 657</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Contábeis

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1F, Sala 248 - Bairro Santa Monica,  
Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3291-5904 - www.ppgcc.facic.ufu.br - ppgcc@facic.ufu.br



**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico Número 032 - PPGCC				
Data:	26 de maio de 2023	Hora de início:	13:30 h	Hora de encerramento:	17:25 h
Matrícula do Discente:	11913CCT008				
Nome do Discente:	Vagner de Oliveira Magrini				
Título do Trabalho:	CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA PARADIGMÁTICA INTERPRETATIVA E CRÍTICA EM PESQUISA CONTÁBIL: UM ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO QRCA - <i>QUALITATIVE RESEARCH AND CRITICAL ACCOUNTING</i>				
Área de concentração:	Contabilidade e Controladoria				
Linha de pesquisa:	Controladoria				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	PPGCC05 - Educação Contábil				

Reuniu-se, por meio do sistema de web conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Camilla Soueneta Nascimento Nganga - UFU, Fernanda Filgueiras Sauerbronn - UFRJ, Sandra Maria Cerqueira da Silva - FAT, Sílvia Pereira de Castro Casa Nova - USP e Marli Auxiliadora da Silva - UFU, orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Marli Auxiliadora da Silva, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

**APROVADO**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título descrito na tabela acima. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marli Auxiliadora da Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/05/2023, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilla Soueneta Nascimento Nganga, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/05/2023, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Maria Cerqueira da Silva, Usuário Externo**, em 29/05/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Pereira de Castro Casa Nova, Usuário Externo**, em 29/05/2023, às 17:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Filgueiras Sauerbronn, Usuário Externo**, em 30/05/2023, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4459512** e o código CRC **397C5B55**.

Para Maria e José, meus amores.

Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?  
(Paulo Freire)

Fique você com a mente positiva  
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)  
Pois sou uma pessoa.  
Esta é minha canoa: Eu nela embarco.  
Eu sou pessoa!  
A palavra "pessoa" hoje não soa bem  
Pouco me importa!

(Belchior - Conheço meu lugar, 1979)



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por chegar até aqui e viver esse momento tão importante.

A minha esposa, Maria Angélica e ao meu filho, José, por todo o apoio e incentivo durante esse período. Amo vocês!

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marli Auxiliadora da Silva, por toda sua dedicação e paciência ao me ouvir e me orientar.

A banca de defesa, composta pelas Professoras Doutoras Camilla Soueneta Nascimento Nganga, Fernanda Filgueiras Sauerbronn, Sandra Maria Cerqueira da Silva e Silvia Pereira de Castro Casa Nova, e ao Professor Dr. Paulo Homero, que participou da minha banca de qualificação. Vocês foram essenciais na minha trajetória e contribuíram muito para a melhoria de minha pesquisa.

Aos professores e funcionários do PPGCC, por todos os ensinamentos e suportes fornecidos nesse período, que sem dúvida foi de grande valia.

Aos amigos, Eduardo Codevilla Soares e Geovane Camilo dos Santos, por compartilharem seus conhecimentos comigo e aos colegas de turma pelos momentos de aprendizagem em conjunto.

A comunidade de prática QRCA por todos os ensinamentos e pelo sentimento de identidade e pertencimento.

E à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa de estudo concedida durante a realização do doutorado.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>12</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Questionamento e objetivos da pesquisa .....	17
1.2 Justificativa .....	18
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>21</b>
2.1 Comunidade de Prática: definições e características .....	21
2.1.1 Participação e reificação na Comunidade de Prática.....	31
2.1.2 A negociação de significados e a aprendizagem na comunidade de prática	32
2.2 Caracterização paradigmática do campo de pesquisa contábil .....	34
2.2.1 Modelo paradigmático de Burrell e Morgan (1979).....	34
2.2.2 Críticas ao modelo de Burrell e Morgan (1979) e a estrutura para pesquisa em contabilidade de Hopper e Powell (1985).....	37
2.2.3 Considerações sobre os paradigmas interpretativo e crítico.....	39
2.2.4 O <i>mainstream</i> contábil: limitações e críticas.....	43
<b>3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA .....</b>	<b>47</b>
<b>4 DESVENDANDO O QRCA: UM OLHAR A PARTIR DO SITE E DOS ENCONTROS ANUAIS.....</b>	<b>53</b>
4.1 Apresentação do <i>site</i> e dos seus dizeres.....	53
4.2 As práticas desenvolvidas nos encontros anuais .....	58
5.1 Constituição da comunidade QRCA a partir da percepção dos entrevistados e das entrevistadas.....	71
5.2 Práticas, participação, reificação e imaginários sobre a comunidade QRCA.....	75
5.3 Desafios enfrentados pela comunidade QRCA.....	84
5.4 Possibilidades e potencialidades para a comunidade QRCA .....	96
<b>REFLEXÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender os elementos que caracterizam a formação e a manutenção do *Qualitative Research and Critical Accounting* (QRCA) como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica na pesquisa contábil. Metodologicamente foi realizada a análise documental do *site* do QRCA e da programação dos encontros anuais realizados pela comunidade entre 2018 e 2022, com o intuito de demonstrar a conexão com a literatura sobre comunidade de prática e para elencar as práticas desenvolvidas nos encontros realizados. Também foram realizadas 14 (catorze) entrevistas com membros da comunidade QRCA, com diferentes níveis de participação. Os principais achados revelaram que o QRCA pode ser entendido como uma comunidade de prática paradigmática em crescimento, e que, apesar do pouco tempo de existência, vem em um processo de consolidação contínuo. Assim, se superados os desafios evidenciados na pesquisa e os que ainda estão por vir, a comunidade pode ter, um grande potencial de desenvolvimento, sendo capaz de se tornar a maior e mais relevante comunidade de pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade da América Latina e continuar contribuindo com a aprendizagem e formação de muitos pesquisadores e pesquisadoras na área contábil que anseiam por epistemologias alternativas. Os achados demonstram ainda, iniciativas importantes para a transformação e para a ampliação do campo epistemológico contábil, e fomentam as discussões acerca das mudanças paradigmáticas no campo investigativo e científico da contabilidade. A partir do entendimento de que a contabilidade é uma ciência social aplicada e que as interações entre pesquisadores são necessárias para seu fortalecimento, esta pesquisa traz uma visão interativa dos relacionamentos estabelecidos em uma comunidade de prática cujos membros se dedicam a investigações contábeis com abordagens alternativas e aponta a identificação dos avanços epistemológicos através da comunidade de prática, bem como as tendências de mudanças que se configuram no campo das pesquisas nessa área do conhecimento.

**Palavras-chave:** Comunidade de Prática Paradigmática; Pesquisa Interpretativa e Crítica; Epistemologia Contábil. Ciências Contábeis. QRCA.

## ABSTRACT

The objective of this study was to understand the elements that characterize the formation and maintenance of Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA) as a paradigmatic community of practice in interpretive and critical research in accounting research. Methodologically, a documentary analysis of the QRCA website and the schedule of annual meetings held by the community between 2018 and 2022 was carried out, in order to demonstrate the connection with the literature on community of practice and to list the practices developed in the meetings held. Fourteen (14) interviews were also conducted with members of the QRCA community, with different levels of participation. The main findings revealed that the QRCA can be understood as a growing paradigmatic community of practice, and that, despite the short time of existence, it comes in a process of continuous consolidation. Thus, if the challenges highlighted in the research and those yet to come are overcome, the community may have great development potential, being able to become the largest and most relevant interpretive and critical accounting research community in Latin America and to continue contributing to the learning and training of many researchers in the accounting area who yearn for alternative epistemologies. The findings also demonstrate important initiatives for the transformation and expansion of the accounting epistemological field, and encourage discussions about paradigmatic changes in the investigative and scientific field of accounting. From the understanding that accounting is an applied social science and that interactions between researchers are necessary for its strengthening, this research brings an interactive view of the relationships established in a community of practice whose members are dedicated to accounting investigations with alternative approaches and points to the identification of epistemological advances through the community of practice, as well as the changing trends that are configured in the field of research in this area of knowledge.

**Keywords:** Paradigmatic Community of Practice; Interpretive and Critical Research; Accounting Epistemology. Accounting Sciences. QRCA.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Indicadores da formação de uma comunidade de prática .....	26
Quadro 2 - Evolução do conceito de comunidade de prática .....	28
Quadro 3 - Pressupostos ontológicos e epistemológicos de pesquisa contábil Interpretativa e Crítica .....	40
Quadro 4 – Descrição dos participantes entrevistados e tempo das entrevistas .....	49
Quadro 5 – Membros da equipe do QRCA .....	54
Quadro 6 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2019.....	62
Quadro 7 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2020.....	64
Quadro 8 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2022.....	67
Figura 1 - Estágios de desenvolvimento de uma CoP.....	30
Figura 2- Framework de Burrell e Morgan (1979) .....	36
Figura 3 - Estrutura de pesquisa em contabilidade proposto por Hopper e Powell (1985) ...	38

## 1 INTRODUÇÃO

Comunidades de prática (CoP) é um conceito criado por Etienne Wenger, juntamente com Jean Lave em 1991, e descreve um grupo de indivíduos que comungam um interesse comum e se unem em prol desse interesse. Em conjunto, eles trabalham para encontrar caminhos para aperfeiçoar o que fazem, transmitindo seus conhecimentos e aprendendo uns com os outros, construindo algo em comum a todos por meio do engajamento e da participação mútua.

Segundo Wenger (1998), apesar do termo comunidades de prática não fazer parte do discurso cotidiano das pessoas, elas [as CoP] estão por todas as partes e as pessoas, geralmente, participam de várias comunidades de prática ao longo de suas vidas – seja em casa, na escola, no trabalho, na sociedade e em diversas outras situações. Para o autor (1998, p. 7), “comunidades de prática são parte integral do dia a dia de nossas vidas”.

A primeira comunidade de prática que o sujeito participa é a comunidade formada por sua família. Mesmo estas tendo diversas formas de constituição, elas carregam aspectos que são comuns a todas: a capacidade de criar, reproduzir, transmitir e disseminar rotinas, crenças, valores, histórias, e símbolos, dentre outras características (FERREIRA; HELAL; PAIVA, 2015; WENGER, 1998).

O que marca uma CoP é a capacidade de participação dos seus membros, e o desenvolvimento de maneiras compartilhadas de buscarem interesses em comum. Em alguns casos, o sujeito pode ser um membro do núcleo da comunidade, tendo uma participação mais efetiva; e em outros casos pode ter uma participação mais periférica, em que, apesar de ser um membro da comunidade, não participa efetivamente de todas as atividades, tendo uma participação menos representativa (FERREIRA; HELAL; PAIVA, 2015; WENGER, 1998).

Silva (2004) sugere que as CoP são como redes vivas que são autogeradoras, responsáveis pela construção de conhecimento em um contexto de significados comuns que são compartilhados. Outra característica é a formação de regras de conduta comuns a todos os membros e a geração de identidade coletiva. Assim as CoP são caracterizadas por uma administração interna que faz com que ela crie condições de autossuficiência, ou seja, elas são capazes de produzir ciclos de retroalimentação que garantem sua manutenção.

Ao pensarmos o processo de aprendizagem através da participação em CoP, algumas considerações podem ser feitas: i) o engajamento dos indivíduos torna o processo de aprendizagem, através da prática, mais fácil, pois os mesmos estão dispostos a aprender; ii) por meio da aprendizagem e da participação dos indivíduos, as práticas são aperfeiçoadas favorecendo a continuidade da comunidade através de uma participação mais efetiva dos seus membros, assim como a inclusão de novos membros, o que colabora para a permanência e a continuidade da comunidade ao longo do tempo (FERREIRA; HELAL; PAIVA, 2015; LAVE; WENGER, 1991).

Para Wenger (1998), a aprendizagem em uma CoP ocorre em um contexto social onde diversos processos de negociação de significados são administrados, em um ambiente repleto de experiências cotidianas no qual diferentes maneiras de participação acontecem. A negociação de significados se dá através da interação de dois aspectos importantes: a participação e a reificação.

Na participação, a partir dos relacionamentos estabelecidos com os outros membros da comunidade e das experiências de significados, nos reconhecemos mutuamente e fomentamos aos poucos o sentimento de pertencimento. Já na reificação “projetamos nossos significados no mundo, de modo que essa projeção assume uma existência independente (...) damos um significado intrínseco e que ganha uma realidade própria no contexto dos grupos sociais”, ou seja, na reificação damos forma a nossas experiências, materializamos aquilo que até então estava dentro de nós e que agora toma algum tipo de forma (ESTEVAM; CYRINO, 2016, p. 1295). Para Wenger (1998, p. 62) “a participação e a reificação não podem ser consideradas de forma isolada. Elas formam um par. Elas formam uma unidade nas suas dualidades. Para entender um é necessário entender o outro”.

Ainda segundo Wenger (1998) para que exista coerência nas práticas negociadas pelos membros do grupo fazendo com que este se caracterize como uma CoP algumas dimensões da prática precisam existir, como o engajamento, o empreendimento conjunto e a existência de um repertório compartilhado. Desta forma, é necessária a existência de um compromisso mútuo dos participantes da comunidade na busca por empreendimentos conjuntos que mobilizem e compartilhem seus repertórios, tendo como objetivo a aprendizagem coletiva.

Ao estudar o campo da contabilidade, percebe-se que a pesquisa é norteada por pressupostos epistemológicos que, segundo Hopper e Powell (1985), podem ser

entendidos através do modelo categórico que divide os paradigmas utilizados na contabilidade em três: a) pesquisa *mainstream* (funcionalista), b) pesquisa interpretativista, e c) pesquisa crítica. Cada paradigma utiliza diferentes teorias e métodos de análise da realidade social, que influenciam a condução da pesquisa e proporcionam variados entendimentos dos fenômenos estudados.

Baseadas em Smith (2011), Lourenço e Sauerbronn (2016) destacam que a pesquisa *mainstream* (funcionalista) vem dos estudos clássicos nos quais a realidade é unitária e deve ser compreendida a partir de perspectivas empíricas e analíticas. Nessa abordagem se busca a produção de evidências e leis generalizáveis e a objetividade. Para as autoras (2016, p. 103) “os interesses inerentes a esse tipo de pesquisa são previsão e controle, conhecimento tecnicamente explorável, e explicação”.

No que se refere à pesquisa interpretativista, esta é descrita por Lourenço e Sauerbronn (2016) como pautando estudos que buscam o entendimento subjetivo dos indivíduos, considerando a possibilidade de existência de diferentes realidades, que exigem habilidades sociais, linguísticas e cognitivas do pesquisador. As autoras (2016, p. 103) destacam que “os interesses inerentes à pesquisa interpretativa são compreender, no nível da linguagem ordinária e ação, e descobrir os significados e crenças subjacentes às ações dos outros”.

Já sobre a pesquisa crítica, Lourenço e Sauerbronn (2016) ressaltam que é composta por estudos marxistas e interpretativos que se debruçam em contextos em que existem múltiplas realidades que apresentam diferentes problemáticas. As autoras (2016) afirmam que esses estudos são realizados a partir da observação interpretativa e de uma autorreflexão crítica sobre a própria observação. Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) destacam ainda que nas pesquisas de abordagem crítica o resultado “[...] é o conhecimento que se insere no quadro interpretativo, mas que também serve o objetivo de auxiliar a libertação e entendimento pessoal, e emancipação das forças que limitam a independência racional dos indivíduos”.

Ao considerarmos que os paradigmas utilizados na contabilidade podem, através dos pesquisadores contábeis, formar comunidades de prática paradigmáticas responsáveis pela produção e disseminação do conhecimento contábil, podemos ter: a) comunidades de prática paradigmáticas funcionalistas/positivistas, b) comunidades de prática paradigmáticas interpretativistas e c) comunidades de prática paradigmáticas críticas.



Caracterizando a pesquisa contábil, diferentes autores, como Bilhim e Gonçalves (2021), Borges, Rodrigues, Silva e Santana (2011), Hernández (2018), Homero Junior (2017), Lourenço e Sauerbronn (2016), Major (2017), e Theóphilo e Ludícibus (2005), ao longo do tempo, evidenciam que há uma dominação das pesquisas positivas na produção do conhecimento contábil, e fazem críticas tanto às limitações dessas pesquisas quanto à pouca adoção de outras posturas teóricas e metodológicas no campo contábil, visto que os pesquisadores não se aprofundam nos demais paradigmas, reafirmando a hegemonia positivista.

No mesmo sentido, Homero Junior (2017) afirma que há uma ausência de uma linha consolidada de pesquisas interpretativas e críticas, bem como predomina “um caráter monoparadigmático” das pesquisas na área do conhecimento contábil. Assim, inferimos que da mesma forma que há uma concentração de pesquisas positivistas, há uma concentração de comunidades de prática paradigmáticas voltadas para a pesquisa *mainstream* na contabilidade, e que as comunidades de prática paradigmáticas interpretativistas e críticas devam existir em menor número.

Sendo assim, diante da necessidade das pesquisas que demonstrem as potencialidades analíticas de outras posturas epistemológicas na construção, realização e disseminação do conhecimento contábil e visando consolidar a ampliação da pluralidade paradigmática no campo das pesquisas contábeis para além do paradigma dominante, optei nessa pesquisa por estudar uma comunidade de prática paradigmática interpretativista e crítica, a fim de compreender quais os elementos caracterizam sua formação e manutenção, além de evidenciar possíveis conexões com outras comunidades de prática paradigmáticas. Desta forma, busca-se nesta pesquisa, o entendimento acerca das experiências já existentes no campo da pesquisa contábil no sentido de transformar a concentração dos trabalhos no âmbito do *mainstream*, mais especificamente com foco de análise em iniciativas do QRCA – *Qualitative Research and Critical Accounting*.

Dado o exposto elaborou-se a seguinte declaração de tese: **as comunidades de prática paradigmáticas, em especial, as interpretativas e críticas, buscam outras posturas epistemológicas na construção, realização e disseminação do conhecimento contábil, com vistas a consolidar e ampliar a pluralidade paradigmática no campo das pesquisas contábeis.** Dessa forma, este estudo evidencia a transformação paradigmática no campo da pesquisa contábil como uma forma de tornar possível a incorporação de novos questionamentos inerentes à

pesquisa contábil através das comunidades de prática. Ressalto ainda que o enfoque positivista na pesquisa contábil não é capaz de elucidar sozinho todos os fenômenos que envolvem a realidade, de maneira geral, e a contabilidade, de maneira específica, e sua predominância é limitadora e prejudicial para a produção do conhecimento contábil, em especial no que se refere a seus aspectos sociais.

As dimensões da prática dentro de uma comunidade de prática podem ser entendidas como a existência de um compromisso mútuo de seus participantes na busca por empreendimentos conjuntos que mobilizem e compartilhem seus repertórios com o objetivo da aprendizagem coletiva (WENGER, 1998) e entendemos que a rede QRCA abarca essas dimensões, visto ser formada por pesquisadores interessados em formas “alternativas” de pesquisa contábil, nas quais podem apresentar suas propostas de pesquisa e trabalhos em andamento para uma audiência receptiva, além de produzir e fomentar diferentes práticas na busca pelo conhecimento. Tendo em vista as características elencadas, a rede QRCA, intencionalmente, foi escolhida como objeto dessa pesquisa, a fim de se responder à questão de pesquisa sugerida, bem como, atingir o objetivo proposto na tese.

Sabendo das diferenças existentes ao analisarmos os paradigmas interpretativista e crítico, as quais serão evidenciadas ao longo da fundamentação teórica, optamos também neste estudo por olhar para as convergências que unem esses dois paradigmas. Como suas construções antipositivistas e sua forma de entender a realidade de maneira subjetiva (BURRELL; MORGAN, 1979; CHUA, 1986; HOPPER; POWELL, 1985). Considerando também que a comunidade de prática a ser estudada abrange práticas que envolvem ambos os paradigmas, estes serão tratados em conjunto sempre que se referir à CoP em questão, entendendo-a como uma comunidade de prática paradigmática interpretativista e crítica.

A seguir apresento o questionamento da pesquisa, os objetivos - principal e específicos -, e a justificativa.

### **1.1 Questionamento e objetivos da pesquisa**

A pesquisa busca responder a seguinte questão: Quais elementos caracterizam a formação e a manutenção do QRCA como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica em pesquisa contábil?

Foi estabelecido como objetivo principal da pesquisa compreender os elementos que caracterizam a formação e a manutenção do QRCA como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica em pesquisa contábil.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar o site do QRCA para demonstrar sua conexão com a literatura sobre comunidade de prática e elencar as práticas desenvolvidas nos encontros;
- b) Realizar um diagnóstico da comunidade, buscando identificar as atividades de criação e compartilhamento de conhecimento;
- c) Compreender as dificuldades e desafios enfrentados pela comunidade para sua manutenção e continuação;
- d) Evidenciar as potencialidades da comunidade visando sua ampliação.

## **1.2 Justificativa**

Para Wenger (1998, p.8), “nós prestamos atenção naquilo que esperamos ver, ouvimos aquilo que encontra espaço em nosso entendimento e agimos de acordo com nossas visões de mundo”. Todos nós temos crenças e maneiras de ver e entender o mundo, e as comunidades de prática são espaços nos quais podemos desenvolver, negociar e compartilhar nossos conhecimentos. Assim, compreender o conceito de comunidades de prática é importante, pois fornece um entendimento sobre as relações, a construção e o compartilhamento do conhecimento.

Considerando que o avanço da ciência se dá através de elementos progressivos e reflexivos (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1982, KUHN, 1978), o presente estudo torna-se oportuno ao propor uma reflexão sobre comunidades de prática dentro das Ciências Contábeis, a partir de conceitos teóricos pouco utilizados no contexto da contabilidade, oferecendo uma contribuição para o entendimento do funcionamento de uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica.

Assim, pretende-se com a presente pesquisa oferecer uma compreensão da formação e da manutenção do QRCA como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica. Por meio da análise de conteúdo

das atividades desenvolvidas pelo QRCA apresentadas no seu *site*<sup>1</sup> e por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com diferentes pesquisadores e pesquisadoras membros e membras da comunidade, pretendemos lançar luz a uma temática ainda pouco estudada na contabilidade, identificando caminhos possíveis para a ampliação paradigmática do campo da pesquisa contábil e dessa forma corroborar com Vogt, Silva e Valle (2021 p. 67) que argumentam que é:

[...] imprescindível uma ruptura por intermédio da conversão do olhar, de um novo olhar, de 'produzir' um novo homem, sendo necessária uma revolução mental, que envolva a mudança de toda a visão de mundo social. Para tanto, se não for pela quebra de paradigmas, como vamos produzir esse novo homem e novo olhar?

Sendo assim, o trabalho se justifica pela necessidade de se superar a dominação do paradigma positivista, visto que é um elemento limitante da compreensão ampla dos fenômenos contábeis (LOURENÇO; SAUERBRONN, 2016; HOMERO JUNIOR, 2017a, 2017b; MAJOR, 2017; HERNÁNDEZ, 2018; BILHIM; GONÇALVES, 2021). Dessa forma, é essencial fomentar os aspectos que contribuem para a transformação e a ampliação do campo epistemológico contábil, a fim de contribuir para ampliação das discussões acerca das mudanças paradigmáticas no campo investigativo e científico da contabilidade.

A partir do entendimento de que a contabilidade é uma ciência social aplicada e que as interações entre pesquisadores são necessárias para seu fortalecimento, esta pesquisa pretende trazer uma visão interativa dos relacionamentos estabelecidos em uma comunidade de prática cujos membros se dedicam a investigações contábeis com abordagens qualitativas, interpretativistas e críticas. Destaca-se a relevância da abordagem quanto à formação do campo de pesquisa qualitativa em contabilidade, dada a observação de poucos estudos brasileiros que reflitam sobre esse campo da produção científica à luz dos aspectos conceituais de Etienne Wenger.

Entre as contribuições acadêmicas e científicas esperadas aponta-se a identificação dos avanços epistemológicos através da comunidade de prática, bem como as tendências de mudanças que se configuram no campo das pesquisas contábeis. Como contribuição teórica, espera-se promover a dialogicidade da

---

<sup>1</sup> Site do QRCA - <https://qrca-net.org/>

contabilidade com outras áreas do conhecimento, especialmente porque a contabilidade é uma ciência social aplicada e comportamental. Empiricamente, o estudo contribui para a inserção na discussão contábil de conceitos da sociologia como uma ferramenta metodológica para a obtenção de reflexão sobre as comunidades de prática paradigmáticas em contabilidade de modo a desvelar o que ocorre nesse espaço.

No contexto do programa de pós-graduação, ao qual este pesquisador se vincula, destaca-se sua adequação à linha de Controladoria que, entre os eixos investigativos, dedica-se às pesquisas em educação contábil.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Comunidade de Prática: definições e características

Etienne Wenger <sup>2</sup>elabora diferentes definições para Comunidade de Prática em distintos momentos. Apresento, nessa seção, como o conceito de Comunidades de Prática foi tratado nas três principais obras do referido autor: Lave e Wenger (1991); Wenger (1998) e Wenger, McDermott e Snyder (2002).

No trabalho de Lave e Wenger (1991), na obra *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, os autores apontam que a aprendizagem deve ser pensada numa perspectiva que considera conjuntamente: a) a noção de prática, b) a pessoa e sua identidade, e c) o mundo social. Ao contrário da aprendizagem enquanto internalização, a aprendizagem em comunidade de prática considera a pessoa como um todo, agindo e interagindo com o mundo, sendo que a participação em uma comunidade de prática envolve sempre negociação e renegociação de significados e experiências que estão em constante interação e transformação.

Para Lave e Wenger (1991, p. 50), a teoria de prática social leva em si a “interdependência relacional entre agente e mundo, atividades, significados, cognição, aprendizagem e conhecimento. Enfatiza o caráter inerente e socialmente negociado do significado e o caráter interessado do pensamento e ação de pessoas em atividade”. Vemos então, que a aprendizagem está diretamente relacionada com a participação, que resulta numa transformação pessoal através das diversas possibilidades permitidas e contidas nessa prática social das comunidades, nas quais o pensamento e a ação das pessoas em atividade acabam compondo suas identidades.

A partir dessas noções, Lave e Wenger (1991, p. 98) definem comunidade de prática como sendo:

[...] um conjunto de relações entre pessoas, atividades, e mundo no decorrer do tempo e em relação com outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. Uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimentos, não somente porque ela provê um suporte de interpretação necessário

---

<sup>2</sup> Etienne Wenger é um pesquisador no campo da Teoria do Aprendizado e pioneiro na pesquisa sobre Comunidades de Prática, além de pesquisador e professor com PhD em inteligência artificial pela Universidade da Califórnia, em Irvine (EUA). É autor de diversos artigos e livros e auxilia organizações a aplicar as ideias das Comunidades de Prática através de consultorias, workshops e palestras.

para fazer sentido de sua herança. Deste modo, participação em uma prática cultural na qual qualquer conhecimento existe é um princípio epistemológico de aprendizagem. A estrutura social desta prática, suas relações de poder, e suas condições de legitimidade definem possibilidades para aprendizagem (i.e. para a participação periférica legítima).

A participação periférica legítima dentro da comunidade de prática permite “uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e também sobre atividades e identidades. Esse conceito diz respeito ao processo pelo qual os novatos se tornam membros de uma Comunidade de Prática” (LAVE; WENGER, 1991, p. 29). O processo de participação periférica legítima leva os novatos a participarem da comunidade, de maneira que aos poucos eles vão adquirindo conhecimento e prática, ao ponto de tornar sua participação plena nas práticas socioculturais de uma comunidade. Assim, “a perifericidade sugere que existem múltiplos, variados e mais ou menos engajados e inclusivos meios de estar localizado nos campos de participação definidos por uma comunidade.” (LAVE; WENGER, 1991, p. 36).

A perifericidade do termo participação periférica legítima ressalta a diversidade de relações que podem acontecer dentro de uma comunidade de prática, assim como as diferentes formas de pertencimento. Esse tipo de participação não deve ser entendido com uma conotação negativa, pois a compreensão de que há diferentes maneiras de se relacionar e de pertencer a uma comunidade de prática sugere um envolvimento crescente que leva a uma participação plena (ZACCARELLI, 2011).

O engajamento em uma comunidade de prática, por sua vez, se vincula ao entendimento da aprendizagem como um constituinte integral. Desta forma, não há uma participação periférica ilegítima. A legitimidade da participação é uma condição essencial para aprendizagem e também uma característica constitutiva de seu conteúdo. Assim a “aprendizagem não é meramente uma condição para ser membro, mas é em si mesma uma forma evolutiva (*evolving*) de tornar-se um membro de uma comunidade” (ZACCARELLI, 2011, p. 18).

Os propósitos de uma pessoa em aprender carregam em si seus engajamentos, e os significados da aprendizagem, aos poucos, vão tornando-a um participante efetivo em uma prática sociocultural. As diversas relações estabelecidas entre novatos e experientes através das atividades, identidades, conhecimento e

prática, buscam fomentar esse caminho para a participação efetiva e plena. Nesta concepção, a aprendizagem é, portanto, “um aspecto integral e inseparável da prática social”. (LAVE; WENGER, 1991, p. 31).

Cabe ressaltar que a participação periférica legítima tem algumas peculiaridades. As atividades em que os novatos resolvem participar exigem um nível menor de responsabilidade e podem consumir menos tempo, pois como são iniciantes, não há, a priori, uma auto obrigação de participação efetiva em atividades da comunidade. Mas ao passo que a pessoa se identifica com as práticas da comunidade, o conhecimento vai construindo sua identidade. Ou seja, o processo de aprendizagem modifica quem dele participa, através da “cultura da prática”. Assim a participação aos poucos se amplia e acaba por modificar a própria comunidade (LAVE; WENGER, 1991; ZACCARELLI, 2011).

O conceito de comunidade de prática envolvido na concepção da participação periférica legítima fez com que os autores Lave e Wenger (1991) formassem também o conceito de curriculum de aprendizagem. Uma gama de recursos e oportunidades de aprendizagem é produzida através da prática na comunidade. Quanto maior o engajamento do participante maior serão também os recursos e oportunidades de aprendizagem. Para Gherardi, Nicolini e Odella (1998, p. 280), o curriculum de aprendizagem “denota o padrão de oportunidades de aprendizagem disponíveis para novatos em seu encontro com uma comunidade específica dentro de uma organização específica”.

Outro ponto importante a se destacar sobre uma CoP é que seu desenvolvimento pode gerar possíveis conflitos entre seus membros, como quando uma participação periférica legítima se transforma em participação plena, acarretando numa mudança de *status* dos novatos, que se transformam em indivíduos experientes. Essa mudança de *status* pode culminar em uma competição entre os membros mais antigos e esses novatos, além da substituição de alguns membros diante dos movimentos constantes no interior da comunidade. A organização das atividades da comunidade, bem como a formação de identidades gera relações de competição dentro da comunidade, contribuindo para a formação de conflitos e tensões entre os membros mais experientes da comunidade de prática (LAVE; WENGER, 1991; ZACCARELLI, 2011).

Ao examinarmos a questão, nota-se que o processo de aprendizagem pode ser influenciado de alguma forma pelos conflitos e tensões existentes dentro da



comunidade de prática, podendo trazer conotações boas e ruins a depender das circunstâncias. Assim, podemos entender que: aprendizagem, transformação e mudança estão sempre juntas e são inerentes a uma comunidade de prática. Porém, ao passo que alguns ciclos terminam e a mudança acontece, traços das trajetórias anteriores são imbricados nos participantes efetivos de agora. Esses traços são elementos físicos, linguísticos e simbólicos que caracterizam as estruturas sociais e que constituem e reconstituem a prática dentro da comunidade ao passar do tempo (LAVE; WENGER, 1991; ZACCARELLI, 2011).

Num segundo momento, em 1998, no livro *Communities of Practice: learning, meaning and identity*, o conceito de comunidade de prática sofreu algumas modificações. O termo participação periférica legítima perde seu caráter quase que igualitário com o conceito de comunidade de prática, que passa a ser definido da seguinte forma:

Sentir-se vivo enquanto um ser humano significa que nós estamos constantemente engajados na busca/consecução de empreendimentos de todos os tipos, desde para assegurar nossa sobrevivência física até a procura de prazeres mais elevados. Na medida em que definimos estes empreendimentos e nos engajamos conjuntamente em sua busca, interagimos uns com os outros e com o mundo e afinamos nossas relações... Em outras palavras, nós aprendemos. No decorrer do tempo, esta aprendizagem coletiva resulta em práticas que refletem tanto a consecução de nossos empreendimentos quanto o atendimento de relações sociais. Estas práticas são então a propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo por uma busca sustentada de um empreendimento compartilhado. Faz sentido, então, chamar este tipo de comunidade, de comunidades de prática (WENGER, 1998, p. 45).

Nesse novo entendimento sobre comunidade de prática, os termos engajamento em conjunto e empreendimento compartilhado são elementos centrais na discussão das práticas na formação de uma comunidade.

Ao analisarmos as obras de Lave e Wenger (1991) - enfocando a participação periférica legítima -, e de Wenger (1998) - abordando o engajamento em conjunto e o empreendimento compartilhado - percebemos que mesmo com a mudança no conceito sobre CoP, os termos principais da teoria de comunidade de prática continuam presentes, sendo eles: a aprendizagem e a formação da identidade.

A prática deve então ser compreendida como um evento social, carregado de contexto e história, formadora da base e dos significados que congregam a

comunidade. Ou seja, é através da prática e dos seus atributos que as pessoas formam as comunidades e fazem as atividades inerentes à própria comunidade. Essa representatividade através da prática é carregada de elementos explícitos e implícitos – documentos, ferramentas, imagens, visões de mundo, intuição etc. Para Wenger (1998, p. 47) “o conceito de prática realça o caráter negociado e social do que existe de explícito e tácito em nossas vidas”.

A negociação dentro da comunidade de prática refere-se tanto à resistência quanto à maleabilidade, o sentir e ser sentido, afetar e ser afetado. É um processo dinâmico, passivo e ativo que engloba uma multiplicidade de perspectivas e significados que podem, ou não, contribuir para o fortalecimento da comunidade.

Outro aspecto da prática é o sentido de coerência que ela transmite à comunidade. Para Wenger (1998), três dimensões da prática, enquanto propriedades de uma comunidade são responsáveis por transmitir esse sentido de coerência: i) o engajamento mútuo - as pessoas se engajam juntas em ações que acreditam e através da negociação geram significados que são aprendidos e compartilhados. No engajamento mútuo há o comprometimento com os outros membros da comunidade, além de um espírito de cordialidade nas atividades desenvolvidas pelo grupo. O engajamento entre os membros da comunidade pode ocorrer de diversas formas, presencialmente, ou por uma conversa ao telefone, uma troca de mensagens pelo aplicativo, ou o envio de um e-mail.

ii) o empreendimento conjunto - como resultado da uma negociação as pessoas se envolvem em um empreendimento comum, o qual gera e direciona a energia social da comunidade. Para Wenger (1998, p. 82), o empreendimento em conjunto “é uma fonte de coordenação, de senso de fazer, de engajamento mútuo, como o ritmo de uma música”. Ele faz com que os membros se sintam pertencentes a um grupo, gerando um sentimento de responsabilidade mútua.

iii) o desenvolvimento de repertório compartilhado – o empreendimento conjunto cria, ao longo do tempo, um repertório que se constitui em recurso que foram criados e estão à disposição da comunidade. O repertório compartilhado pode ser entendido como modo de fazer as coisas, o uso de determinadas palavras e rotinas, um simbolismo próprio que é adotado durante o curso de existência da comunidade, e que combina aspectos de participação e reificação que são manifestados através dos discursos e estilos da comunidade (WENGER, 1998). “Pelos discursos, os membros criam e declaram o significado sobre o mundo; pelos

estilos eles expressam suas formas de relacionamentos e suas identidades como membros” (SILVA, 2004, p. 86).

Junto a essas três dimensões da prática, Wenger (1998) também apresenta um conjunto de 14 indicadores que permitem caracterizar a formação de uma Comunidade de Prática, sendo eles:

#### Quadro 1 – Indicadores da formação de uma comunidade de prática

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Relacionamentos sustentados mutuamente – harmoniosos ou conflituosos.</li> <li>2) Meios compartilhados de engajamento em fazer coisas juntos.</li> <li>3) Rápido fluxo de informação e propagação de inovação.</li> <li>4) Ausência de preâmbulos introdutórios, como se conversas e interações fossem meramente a continuação de um processo contínuo.</li> <li>5) Estabelecimento muito rápido de um problema a ser discutido.</li> <li>6) Sobreposição considerável de descrições dos participantes sobre quem pertence.</li> <li>7) Saber o que os outros sabem, o que eles podem fazer e de que maneira eles podem contribuir para o empreendimento.</li> <li>8) Definição mútua de identidades.</li> <li>9) Habilidade de avaliar a propriedade de ações e produtos (ser apropriável).</li> <li>10) Ferramentas, representações e outros artefatos específicos.</li> <li>11) Saber local, histórias compartilhadas, jogos/piadas, riso bem-informado.</li> <li>12) Jargões e atalhos para a comunicação, bem como facilidade de produzi-los.</li> <li>13) Estilos determinados reconhecidos como característicos de pertencimento.</li> <li>14) Discurso compartilhado que reflete uma certa visão de mundo.</li> </ol> |
|---|

Fonte: Wenger (1998, p.125).

Para Wenger (1998) a prática pode ser entendida como histórias compartilhadas de aprendizagem, ou seja, a prática carrega junto de si a aprendizagem. Assim, a comunidade de prática é constituída de ciclos que refletem processos de continuidade e descontinuidade, lembrança e esquecimento, sendo a prática, numa perspectiva temporal, vista como uma história do aprendizado, podendo engajar seus participantes em torno de um empreendimento compartilhado e desenvolvendo seu repertório, discursos e estilos.

Essas histórias não se restringem apenas para dentro da comunidade, mas podem ser consideradas histórias de articulação para fora da comunidade, tendo um papel de conexão com o resto do mundo. Assim extrapolam seus limites e se relacionam com outras comunidades, ou constelações de comunidades. É a prática da comunidade para além da comunidade, entendida como histórias compartilhadas de aprendizagem.

É importante, afirma Wenger (1998), construir um paralelo entre prática e identidade, pois a prática faz com que o indivíduo, ao longo do tempo, transforme seus hábitos e formas de agir dentro da comunidade em características próprias do

seu jeito de ser. Devemos entender as identidades, dentro de uma comunidade de prática, como complexas e em diferentes níveis de absorção, que se relacionam umas com as outras em um processo também complexo. Assim, a construção de uma identidade dentro de uma comunidade de prática tem aspectos fundamentalmente sociais entre sujeitos pertencentes à comunidade, combinando múltiplas formas de participação.

Já em 2002, Wenger, juntamente com os autores McDermott e Snyder, no livro *Cultivating communities of practice*, definem comunidades de prática como: “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um assunto, e que aprofundam seu conhecimento e domínio nesta área interagindo em uma base contínua” (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 4). Ao elaborarem o processo de constituição de uma comunidade de prática, os autores (2002, p. 4) afirmam que:

Estas pessoas não necessariamente trabalham juntas todos os dias, mas elas se encontram porque dão valor às suas interações. Na medida em que passam tempo juntas, tipicamente compartilham informação, *insight*, e aconselhamento. Elas se ajudam mutuamente a resolver problemas. Elas discutem situações, suas aspirações e necessidades, ponderam sobre assuntos comuns, exploram ideias e fazem sondagens. Elas podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos – ou podem simplesmente desenvolver uma compreensão tácita que compartilham. Entretanto, elas acumulam conhecimento, tornam-se informalmente ligadas pelo valor que elas atribuem a aprender conjuntamente. Este valor não é meramente instrumental para seu trabalho. Ele também advém da satisfação pessoal de conhecer colegas que entendem suas perspectivas entre si e de pertencer a um grupo interessante de pessoas. Com o passar do tempo, elas desenvolvem uma perspectiva única sobre seu tópico bem como um corpo de conhecimento, práticas e abordagens comuns. Também desenvolvem relações pessoais e estabelecem maneiras de interagir. Elas até podem desenvolver um senso de identidade comum, elas se transformam em uma comunidade de prática.

O entendimento de comunidade de prática nesse momento envolve um conjunto maior de práticas possíveis, quando comparado à primeira definição de Lave e Wenger (1991), juntamente com o conceito de participação periférica legítima. O termo “prática” perde destaque na definição de uma Comunidade de Prática proposta por Wenger, McDermott e Snyder (2002), mas ao mesmo tempo, os

autores incluem o fator paixão como algo que une a comunidade (RODRIGUES; SILVA; MISKULIN, 2017).

A combinação de três elementos fundamentais caracteriza a comunidade de prática: a) um domínio de conhecimento comum, b) uma comunidade formada por sujeitos que se preocupam com esse domínio, e c) que desenvolvem uma prática compartilhada de forma contínua com foco neste domínio.

O domínio produz um sentimento de identidade comum e, através da interação entre os sujeitos, o processo de aprendizagem se constitui em relações pautadas em confiança e respeito mútuo. Nesse sentido, o aprendizado que acontece com a vivência das práticas dentro da comunidade é produzido por uma mistura de ideias, histórias, documentos, ferramentas, linguagens, compreensões tácitas, entre outros elementos que são compartilhados entre os membros da comunidade. Segundo Wenger, McDermott e Snyder os autores (2002) são esses elementos os responsáveis pela própria formação da comunidade, por seus estágios de desenvolvimento e dificuldades e desafios que ocorreram ao longo do tempo.

No Quadro 2 são elencados os conceitos de comunidade de prática nos três momentos distintos: na sua formação por Lave e Wenger (1991), depois por Wenger (1998) e por último na concepção de Wenger, McDermott e Snyder (2002).

Quadro 2 - Evolução do conceito de comunidade de prática

Ano	Conceitos de comunidade de prática
1991	Uma comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades, e mundo no decorrer do tempo e em relação com outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. Uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimentos, não somente porque ela provê um suporte de interpretação necessário para fazer sentido de sua herança. Deste modo, participação em uma prática cultural na qual qualquer conhecimento existe é um princípio epistemológico de aprendizagem. A estrutura social desta prática, suas relações de poder, e suas condições de legitimidade definem possibilidades para aprendizagem (i.e. para a participação periférica legítima). (LAVE; WENGER, 1991, p. 98)
1998	Sentir-se vivo enquanto um ser humano significa que nós estamos constantemente engajados na busca/consecução de empreendimentos de todos os tipos, desde para assegurar nossa sobrevivência física até a procura de prazeres mais elevados. Na medida em que definimos estes empreendimentos e nos engajamos conjuntamente em sua busca, interagimos uns com os outros e com o mundo e afinamos nossas relações... Em outras palavras, nós aprendemos. No decorrer do tempo, esta aprendizagem coletiva resulta em práticas que refletem tanto a consecução

	de nossos empreendimentos quanto o atendimento de relações sociais. Estas práticas são então a propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo por uma busca sustentada de um empreendimento compartilhado. Faz sentido, então, chamar este tipo de comunidade, de comunidades de prática. (WENGER, 1998, p. 45)
2002	Grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um assunto, e que aprofundam seu conhecimento e domínio nesta área interagindo em uma base contínua. (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 4).

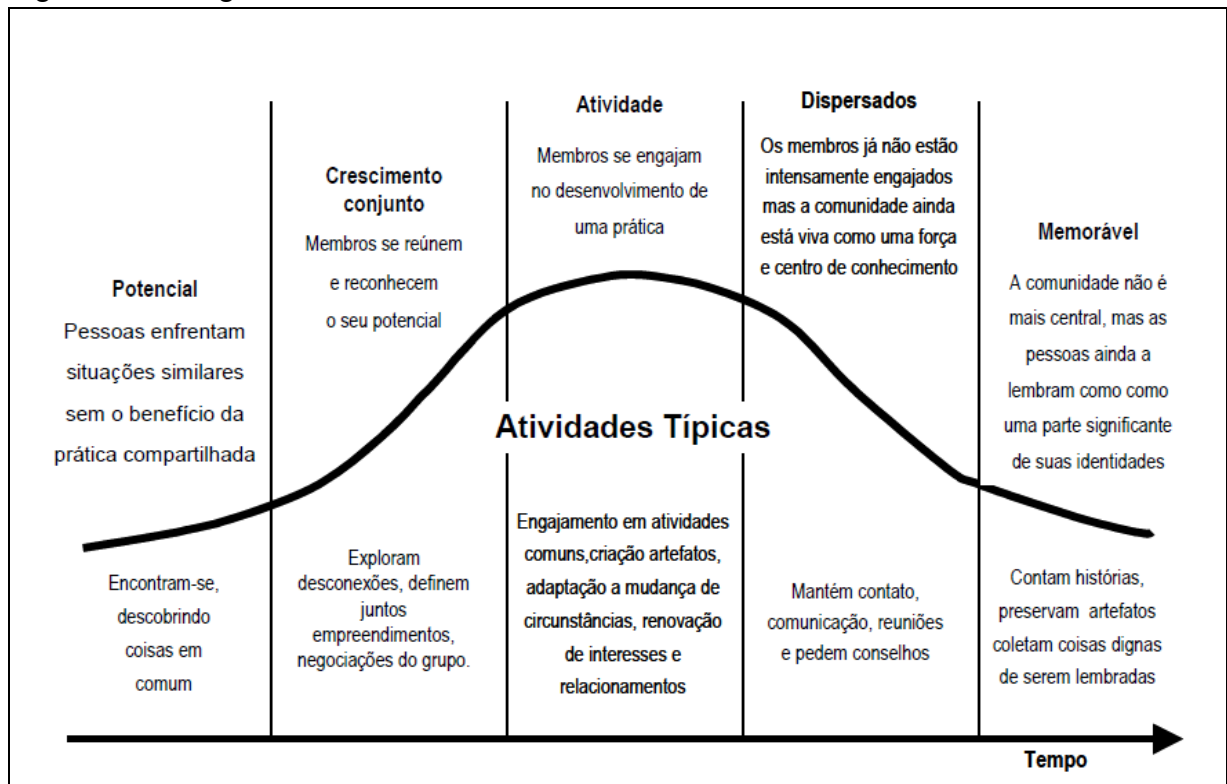
Fonte: Lave; Wenger (1991, p. 98); Wenger (1998, p. 45); Wenger, McDermott; Snyder (2002, p. 4).

Importante ressaltar que as CoP são grupos heterogêneos e que a partir das aspirações e dilemas compartilhados há a procura por respostas através de um engajamento mútuo de seus membros. Sobre isso, Wenger (1998, p. 48) destaca que “todos nós temos nossas próprias teorias e modos de entender o mundo, e nossas Comunidades de Prática são lugares onde nós os desenvolvemos, negociamos e compartilhamos”.

Ao buscarem por respostas, negociando, compartilhando e trabalhando em conjunto, os membros da CoP desenvolvem especialidades diversas, e assim conseguem resolver problemas, ganham reputação e se diferenciam uns dos outros na execução das tarefas e nas formas de compartilhamento. Cada membro pode assumir um papel diferente dentro da comunidade, de forma que alguns irão exercer uma autoridade constituída e aceita pelo grupo.

Cada membro da comunidade, através da sua participação e do seu engajamento nas práticas, vai aos poucos produzindo sua identidade, que é inter-relacionada com as outras de maneira que essa identificação contribui para que as pessoas se ajudem mutuamente na execução das práticas da comunidade. Conforme Wenger (1998), todo esse processo de compartilhamento de aspirações e dilemas, busca por respostas. O papel desempenhado dentro da CoP e a produção de identidade fazem parte do ciclo de vida da CoP, que é apresentado na Figura 1:

Figura 1 - Estágios de desenvolvimento de uma CoP



Fonte: Cabelleira (2007, p.11).

Em cada estágio de desenvolvimento de uma CoP existem algumas atividades que descrevem seu funcionamento. No estágio potencial as pessoas estão descobrindo suas possibilidades e seus interesses em comum; no próximo estágio de crescimento conjunto, os membros definem seus empreendimentos e se iniciam as atividades; no estágio seguinte, o das atividades, é considerado “ponto alto das Comunidades de Prática e quanto mais tempo manter-se em atividade, mais incorporada e alinhada a estratégia da organização ela está. Além disto, certamente conseguiu envolver as pessoas, pois são estas que as mantém vivas” (CABELLEIRA, 2007, p. 11). Já no estágio da dispersão o engajamento dos membros diminui, a comunidade continua viva, porém com menor intensidade, e no seu último estágio, o memorável, as pessoas se lembram da comunidade como uma parte significativa de suas identidades, contam histórias, preservam artefatos e relembram os resultados conquistados no passado. Cabe ressaltar que pode haver variações entre os estágios, especialmente entre o estágio das atividades e o estágio da dispersão, pois o maior estímulo dos membros do grupo pode manter e preservar a comunidade pode mantê-la ativa por mais tempo (WENGER, 1998).

### 2.1.1 Participação e reificação na Comunidade de Prática

O processo de aprendizagem em uma CoP, segundo Wenger (1998), se dá em um contexto social caracterizado por um processo de negociação de significados, que acontece na troca de experiências cotidianas de participação. Essa negociação de significados é formada por outros dois processos subjacentes: o de participação e o de reificação.

Segundo Wenger (1998, p. 56) a participação descreve a experiência social de se viver no mundo, no sentido de tornar-se membro e de se envolver. Para o autor “a participação é pessoal e social. [...] é um processo complexo que envolve o fazer, o conversar, o pensar, o sentir e o pertencer. Envolve todo o ser, incluindo o corpo, a mente, as emoções e as relações sociais”. No processo de participação está a chave para o entender as CoP, pois a participação nas atividades de uma CoP implica que seus membros têm um entendimento comum sobre o que ela representa e o que significa para suas vidas dentro e fora da comunidade.

A participação em uma CoP, no entanto, não significa que ela precise ter uma delimitação socialmente visível ou mesmo ser bem definida ou identificável. Dessa forma uma CoP pode ter diversos níveis de participação, como os que são apresentados por Wenger (2000) e destacados no trabalho de Ipiranga, Faria e Amorim (2008, p. 154):

[...] *núcleo principal* - um grupo de pessoas cuja paixão e envolvimento “oxigenam” a comunidade; *membro total* - indivíduos que são reconhecidos como praticantes, definem a comunidade e participam do núcleo principal; *participação periférica* - pessoas que pertencem à comunidade, mas com grau menor de envolvimento, tanto porque ainda são consideradas novatas, como porque não têm ainda muito compromisso pessoal com a prática; *participação transacional* (ou ocasional) - pessoas de fora da comunidade que, ocasionalmente, interagem com ela, visando a receber ou fornecer serviços - não são, necessariamente, membros da CoP; *acesso passivo* - uma ampla diversidade de pessoas que têm acesso aos artefatos produzidos pela comunidade, como suas publicações, seus sítios na Web ou suas ferramentas.

A aprendizagem social está pautada na participação, assim para os indivíduos quanto maior seu engajamento nas atividades das comunidades maior será seu aprendizado e sua participação nas práticas das comunidades em que eles fazem parte. Para as comunidades, por meio da participação e da aprendizagem, as



práticas são aprimoradas e garantem sua manutenção e continuidade, pois com a entrada de novas gerações de participantes há a perpetuação da prática (FERREIRA; HELAL; PAIVA, 2015).

Já a reificação utilizada por Wenger vem no sentido de tratar uma abstração substancialmente como existência, de tornar algo abstrato em concreto. Junto com a participação, a reificação é utilizada para descrever o engajamento das pessoas na busca da produção de significados (SILVA, 2004). Segundo Wenger (1998, p. 58) “etimologicamente, o termo reificação significa “tornar uma coisa””. Porém na língua inglesa a palavra tem outro sentido, sofrendo “uma reviravolta significativa: é usado para transmitir a ideia de que o que é transformado em um objeto material concreto não é propriamente um objeto material concreto”.

A reificação pode ser entendida como o processo de dar forma às experiências que vivemos; é a materialização de nossas experiências em objetos, não necessariamente concretos. Nesse processo de materialização estão incluídos “o fazer, o projetar, o representar, o nomear, o codificar e o descrever, assim como a percepção, a interpretação, o uso, o re-uso, a decodificação e o relançamento” (WENGER, 1998, p. 59).

Assim, toda a prática, toda experiência pode ser materializada de alguma forma, a reificação é uma forma de moldá-las, de torná-las materiais. Para tanto existe uma extensa variedade de formas: uma fotografia, a construção de uma casa, um software, uma encenação, um dizer, uma simples palavra, ou mesmo um argumento complexo de difícil entendimento (IPIRANGA *et. al*, 2005; SILVA, 2004).

Como destaca Wenger (1998, p. 62), “a participação e a reificação não podem ser consideradas de forma isolada. Elas formam um par. Elas formam uma unidade nas suas dualidades. Para entender um é necessário entender o outro”. Dessa forma, as CoP são caracterizadas pelo seu contexto sócio-histórico, onde o aprendizado social acontece através da participação e da reificação gerando a negociação de significados.

### **2.1.2 A negociação de significados e a aprendizagem na comunidade de prática**

Considerando que há uma relação estreita entre a aprendizagem social, em que o indivíduo vivencia de forma participativa seu aprendizado, e as CoP, na qual as experiências de participação refletem a natureza social dos seres humanos, em

que os saberes são negociados e geram novos conhecimentos, a participação e o aprendizado estão profundamente conectados. De maneira que, o processo de participação e reificação nas experiências vividas nas CoP possibilita uma gama de negociação de significados e conseqüentemente novos aprendizados e novos saberes (SILVA, 2004).

Para Wenger (1998, p. 53), o conceito de negociação sugere “negociar um preço”, mas não se limita a esse uso, é também uma troca, na qual as pessoas dão e recebem atenção, com o intuito de se chegar a um consenso. Assim, para que a negociação de significados seja mais fluida é preciso que as pessoas considerem alguns aspectos relacionados a viver com sentido, sendo eles:

- 1) um processo ativo de produção de significados que seja dinâmico e histórico ao mesmo tempo;
- 2) um mundo de resistência e maleabilidade;
- 3) a habilidade mútua de afetar e ser afetado;
- 4) um engajamento que leva em conta a multiplicidade de fatores e perspectivas;
- 5) a produção de resoluções (busca de soluções) para convergência de tais fatores e perspectivas;
- 6) compreender que cada resolução não é nada mais que uma tentativa incompleta, parcial, específica ou efêmera na busca de uma solução maior (WENGER, 1998, p. 53).

Juntamente com esses aspectos, e pela ótica da Teoria Social do Aprendizado, defendida por Wenger, o poder do aprendizado nas CoP encontra-se na integração de quatro componentes – o significado, a prática, a comunidade e a identidade, sendo que:

- Significado – É a maneira como as pessoas falam sobre habilidades, (individuais ou coletivas) de experimentar a vida e o mundo de forma significativa;
- Prática – É a forma de falar de recursos historicamente ou socialmente compartilhados, de estruturas que podem sustentar o engajamento mútuo nas ações em organizações de trabalho;
- Comunidade – É a forma de falar sobre as configurações sociais nas quais os empreendimentos são vistos como possuidores de valor e a participação de um membro é reconhecida como competência;
- Identidade – É a maneira de falar sobre como o aprendizado muda a pessoa e cria histórias pessoais de pertencimento no contexto das comunidades que ela participa (WENGER, 1998, p. 5).

Os quatro componentes estão profundamente interconectados e se definem mutuamente. Assim em uma CoP o domínio sobre determinado assunto ou interesse

norteará as práticas que serão realizadas, e concomitantemente o aprendizado. O foco no domínio trabalhado pela CoP pode ser determinante para atrair e manter o interesse do grupo e de novos entrantes (RODRIGUES; SILVA; MISKULI, 2007).

## **2.2 Caracterização paradigmática do campo de pesquisa contábil**

A fim de caracterizar as abordagens mais utilizadas no campo de pesquisa contábil utilizamos o modelo paradigmático de Burrell e Morgan (1979) por considerar relevante e oportuna a explicação dos autores acerca dos diferentes paradigmas das ciências sociais. Porém, as limitações e as críticas feitas a este modelo são consideradas, buscando ampliar a discussão a partir do trabalho de Hopper e Powell (1985), que apresentam uma estruturação da pesquisa em contabilidade que modifica e amplia os entendimentos propostos por Burrell e Morgan (1979).

Cabe ressaltar, que no âmbito geral do campo científico existem outros paradigmas que não estão compreendidos nesse modelo analítico, além de outras formas possíveis para se realizar tal caracterização, mas a opção pelo modelo de pesquisa em contabilidade proposto por Hopper e Powell (1985) se justifica, pois abarca a maioria das escolhas paradigmáticas feitas no campo de pesquisa contábil até o presente momento.

### **2.2.1 Modelo paradigmático de Burrell e Morgan (1979)**

Um paradigma pode ser entendido como uma realização científica que é reconhecida de forma universal em determinado lapso temporal, fornecendo problemas e soluções que podem ser utilizados por uma comunidade de praticantes de certa ciência (KUHN, 1978). O paradigma também pode ser entendido como uma perspectiva geral ou maneira de pensar que reflete em crenças e suposições fundamentais relativas à natureza das organizações, representando uma relação “muito forte” podendo ser classificado como uma conjunção ou disjunção, sendo aparentemente de natureza lógica (KUNH, 1978).

Burrell e Morgan (1979) ao tratarem os diversos paradigmas que podem ser utilizados na área de administração, criaram um *Framework*, considerando duas dimensões: ciência social e natureza da sociedade. A dimensão da ciência social classifica-se em objetiva e subjetiva. Já a dimensão de natureza da sociedade considera que diferentes teorias ocasionam perspectivas distintas. Assim, para

Burrell e Morgan (1979), desde a década de 1950, há o predomínio de duas escolas que dominam o pensamento sociológico: teoria da ordem e do conflito. Os autores propõem que as diferenças entre ordem e conflito sejam abordadas de forma mais explícita e radical e com uma terminologia diferente, levando à criação da segunda dimensão, qual seja, a dimensão subjetiva.

A visão objetiva e subjetiva considera os aspectos ontológicos, epistemológicos, natureza humana e natureza metodológica (BURRELL; MORGAN, 1979). Quanto aos aspectos ontológicos, a pesquisa objetiva é realista, isto é, a realidade externa existe por si mesma, sendo única e universal e pode ser mensurada com medidas objetivas, cujos resultados podem ser generalizados. Já a pesquisa subjetiva é nominalista, não sendo universal nem mensurada, possuindo significado diferente para cada indivíduo, cujos resultados não podem ser generalizados. No aspecto epistemológico, os objetivos são considerados positivistas, cuja análise do fenômeno é de fora, onde o indivíduo atua como observador. A visão subjetiva é considerada anti-positivista, sendo algo etéreo espiritual que permite aprender mais sobre o estoque do conhecimento, onde o pesquisador experimenta o fenômeno em análise (BURRELL; MORGAN, 1979).

A natureza humana se refere à relação entre os seres humanos e seus ambientes. Na visão objetiva, os seres humanos são considerados deterministas, pois respondem deterministicamente às questões do mundo externo e dos seres humanos, cujas experiências são consideradas como produtos do meio ambiente. Já na visão subjetiva, os seres humanos são considerados voluntaristas, possuindo papel mais criativo, pois são criadores e influenciadores do seu ambiente. E por fim, a natureza metodológica considera que diferentes ontologias, epistemologias e natureza humana levam os cientistas sociais para diferentes metodologias. Na visão objetiva, há os nomotéticos, cujas técnicas e protocolos seguem um rigor científico, com uso intenso de técnicas quantitativas para a análise dos dados. Na visão subjetiva, os ideográficos consideram que o entendimento do mundo social é possível mediante o conhecimento obtido do sujeito sobre investigação, com uso intenso de técnicas qualitativas (BURRELL; MORGAN, 1979).

Na segunda dimensão temos a regulação (ordem), a qual explica a sociedade em termos que enfatizam a sua subalternidade, unidade e coesão. Para tanto, a principal preocupação é com o *status quo*, ordem social, integração e coesão social. Já a mudança radical busca o fornecimento de explicações sobre as mudanças,

fundamentos estruturais do conflito, sendo que a sociedade tem preocupação com a emancipação do homem de suas estruturas que o limita. Logo, nessa dimensão, há preocupação com a mudança radical, conflito estrutural, modelos de dominação, privação e potencialidades (BURREL; MORGAN, 1979).

A partir dessas duas dimensões, Burrel e Morgan (1979) propuseram a criação de um *Framework* para a determinação dos paradigmas em pesquisas sociais. Os quatro paradigmas são: funcionalista, interpretativista, humanista radical e estruturalista radical. Para melhor exemplificação da estrutura, a Figura 2 apresenta o desenho do Framework proposto pelos autores.

Figura 2- Framework de Burrel e Morgan (1979)



Fonte: Burrel e Morgan (1979, p. 22).

O paradigma funcionalista é a junção da dimensão objetiva e da regulação. Nesse paradigma, os pesquisadores são positivistas, e preocupam-se em fornecer informações principalmente quanto ao *status quo* e a ordem social. A mudança é usada para manter a ordem e o equilíbrio da sociedade, cujos modelos usados normalmente trabalham com técnicas estatísticas, e visam fornecer generalizações dos resultados encontrados (BURREL; MORGAN, 1979). Segundo Baxter e Chua (2003) e Lukka (2010), as pesquisas em contabilidade, normalmente, estão mais concentradas nesse paradigma.

O próximo paradigma proposto por Burrel e Morgan (1979) é o interpretativista que, em essência, não é positivista e trabalha com o conceito de regulação da sociedade. Nesse paradigma, busca-se uma explicação por meio da subjetividade individual, visto que o mundo social é um processo emergente criado pelos indivíduos envolvidos. Há ainda uma preocupação com a teoria da regulação, buscando entender a essência do cotidiano humano.

Em sequência, tem-se o paradigma humanista radical que, assim como o interpretativista, é focado no subjetivo. Nesse paradigma, há uma crítica sobre o homem ser dominado por uma superestrutura ideológica com a qual interage. Para os teóricos, a sociedade é considerada como anti-humana e se preocupa com a articulação de formas pelas quais o homem possa transcender os laços espirituais e correntes que vinculam os padrões sociais existentes (BURREL; MORGAN, 1979).

O último paradigma apresentado por Burrel e Morgan (1979) é o estruturalista radical, que na dimensão natureza da ciência social, utiliza-se do polo objetivo, sendo os teóricos positivistas. Em decorrência de estar no polo da mudança radical, os teóricos se preocupam em fornecer explicações sobre mudança radical, conflito estrutural, modo de dominação e contradições. Os pesquisadores exploram as ideias de Marx e Weber, gerando a teoria do conflito.

### **2.2.2 Críticas ao modelo de Burrel e Morgan (1979) e a estrutura para pesquisa em contabilidade de Hopper e Powell (1985)**

Chua (1986) critica o *Framework* elaborado por Burrel e Morgan ao destacar que ele apresenta regras mutuamente exclusivas, dicotômicas, como determinismo versus voluntarismo, fazendo com que a escolha paradigmática seja engessada, além de não oferecer tentativas filosóficas de superar tais dicotomias. Para Chua (1986), o trabalho de Burrel e Morgan (1979) também faz uma leitura contraditória de Kuhn (1978), ao citar o autor para esclarecer que a escolha paradigmática pode não ser justificada em critérios racionais e científicos, propondo uma interpretação de Kuhn como encorajador do irracionalismo.

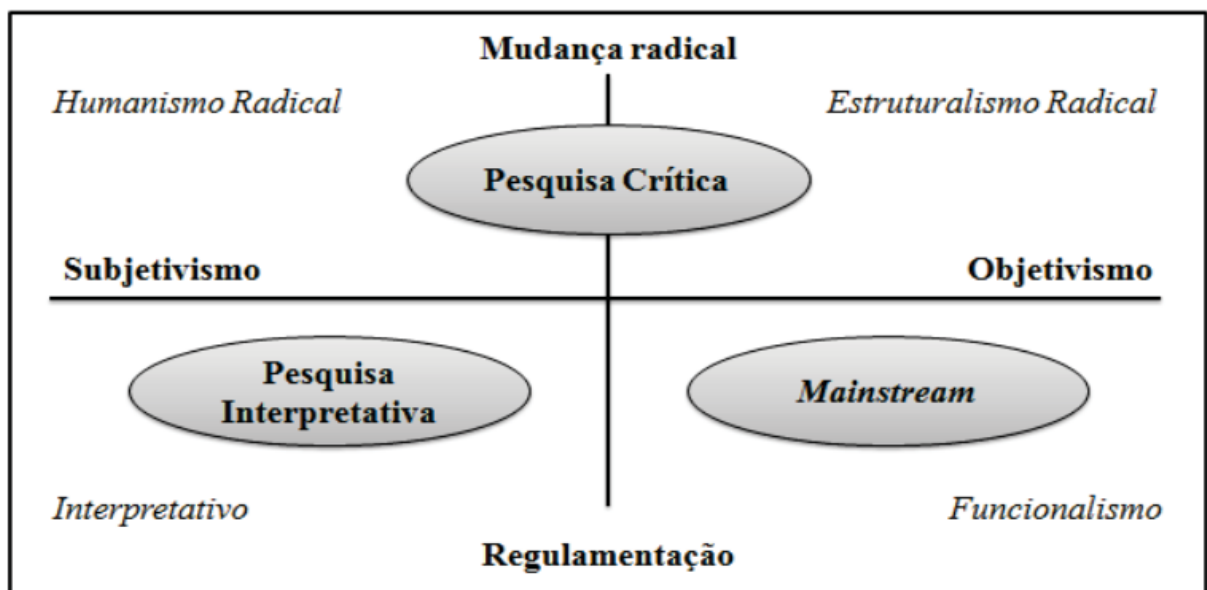
Ao fazerem tal afirmação, Burrel e Morgan (1979) perdem de vista a ideia principal de Kuhn que é criticar as noções tradicionais do que se constitui uma escolha científica racional, propondo uma modificação nos critérios de escolha paradigmática. Para Kuhn (1978), alguns critérios avaliativos listados por filósofos da ciência, como a precisão, a simplicidade e a fecundidade, são importantes, porém não são fixos e universais, devendo ser usados com ponderação e ampliados se necessário.

Outras considerações ao *Framework* de Burrel e Morgan são feitas por Hopper e Powell (1985), ao destacarem que a separação do estruturalismo radical do humanismo radical não é bem suportada dentro da própria sociologia, além de

apresentar uma leitura contenciosa de Marx, que não contempla a integração das perspectivas estruturalista e idealista dos trabalhos do autor. Em uma tentativa de ampliação do *Framework* de Burrell e Morgan, Hopper e Powell (1985) propõem uma outra estruturação para a pesquisa em contabilidade, na qual há a junção do estruturalismo radical com o humanismo radical, formando três categorias de pesquisa em contabilidade: a pesquisa crítica; a pesquisa interpretativa e a pesquisa *mainstream* (Figura 3).

Além disso, a estrutura para a pesquisa em contabilidade formulada por Hopper e Powell (1985) é abrangente e permite um posicionamento paradigmático intermediário, ou seja, não há posições dicotômicas que restrinjam o conhecimento de forma isolada, o que possibilita uma pluralidade paradigmática. Para Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 104), “As três categorias de pesquisa em contabilidade diferem no que se refere a crenças sobre o conhecimento, sobre a realidade social e sobre o relacionamento entre teoria e prática, gerando um cenário que acomoda possibilidades plurais de conhecimento”. A Figura 3 apresenta a estrutura de pesquisa em contabilidade proposta por Hopper e Powell (1985).

Figura 3 - Estrutura de pesquisa em contabilidade proposto por Hopper e Powell (1985)



Fonte: Ryan *et al.* (2002, p. 40) *apud* Lourenço e Sauerbronn (2016, p.104).

É preciso considerar que a escolha paradigmática parte, ou deveria partir, de conceitos filosóficos, ontológicos, epistemológicos, anteriores à pesquisa empírica. Ao escolher sua abordagem de pesquisa, o pesquisador contábil deve reconhecer

que o debate envolvido na sua escolha carrega suas crenças e ideias, e que a discussão paradigmática não é imparcial. Como já afirmamos anteriormente, apesar da contabilidade ser multiparadigmática, ela é dominada pela abordagem positivista, que prevalece na pesquisa contábil, sendo fundamentada na visão econômica (LUKKA, 2010). Isso significa que existe todo um aparato ideológico que sustenta e legitima essa dominação, fazendo com que haja uma concentração das pesquisas no âmbito do positivismo e não uma distribuição equitativa com os demais paradigmas possíveis.

### **2.2.3 Considerações sobre os paradigmas interpretativo e crítico**

O paradigma interpretativo é descrito por Smith (2011) como pautado em estudos que buscam o entendimento subjetivo dos indivíduos, considerando a possibilidade de existência de diferentes realidades, que exigem habilidades sociais, linguísticas e cognitivas do pesquisador. Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) destacam que “os interesses inerentes à pesquisa interpretativa são compreender, no nível da linguagem ordinária e ação, e descobrir os significados e crenças subjacentes às ações dos outros”.

No que se refere ao paradigma crítico, Lourenço e Sauerbronn (2016) ressaltam que ele é composto por estudos interpretativos que se debruçam por contextos em que existem múltiplas realidades que apresentam diferentes problemáticas. As autoras (2016) afirmam que esses estudos são realizados a partir da observação interpretativa e de uma autorreflexão crítica sobre a própria observação. Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) destacam ainda que nas pesquisas críticas, “o resultado da pesquisa é o conhecimento que se insere no quadro interpretativo, mas que também serve o objetivo de auxiliar a libertação e entendimento pessoal, e emancipação das forças que limitam a independência racional dos indivíduos”.

Baker e Bettner (1997) destacam que a principal distinção entre uma pesquisa interpretativa e uma crítica é a disposição da pesquisa crítica em assumir uma posição particular em relação ao propósito da pesquisa, buscando por implicações políticas e sociais caracterizadas pela crítica e pela mudança. Homero Júnior (2021) diferencia o paradigma crítico do interpretativo ao ressaltar que a pesquisa crítica tem um comprometimento com a noção de justiça social, sendo caracterizado por



um sentido de mudança, rejeitando a neutralidade como valor norteador da pesquisa. Nesse sentido, Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 105), baseadas em Ryan, Scapens e Theobald (2002), apresentam pressupostos ontológicos e epistemológicos que diferenciam a pesquisa interpretativa da pesquisa crítica como visto no Quadro 3:

Quadro 3 - Pressupostos ontológicos e epistemológicos de pesquisa contábil Interpretativa e Crítica

	Pesquisa contábil interpretativa	Pesquisa contábil crítica
Crenças sobre o conhecimento	“Teoria fornece explicações das intenções humanas. Sua adequação é assegurada por consistência lógica e interpretação subjetiva”.	“Critérios para julgar teorias são sempre temporais e ligados ao contexto. Objetos sociais somente são entendidos por meio do estudo de sua evolução dentro da totalidade das relações”.
Crenças sobre a realidade física e social	“Realidade é socialmente criada e objetivada por meio da interação humana. A ação humana é intencional e tem significado no contexto social e histórico. A ordem social é suposta e os conflitos mediados por meio de significados compartilhados”.	“Realidade empírica é caracterizada como objetiva, mas é transformada e reproduzida através da interpretação subjetiva. Intenções humanas e racionalidade são aceitas, mas devem ser criticamente analisadas por que o potencial humano é alienado pela falsa consciência e ideologia. O conflito social é endêmico”.
Relação entre a teoria e a prática contábil	“A teoria contábil busca explicar a ação e entender como a ordem social é produzida e reproduzida”	“Teoria tem um imperativo crítico; em particular a identificação e a remoção da dominação e práticas ideológicas”.

Fonte: Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 105).

Mesmo com essas diferenças retro apresentadas, Gendron (2018), salienta que os limites entre ambos os paradigmas interpretativo e crítico são tênues e eles por vezes são frequentemente confundidos por compartilharem de bases epistemológicas semelhantes. Para Homero Júnior (2021), a junção desses dois paradigmas sobre a mesma ótica possui méritos de ordem pragmática, principalmente pela incipiência de seus usos na pesquisa contábil brasileira.

O uso desses dois paradigmas é frequentemente atribuído à realização de pesquisas com uma abordagem qualitativa, porém é necessário tomar cuidado com essa afirmação. Mesmo considerando que a utilização dos paradigmas interpretativo e crítico implique o uso de uma abordagem qualitativa é preciso se atentar ao que considero pesquisas qualitativas positivistas. Desse modo, deve-se ter atenção, pois

por vezes uma pesquisa com abordagem qualitativa pode ser imediatamente entendida como uma pesquisa interpretativa, ou mesmo crítica, quando na verdade é uma pesquisa positivista.

Prasad (2005) atenta para realização de pesquisas que utilizam metodologias consideradas não quantitativas, como a observação, as entrevistas e o grupo focal, mas que carregam nas suas análises e interpretações com premissas positivistas convencionais. Colaborando com essa análise, Crotty (1998, p.41) considera que:

Quando os pesquisadores dizem, como frequentemente fazem, em explorar significados por meio de métodos qualitativos e depois “confirmam” ou “validam” suas descobertas por meio de um estudo quantitativo, eles estão privilegiando os últimos de uma maneira completamente positivista. O que transforma seu estudo em um trabalho positivista não é o uso de métodos quantitativos, mas a atribuição de objetividade, validade e generalizabilidade a descobertas quantitativas.

Acredito que os pesquisadores e pesquisadoras interpretativos e críticos qualitativos que buscam fomentar o aumento de pesquisas com essas características devam, individualmente ou coletivamente (através de uma comunidade, por exemplo), ser cuidadosos para que premissas positivistas influenciem a avaliação, publicação e divulgação de pesquisas qualitativas interpretativas e críticas. Assim, demandas como, redução de viés, protocolos e triangulação, podem, por vezes, acarretar uma objetivação que não é característico de pesquisas que buscam subjetivamente interpretar a realidade social (CROTTY, 1998, DENZIN; LINCOLN, 2011, HOMERO, 2021, PRASAD, 2005).

Para contestação dessas premissas positivistas que são usuais nas práticas de pesquisa contábil, os pesquisadores e pesquisadoras interpretativos e críticos devem desenvolver iniciativas individuais e em grupo, com a formação de redes e de comunidades que tenham por objetivo fomentar e ampliar os espaços das abordagens interpretativas e críticas dentro do campo de pesquisa contábil.

Para Homero Júnior (2021, p. 235), os pesquisadores e pesquisadoras interpretativos e críticos “limitam-se a temas periféricos no campo, é, em grande parte, voluntária, denotando uma busca por uma zona de conforto que minimize os riscos inerentes à adoção de estratégias de contestação no campo científico.” Concordando com o autor (2021), acredito que os pesquisadores e pesquisadoras

interpretativos e críticos devam, cada vez mais, adotar estratégias que subvertam a legitimação e dominação do campo de pesquisa contábil.

Para tanto, são necessárias algumas ações que promovam essa mudança, como apresentam Magrini *et al.* (2022): a) promovam práticas que garantam o respeito ao contraditório nas diferentes etapas formativas no campo da contabilidade, estimulando a diversidade e a convivência entre as diferentes de formas de se compreender a realidade; b) investimento no caráter de multiplicidade paradigmática na formação dos pesquisadores e professores no campo contábil, evidenciando as teorias e métodos de análise da realidade social, que proporcionam variados entendimentos acerca dos fenômenos estudados; c) estímulo, nos programas de pós-graduação e nos programas de iniciação científica, à realização de pesquisas interpretativas e críticas; d) incentivo a uma política editorial que contemple a publicação de artigos com abordagens diferentes do *mainstream*.

A promoção das ações retro mencionadas e de outras são importantes para que a pesquisa interpretativa e crítica contábil tenham uma maior valoração e alcance espaços e dimensões que até então não foram contemplados no cenário da pesquisa contábil no Brasil e em outros países da América Latina.

Considerando os pressupostos apresentados sobre Comunidade de Prática na pesquisa e a discussão sobre a pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade, faz-se necessário a definição do que seja uma Comunidade de Prática Paradigmática, termo usado para caracterizar uma comunidade de prática que tem como objetivo a utilização de um ou mais paradigmas. Dessa forma, acredito que uma comunidade de prática paradigmática é: formada por um conjunto de pessoas, pesquisadores (as), professores (as) e alunos (as), que se engajam mutuamente em busca de empreendimentos que visam uma aprendizagem coletiva através do desenvolvimento de pesquisas e práticas que são realizadas em torno de um ou mais paradigmas com o intuito de criar e divulgar um repertório compartilhado que possibilite o aumento da comunidade através da identificação, da sua manutenção e da sua conexão com outras comunidades ou grupos.

Assim, propõe-se nesta pesquisa compreender quais elementos constituem o QRCA em uma comunidade de prática paradigmática que busca por meio de suas ações o desenvolvimento e divulgação de pesquisas e práticas que tenham por objetivo fomentar a pesquisa qualitativa interpretativa e crítica.

Feitas as considerações sobre a pesquisa interpretativa e crítica, acredito ser importante apresentar neste trabalho considerações [críticas] sobre o *mainstream* contábil e suas limitações.

#### **2.2.4 O *mainstream* contábil: limitações e críticas**

O *mainstream* pode ser entendido como resultado de uma tendência dominante no meio científico, capaz de gerar um conjunto uniforme de citações e publicações que visam o uso e a ampliação de determinada abordagem ou assunto sempre de maneira similar. Essa lógica possibilita o surgimento de uma 'elite da profissão', em que os pesquisadores que apresentam continuamente contribuições significativas para a área são considerados os construtores do *mainstream*, atribuindo assim, essa lógica de 'elite' difundida em nível das instituições e universidades (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004).

Para Zimmerman (2001), um dos precursores da corrente de pensamento conhecida como Teoria Positiva da Contabilidade, o *mainstream* contábil é demarcado pelo emprego de concepções econômicas predominantes nos Estados Unidos. Estas concepções, explica Bueno (2006), estão fortemente apoiadas no positivismo econômico de Friedman (1967), cujas raízes repousam em Keynes (1891), que por sua vez perpassam as ideias do pensador francês Auguste Comte (1798-1857). De acordo com Hopwood (2002) as reflexões de Zimmerman formam a base do *mainstream* contábil e evidenciam a influência das linhas de pesquisa econômicas norte-americanas. Silva (2019) aponta que o *mainstream* contábil é uma versão do *mainstream* econômico americano, mas que no caso da contabilidade, ao não considerar as restrições de visão economicista da sociedade, tem a intenção de ser hegemônico.

Os pesquisadores contábeis com o objetivo de explicar e prever a prática contábil fazem uso do raciocínio dedutivo, como forma de construir mecanismos de predição das ações aceitáveis aos profissionais contábeis. A essência ontológica nos estudos contábeis é entender a realidade de forma objetiva, construindo, a partir deste entendimento, pesquisas teórico-empíricas baseadas em teorias que detêm a aceitação da comunidade científica. Como resultado do uso da abordagem positivista, os pesquisadores contábeis esperam formular estudos capazes de serem

falseados recebendo assim a legitimidade no campo científico (BOURDIEU, 2004; WANDERLEY; CULLEN, 2012).

Seguindo uma tendência mundial iniciada nos Estados Unidos, a pesquisa em contabilidade no Brasil, a partir do começo dos anos 2000, empregou efetivamente a abordagem positivista na maioria dos seus trabalhos, como aponta a pesquisa de Theóphilo e Ludícibus (2005). Sobre esse aspecto, os autores (2005, p. 165) comentam que “os ‘estudos positivos em superfície’ passaram a ter forte predomínio nas escolhas dos pesquisadores. A mudança para esse tipo de estudo é natural, visto que ele representa um contraponto aos estudos ‘normativos em profundidade’, característica da fase anterior”.

Sobre a mudança de abordagem, Martins (2005, p. 3) ressalta que o Positivismo “virou símbolo de pesquisa científica em Contabilidade; o domínio da estatística e da matemática capazes de comprovar ou não hipóteses passou a ser tão importante (às vezes mais, infelizmente) quanto o conhecimento da Contabilidade propriamente dita”. Percebe-se assim, que os pesquisadores brasileiros em contabilidade passaram a considerar a abordagem positiva como um critério definidor na construção de seus trabalhos, ao utilizarem modelos estatísticos robustos que confirmassem as relações causais entre os procedimentos contábeis. Nesse sentido, ao darem ares de ciência natural aos seus trabalhos, os pesquisadores procuravam cientificizar a pesquisa contábil, numa tentativa de atribuir-lhe mais autoridade científica.

Para Homero Júnior (2017a, p. 325), a dominação da abordagem positivista pode ser interpretada pela falta de autonomia do campo de pesquisa contábil perante o campo profissional, visto que a organização da profissão ocorreu antes mesmo que cursos superiores fossem estabelecidos, e com isso “[...] as posições de destaque no meio acadêmico, ao longo dos anos, foram ocupadas por indivíduos com atuação destacada também no campo profissional [...]”. Desde a gênese na formação que preparava para o mundo do trabalho prevaleceu os discursos do campo profissional sobre o campo acadêmico e científico, predominando a visão da teoria econômica neoliberal, fortemente ligada à abordagem positivista, compromissada com os interesses do mercado e do capital.

Ao analisar os fatos relatados até então sob a ótica de Bourdieu, é notório que os agentes dominantes do campo de pesquisa contábil no Brasil adotaram uma estratégia de conservação ao migrarem da abordagem normativa para a positiva,

com o intuito de preservar e perpetuar a lógica estabelecida, no caso o discurso científico positivista. Sob a égide da autoridade científica instituída, a estratégia de conservação inclui o controle, a preservação e manutenção das instituições responsáveis pelos meios de ensino e circulação das pesquisas contábeis, corroborando com o habitus dominado pelo *modus operandi* positivista.

Para Chua (1986) o *mainstream* contábil assumiu um conjunto de pressupostos ontológicos sobre questões científicas elementares que envolvem o que é a realidade, como se dá o acesso à verdade e qual o tipo de raciocínio científico que deve ser empregado na produção do conhecimento. Ao eleger esses pressupostos como a maneira padrão de se praticar a ciência contábil, automaticamente excluiu-se uma série de outros problemas a serem considerados e de métodos a serem empregados.

Baker e Bettner (1997) consideram que ao longo dos anos formou-se uma ciência contábil baseada no positivismo, fomentada exclusivamente em métodos quantitativos. Na maioria dos casos, essa combinação produziu conhecimentos limitados à legitimação do poder institucional, fortalecendo mitos, mascarando conflitos e perpetuando uma ordem social falsa, não condizente com a realidade.

Sobre os profissionais da contabilidade, Macintosh (2009) ressalta que os contadores ao acreditarem estar representando uma realidade objetiva no emprego de seus relatórios, como na abordagem *mainstream*, estão sendo ingênuos ao desconsiderarem aspectos subjetivos que podem levar a incongruências nos relatórios. Para o autor, o foco no *mainstream* contábil conduz os contadores a pensarem que estão produzindo relatórios condizentes com a verdade através de uma linguagem transparente e neutra, quando na realidade, estão dessa forma servindo a uma elite contábil, social e econômica.

Na academia, Lukka (2010) assegura que uma das consequências marcantes da dominação da pesquisa positiva na contabilidade é o fato de pesquisadores não *mainstream* serem marginalizados, tanto nos espaços de pós-graduação, quanto nas chamadas dos meios de comunicação científica, os quais no interesse de sustentar o *mainstream* não aceitam outro tipo de pesquisa que não seja a pesquisa positivista. Para o autor (2010), esses mecanismos de dominação limitam a diversidade do pensamento contábil.

O fato de o *mainstream* contábil conduzir a pesquisas que consideram apenas aspectos ligados à economia, faz com que diversos outros temas importantes que

devem ser tratados pela ciência contábil, sejam deixados de fora da discussão, como destacam Gray, Dillard e Spence (2013). Villers e Fouché (2015) asseguram que a limitação do olhar do pesquisador contábil positivista exclui e sufoca questões sociais, imprescindíveis para o debate contábil, que podem e devem ser trabalhadas através de perspectivas sociológicas, de forma a contribuir com a ampliação dos conhecimentos na área contábil.

Ao considerar a limitação da pesquisa contábil subordinada a aspectos econômicos, considerando uma perspectiva objetiva da realidade, Mendes, Fonseca e Sauerbronn (2020) entendem que há uma colonização das reflexões contábeis, que resulta em todo um processo que domina a forma de se entender a construção dos conceitos na contabilidade. Sobre esse processo, Hopwood (2007) evidenciou que o campo de pesquisa contábil americano é dominado por uma “elite” que procura sustentar o *status quo* acadêmico adquirido com a ascensão do positivismo na área. Já no Brasil, Homero Júnior (2017b) destaca que há um monopólio positivista da autoridade científica como uma característica marcante do campo de pesquisa contábil, evidenciando a colonização das reflexões contábeis pela dominação da pesquisa positivista.

Para Andrew, Cooper e Gendron (2020) a dominação no campo contábil procura marginalizar outras perspectivas que não se encaixem nas características tradicionais. Para os autores, ao sufocar outras ontologias e epistemologias cientificamente aceitas, que poderiam e deveriam ser mais bem aproveitadas na construção de novos conhecimentos contábeis, restringe-se o pensamento contábil.

### 3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Dada a dimensão subjetiva inerente à compreensão da realidade por parte do autor desta pesquisa e levando em conta o entendimento de que a mesma decorre da ação humana, fluindo mediante um contexto social (CROTTY, 1998), esta pesquisa se constitui como qualitativa interpretativa, tendo como percurso metodológico a realização de uma análise do *site* do *Qualitative Research and Critical Accounting* (QRCA) e da programação dos encontros anuais realizados pela comunidade entre 2018 e 2022, além de 14 (catorze) entrevistas. Ambas as ações buscaram responder aos anseios propostos na introdução da pesquisa, que são compreender os elementos que caracterizam a formação e a manutenção de uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo o estudo da ação humana e seus significados, buscando as características situacionais de determinada realidade social e tendo como aspecto relevante a proximidade entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa se contrapõe ao método quantitativo que objetiva a independência do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo, não considerando o contexto da percepção (BAUER; GASKELL, 2000; FRASER; GONDIM, 2004; POWER; GENDRON, 2015; RIBEIRO, 2008).

Os significados encontrados a partir da pesquisa qualitativa levam em conta os aspectos subjetivos, ou seja, a pesquisa qualitativa deve interpretar o que passa na mente consciente e/ou inconsciente do sujeito, levando em consideração as regras, normas e crenças compartilhadas por esse sujeito com as pessoas inseridas em seu contexto sociocultural. O pesquisador qualitativo está interessado no processo e não apenas nos resultados, tendo o interesse em analisar como determinada ação se manifesta, seus procedimentos e interações diárias. Isso porque “não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações”. (GODOY, 1995, p. 63).

Considerando o exposto, a pesquisa qualitativa, segundo Garnica (2004, p. 86), deve ter as seguintes características:

- (a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese a priori, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios



dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-la podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas.

Ressalta-se que a pesquisa qualitativa deve ter um plano flexível, ser rica em dados descritivos, retratar a perspectiva dos participantes e focalizar a realidade de forma complexa e contextualizada. Esse enfoque qualitativo deve ser aportado por um referencial teórico que irá balizar todo o processo, dando sustentabilidade ao trabalho. Assim, destaca-se também que a diferença entre uma pesquisa qualitativa e uma pesquisa quantitativa está no referencial teórico utilizado, devendo este ser apoiado nas abordagens epistemológicas e ontológicas escolhidas pelo pesquisador (BURREL; MORGAN, 1979; BAUER; GASKELL, 2000; CHUA, 1986; NOWELL; ALBRECHT 2018; POWER; GENDRON, 2015).

Evidenciada a pesquisa qualitativa, faz-se necessária uma caracterização do percurso metodológico feito no trabalho. Inicialmente foi realizada uma análise do *site* do QRCA com o objetivo de evidenciar como os dizeres ali apresentados são correspondentes ao que se definiu, nesta investigação, como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade e também demonstrar a conexão com a literatura sobre CoP. Já na análise da programação dos encontros anuais promovidos pelo QRCA elenquei as atividades desenvolvidas em cada ano, dando ênfase naquelas que tratavam diretamente de práticas que foram realizadas com o objetivo de fomentar a pesquisa qualitativa interpretativa e crítica e novamente procurei evidenciar através do texto de apresentação dos encontros a relação estabelecida com a literatura sobre CoP.

Posteriormente foram realizadas 14 (catorze) entrevistas, nos meses de março e abril de 2023, com alguns membros e membras do QRCA. A seleção das pessoas entrevistadas foi feita a partir do *site* do QRCA e também por indicação de alguns entrevistados, juntamente à uma análise prévia do currículo Lattes desse *corpus* para confirmação de informações acerca de suas trajetórias.

O contato com os participantes da pesquisa foi realizado mediante encaminhamento de *e-mails*, cujos endereços eletrônicos constam na página *online* do QRCA. Após o contato, convite para participação, e aceite dos entrevistados foram agendadas entrevistas remotas por meio da plataforma de videoconferências

*Google Meet*. As entrevistas realizadas remotamente tiveram como vantagens a redução de custos, que permitiu a participação de pessoas espalhadas geograficamente, bem como, facilitou a participação daqueles que dificilmente seriam entrevistados sem o auxílio da internet.

Respeitando a vontade de alguns entrevistados que não autorizaram sua identificação, optei por não os identificar na pesquisa. Assim, suas falas foram apresentadas a partir da análise do conjunto das entrevistas, considerando os diferentes níveis de formação e seus distintos níveis de participação na comunidade. O conjunto de pessoas entrevistadas é composto por 10 (dez) professores e professoras doutores e doutoras, dois doutorandos e duas mestrandas. Foram entrevistados pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, da Colômbia, da Costa Rica e do Canadá, conforme apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 – Descrição dos participantes entrevistados e tempo das entrevistas

Nº	Ocupação/titulação	País	Primeira participação no QRCA	Tempo da entrevista
1	Professora Doutora	Brasil	2018	107 minutos
2	Doutorando	Brasil	2020	62 minutos
3	Mestranda	Brasil	2020	47 minutos
4	Professor Doutor	Brasil	2018	57 minutos
5	Professor Doutor	Costa Rica	2019	52 minutos
6	Professor Doutor	Brasil	2018	90 minutos
7	Professora Doutora	Brasil	2018	42 minutos
8	Professora Doutora	Brasil	2018	92 minutos
9	Mestranda	Brasil	2021	44 minutos
10	Professora Doutora	Brasil	2018	67 minutos
11	Professora Doutora	Colômbia	2018	45 minutos
12	Professora Doutora	Brasil	2018	55 minutos
13	Doutorando	Brasil	2020	71 minutos
14	Professor Doutor	Canadá	2018	90 minutos

Fonte: dados da pesquisa.

A autorização para a concessão das entrevistas e utilização das respostas ocorreu por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta poderia acarretar. A pesquisa está inserida na Plataforma Brasil sob o nº CAAE 56521322.4.0000.5152, com apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

Nas ciências sociais, a entrevista é um procedimento utilizado para captar as percepções ou pontos de vista das pessoas, fornecendo ao pesquisador novas perspectivas sobre determinado assunto. O ponto de partida para essas novas percepções são as construções sociais existentes, que constituem a realidade essencial dessas pessoas. Através da entrevista o pesquisador ou pesquisadora consegue formar esquemas interpretativos que o ajudam a entender e analisar a fala dos pesquisados, fornecendo subsídios para que possam responder suas indagações e alcançar os objetivos propostos na pesquisa, compreendendo assim, de forma detalhada, as crenças, motivações, atitudes e valores que compõem o comportamento das pessoas em contextos sociais específicos (BAUER; GASKELL, 2000; BONI; QUARESMA, 2005; DUARTE, 2005).

A fim de alcançar os objetivos desta pesquisa, as entrevistas foram semiestruturadas, seguindo um roteiro de tópicos ou tópico guia que colaborou com a progressão das entrevistas proporcionando uma sequência lógica e plausível dos temas escolhidos para a investigação. Cabe ressaltar que o roteiro de tópicos foi apenas um norte e que novos questionamentos surgiram ao passo que as entrevistas foram sendo realizadas, fazendo com que o roteiro sofresse algumas adequações (BAUER; GASKELL, 2000; FRASER; GONDIM, 2004).

Desta forma, considerando os objetivos, tanto geral quanto específicos da investigação, o nível de aprofundamento da análise, a possibilidade de esgotamento do tema e outras decisões metodológicas do pesquisador, Gaskell (2002, p. 485) afirma que “a construção do *corpus* é um processo interativo, onde camadas adicionais de pessoas, ou textos, são adicionadas à análise, até que se chegue a uma saturação e dados posteriores não trazem novas observações”.

As entrevistas foram transcritas e analisadas a fim de se realizar a construção do *corpus* da pesquisa. As categorias de análise, fundamentais para a evidenciação dos propósitos da pesquisa, foram estruturadas a partir do trabalho de leitura e de interpretação do corpus formulado a partir das entrevistas, de acordo com os objetivos e com o referencial teórico proposto.

A interpretação [das evidências coletadas] foi realizada a partir dos preceitos da Análise do Discurso francesa. De acordo com Caregnato e Mutti (2006) a Análise do Discurso não é uma metodologia em si, mas sim um caminho de interpretação baseado na confluência de diferentes áreas do conhecimento, como a linguística e a psicanálise, que considera os discursos dos sujeitos inseridos num contexto social e

histórico mais amplo. Nesse sentido, os autores (2006, p. 680-681) afirmam que a Análise do Discurso:

[...] trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio-histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.

A partir do exposto, é possível perceber uma convergência entre os fundamentos da Análise do Discurso e as proposições teóricas de Comunidade de Prática utilizadas na tese. Os diferentes aspectos que perpassam a enunciação dos discursos (ideologias, história, linguagem) estão associados à própria constituição da comunidade e da sua manutenção, permitindo que, por meio da Análise do Discurso realizada fosse possível vislumbrar os elementos constituintes da formação e manutenção da comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em contabilidade, além dos seus desafios e potencialidades.

Sendo então o objeto de análise da pesquisa o *corpus* resultante das entrevistas, a partir dos preceitos teóricos sobre Comunidade de Prática, a interpretação por meio da análise do discurso decorreu dessa correlação feita entre o teórico e o empírico. Dessa forma, considerando que o *corpus* não está dado, mas ao contrário, precisa ser construído, foram seguidos procedimentos que dão base para a enunciação de sentidos, como os descritos por Mittmann (2007, p. 4): colocar unidades em contato, selecionar sequências, fazer agrupamento em blocos, voltar à teoria para produzir recortes, reagrupá-los nas categorias, relacioná-los e através deles repensar a teoria, “num movimento de espiral de retomada de aspectos metodológicos e teóricos, lançando novos olhares, surpreendendo-se”.

Na Análise do Discurso francesa o pesquisador trabalha ativamente na construção da interpretação e dos próprios caminhos que são seguidos para realizá-

la. Dependendo de cada temática e de cada *corpus* a ser construído, o pesquisador faz e refaz seu roteiro interpretativo, que não pode ser engessado a priori. Ou seja, nesse tipo de pesquisa é preciso abrir-se para a descoberta do novo, do inesperado, do imprevisto, posto que não se busca reafirmar consensos objetivistas ou dizeres legitimados. Mittmann (2007, p. 6) destaca que o percurso metodológico na Análise do Discurso não é linear, visto que não há uma passagem natural “da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das sequências discursivas que formam nosso corpus discursivo. As passagens se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos”.

Diante dos pressupostos teóricos e metodológicos apresentados, corroboramos as concepções de Denzin e Lincoln (2011, p. 391) acerca da pesquisa e dos pesquisadores qualitativos:

- O pesquisador qualitativo não é um observador objetivo, oficial, politicamente neutro, que está fora ou acima do texto;
- O pesquisador qualitativo tem "uma posição histórica e situa-se localmente (como) um (observador) extremamente humano, da condição humana" (Brunner, 1993, p. 1);
- O significado é "radicalmente plural, sempre aberto, e (...) a política está em todo relato" (Brunner, 1993, p. 1);
- Uma maneira correta de conceituar a investigação qualitativa é como um projeto cívico, participativo, colaborativo, que faz com que o pesquisador e os pesquisados envolvam-se em um diálogo moral contínuo.

Nesse sentido, as escolhas teóricas e metodológicas feitas para a construção da tese se situam nesse contexto de pesquisa qualitativa, comparecendo em sua forma de estruturação e na redação do texto, que refletiu um sujeito posicionado, reflexivo, que comparece no texto e dialoga com a teoria. Procurei através da interpretação construída a partir da confluência entre os conceitos teóricos, os conteúdos das entrevistas e das reflexões feitas a partir dos seus registros, não apenas estudar sobre a formação, os desafios e as potencialidades de uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em contabilidade, mas também construir uma pesquisa que seja interpretativa e crítica.

## 4 DESVENDANDO O QRCA: UM OLHAR A PARTIR DO SITE E DOS ENCONTROS ANUAIS

### 4.1 Apresentação do *site* e dos seus dizeres

Nesse primeiro momento, foi analisado o *site* do QRCA<sup>3</sup> a partir do qual busco apresentá-lo, destacando sua missão, visão e valores, que são correspondentes ao que foi definido como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade, no decorrer da pesquisa. Logo em seguida, evidencio partes do texto do *site* demonstrando a conexão com a literatura sobre CoP, e por último elenco as práticas desenvolvidas nos encontros realizados pelo QRCA nos anos de 2018 a 2022.

O QRCA tem como missão<sup>4</sup> constituir-se como um ‘espaço acadêmico’ para “acadêmicos e acadêmicas em pesquisa alternativa, qualitativa, interpretativa e crítica em contabilidade, interessados em desenvolver ou compartilhar conhecimentos na/sobre/com a América Latina”. Sua visão está centrada em “estabelecer pontes com acadêmicos e acadêmicas, de diversas disciplinas e contextos geográficos, a fim de compartilhar experiências, conhecimento e inovações em pesquisa – enquanto permanece orgulhosa de suas tradições culturais, linguísticas e de pesquisa latino-americanas” (QRCA, 2023, p. 1).

Já no que se refere a seus valores, a comunidade QRCA “está comprometida com o ideal de pluralidade nos processos de construção de conhecimento. A rede também sustenta o conhecimento como base para revelar as desigualdades ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de cidadãos reflexivos”. Além disso, “a rede acredita no valor de um debate respeitoso e construtivo, em um ambiente pautado pela colegialidade, pelo multiculturalismo, e pelo multilinguismo”. A comunidade QRCA visando criar um espaço com essas características e por esses valores, “pretende se constituir como um fórum marcado pela abertura e integração, que nutre um senso de pertencimento, entre acadêmicos de diferentes gerações” (QRCA, 2023, p. 1).

No site do QRCA é possível verificar também as pessoas que compõem a equipe responsável pelas atividades da comunidade. Como demonstrado no Quadro

---

<sup>3</sup> <https://qrca-net.org>

<sup>4</sup> Missão, visão e valores retirados integralmente do site do QRCA - <https://qrca-net.org/apresentacao-qrca/>. Acesso em janeiro de 2023.

5 são 18 (dezoito) membros, sendo na sua maioria pessoas do Brasil (08 membros) e da Colômbia (08 membros), além de um professor da Université Laval do Canadá e de um professor brasileiro que trabalha na University of Glasgow na Escócia.

Quadro 5 – Membros da equipe do QRCA

Nome	Instituição	País
Carmen Ocampo Salazar	Universidade EAFIT, Medellín	Colômbia
Hugo A. Macias	Universidad de Medellín	Colômbia
Mary Anali Vera-Colina	Universidad Nacional de Colombia	Colômbia
Paula Navarro	Fundación Universitaria Los Libertadores	Colômbia
Ruth Alejandra Patiño Jacinto	Universidad Nacional de Colombia	Colômbia
Danny García Callejas	Universidad de Antioquia	Colômbia
Elizabeth Oviedo	Universidad Cooperativa de Colombia	Colômbia
Zuray Andrea Melgarejo Molina	Universidad Nacional de Colombia	Colômbia
Douglas Ribeiro	Universidade de São Paulo	Brasil
Elisabeth de Oliveira Vendramin	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Brasil
Fernanda Sauerbronn	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Brasil
Sandra Maria Cerqueira da Silva	Universidade Estadual de Feira de Santana	Brasil
Silvia Pereira de Castro Casa Nova	Universidade de São Paulo	Brasil
Thauan Felipe Medeiros de Carvalho	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Brasil
Sanjay Lanka	Fundação Getúlio Vargas	Brasil
Ana Carolina O Rodrigues Costa	Universidade de São Paulo	Brasil
João Paulo Resende de Lima	University of Glasgow	Escócia
Yves Gendron	Université Laval	Canadá

Fonte: site do QRCA (2023).

No *site* há também a opção de se registrar como membro da comunidade. No início de 2023, estão registrados 33 (trinta e três) membros, sendo que destes, 08 foram identificados como membros da equipe. O *site* dispõe também de uma aba onde são postadas notícias sobre a área contábil e algumas chamadas para publicação de artigos em revistas científicas, porém até a data da consulta e análise, a aba de notícias encontrava-se desatualizada, visto que a última publicação é de 12 de novembro de 2021.

Na apresentação da comunidade, no *site* do QRCA, é enfatizado aos participantes que, em suas conferências, os autores e autoras dispõem de um espaço que deve ser constituído de uma interação respeitosa com comentários construtivos, permitindo a “escuta e a contribuição entre pares que colocaram à disposição do grupo seus conhecimentos e trajetórias pessoais e profissionais” (QRCA, 2022). Outro ponto relevante na apresentação do QRCA é a versatilidade linguística, visto que os autores e autoras podem apresentar seus trabalhos nas

principais línguas faladas nas Américas (português, espanhol e inglês). Há um cuidado em explicar que o uso da língua inglesa não deve ser entendido como “um movimento de dominação ou de imposição de valores ou agendas estrangeiras”, mas sim, objetivando “a construção de pontes entre as nossas diferentes origens” (QRCA, 2022).

Existem na apresentação do QRCA alguns trechos que são relevantes para a identificação dele [do QRCA] como uma CoP, os quais destaco:

Desde o início, os autores e autoras apresentando nas conferências QRCA se beneficiaram de uma respeitosa interação e do oferecimento de comentários construtivos. Essa configuração permitiu a escuta e a contribuição entre pares que colocaram à disposição do grupo seus conhecimentos e trajetórias pessoais e profissionais. Além disso, estudantes de pós-graduação puderam encontrar na rede QRCA o apoio de pesquisadores experientes que tinham o objetivo de ajudar pesquisadores e pesquisadoras iniciantes no desenvolvimento de suas pesquisas. Ao fazer isso, aos pesquisadores mais jovens foi oferecida a oportunidade de se juntar a uma comunidade acadêmica solidária com a qual poderiam se identificar e que poderiam ajudar a construir (QRCA, 2023).

Ao ressaltar o respeito, a escuta e a contribuição entre pares e dizer que pesquisadores e pesquisadoras iniciantes encontram na comunidade QRCA apoio no desenvolvimento de suas pesquisas, de maneira que, uma oportunidade é oferecida àqueles que quiserem se juntar à rede, através da identificação, podendo assim fomentar a construção e continuidade da comunidade QRCA. Percebemos assim, considerando os conceitos sobre CoP, que existe uma prática social dentro da comunidade, na qual, por meio do conhecimento e da aprendizagem, uma transformação social acontece, fazendo com que o pensamento e a ação das pessoas em atividade acabem compondo suas identidades (WENGER, 1991).

Outro elemento interessante é que os agentes da comunidade colocam a disposição seus conhecimentos e trajetórias pessoais e profissionais para ajudar e contribuir com comentários construtivos através de uma interação respeitosa para o desenvolvimento das pesquisas dos outros colegas e ao fazerem isso contribuem também, de certa forma, para o crescimento pessoal e profissional da pessoa que recebe os comentários. Dessa forma, como afirma Wenger (1998), a prática entendida como um evento social traz consigo todo um contexto e história formadora da base e de significados que congregam a comunidade. Ao considerarmos as



trajetórias pessoais e profissionais dos agentes estamos através da prática e dos seus atributos [que são alimentados por essas trajetórias] formando a comunidade e as atividades inerentes à própria comunidade. Sendo que toda essa representatividade exposta pela prática é carregada de elementos explícitos e implícitos.

Em um outro trecho na apresentação do QRCA é dito que:

Para que essa iniciativa seja sustentável e tenha continuidade, precisamos de pessoas que possam renovar a rede QRCA – e estamos empenhados a acolher a cada ano as pessoas recém-chegadas, os novos entrantes, capazes de participar de diferentes formas na sustentação da rede. (QRCA, 2023, p. 1).

Ao evidenciar o processo de continuidade do QRCA de forma sustentável através da renovação dos seus membros de maneira acolhedora, percebemos uma ligação direta com o termo participação periférica legítima, desenvolvido por Lave e Wenger (1991), no qual os autores afirmam que a CoP fornece “uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e também sobre atividades e identidades. Esse conceito diz respeito ao processo pelo qual os novatos se tornam membros de uma Comunidade de Prática” (LAVE; WENGER, 1991, p. 29).

Os novatos/entrantes ao ingressarem na comunidade vão aos poucos compondo sua identidade. No início, como salienta Lave e Wenger (1991), eles margeiam os entornos da comunidade, participam de algumas atividades, por vezes sem muito comprometimento e vão ao longo do tempo adquirindo confiança, conhecimento e prática, ao passo que tornar suas participações mais efetivas, plenas nas práticas socioculturais da comunidade, colaborando assim com a construção e manutenção da mesma. Porém, como destacam Lave e Wenger (1991, p. 36), a participação periférica “sugere que existem múltiplos, variados e mais ou menos engajados e inclusivos meios de estar localizado nos campos de participação definidos por uma comunidade”. Podemos entender então que nem todos os indivíduos que se identificam com a comunidade terão uma plena participação, mas sim, que existem diversas formas de participação na comunidade, algumas mais intensas e envolvidas nas atividades da comunidade e outras nem tanto.

Além dessa ligação com o termo participação periférica legítima ao tratar da continuidade da comunidade pela renovação, referindo-se a novos entrantes, e das diferentes formas de identidade e prática dentro da comunidade, vemos também

essa disposição na rede QRCA na afirmação que assegura: “[...] estamos empenhados a acolher a cada ano as pessoas recém-chegadas, os novos entrantes, capazes de participar de diferentes formas na sustentação da rede” (QRCA, 2023).

Em sua segunda definição sobre CoP, Wenger (1998, p. 45), afirma que há uma “[...] busca sustentada de um empreendimento compartilhado [...]” ao longo do tempo e as práticas devem ser entendidas como propriedades da comunidade fomentadoras dessa sustentação. Sendo assim, a CoP deve através dos seus membros mais experientes compartilhar seus objetivos entre os novatos de maneira que estes se identifiquem com a causa e busquem, ao longo do tempo, uma participação mais plena, sentindo-se pertencentes àquela CoP, de forma a colaborar com sua sustentação.

O último trecho selecionado é um parágrafo que enfatiza duas palavras que refletem a essência do QRCA:

Finalmente, queremos enfatizar duas palavras que, acreditamos, refletem a nossa essência: **solidariedade** e **reflexividade**. Solidariedade de muitas maneiras, incluindo a constituição de pontes entre a academia e os movimentos sociais. Assim, alguns de nós estamos cada vez mais interessados no ativismo acadêmico. Reflexividade com relação a várias questões-chaves: Estamos nos vendo como iguais? Estamos participando dos debates mantendo nossa civilidade e colegialidade acadêmica? Estamos constantemente refletindo sobre nosso papel em cada um dos debates com os quais nos engajamos? Estamos abertos a diferentes formas de fazer e de pensar a pesquisa? (grifos nosso) (QRCA, 2023, p. 1).

A solidariedade e a reflexividade são palavras que remetem às características da CoP, pois todas as possibilidades de aprendizagem dentro da comunidade perpassam por caminhos que carecem de solidariedade e reflexividade, como na ação dos membros mais experientes da CoP que são solidários aos novatos transmitindo seus conhecimentos e ensinando por meio das práticas. De maneira geral, existem três dimensões da prática responsáveis por transmitir um sentido de coerência para a comunidade, sendo elas: i) o engajamento mútuo, ii) o empreendimento conjunto e iii) o repertório compartilhado (WENGER, 1998). O desenvolvimento dessas propriedades é intrinsecamente conectado ao sentido de solidariedade e reflexividade, visto que não há um empreendimento conjunto ou um engajamento mútuo se as pessoas não ajudarem umas às outras, ou seja, sendo

solidárias umas com as outras. Assim como um repertório compartilhado, além da solidariedade entre os membros para se constituir, carece também de reflexividade para que possa se desenvolver e caracterizar a prática (WENGER, 1998).

Importante ressaltar que a solidariedade como apresentado no trecho destacado propõe a criação de pontes entre a academia e os movimentos sociais, buscando extrapolar os muros da uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em contabilidade para comungar com outras possíveis CoP. Essa extrapolação possibilita o desenvolvimento de diversas práticas que vão para além da academia, mas também para ela, fomentando a inclusão e a diversidade dentro e fora da academia. Por fim, a reflexividade como é apresentada nos leva a pensar se estamos nos tratando como iguais, de forma cívica e cordial, além de questionar se realmente estamos abertos às diferentes formas de fazer e pensar a pesquisa, refletindo assim diretamente no repertório que desejamos e estamos compartilhando.

#### **4.2 As práticas desenvolvidas nos encontros anuais**

Com o intuito de descrever as práticas desenvolvidas pela comunidade, foram analisados os cinco encontros anuais realizados pelo QRCA a partir de 2018. Para tanto, foram utilizadas informações sobre os encontros retiradas do próprio *site* do QRCA, bem como, de documentos encontrados em pesquisas na internet, como por exemplo, a apresentação e programação dos eventos e de suas palestras e painéis.

O primeiro encontro do QRCA foi organizado como um *workshop* realizado em 2018 na Universidade de São Paulo (USP), na cidade de São Paulo. De acordo com a descrição no *site* do QRCA, houve naquele momento, por parte dos participantes, um sentimento de que um movimento importante e diferente estava surgindo. Um movimento, mediante o qual pesquisadores e pesquisadoras latino-americanos, interessados em pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade, puderam “apresentar suas propostas de pesquisa e trabalhos em andamento para uma audiência receptiva” (QRCA, 2022).

A partir de então, a comunidade QRCA vem se expandindo gradualmente, principalmente pelas conferências anuais que aconteceram nos anos de 2019, na Universidade Nacional de Colômbia na cidade de Bogotá na Colômbia; em 2020 e 2021, remotamente – no formato *online* – por causa da pandemia de COVID-19; e

no ano de 2022, em formato híbrido, presencialmente na cidade de Medellín, também na Colômbia e pela internet de forma remota.

Nestes cinco anos de encontros anuais do QRCA foram diversos os temas tratados e discutidos nos eventos. Ao olharmos para esses temas vemos a preocupação dos membros em abarcar uma vasta diversificação temática, seja nas discussões das pesquisas apresentadas, ou nas palestras e painéis com o intuito de incluir e de representar todos e todas que procuram discutir e tornar a contabilidade uma ciência mais humana, como de fato ela deve ser. Nessa diversidade temática foram tratados temas importantes como gênero, raça, feminismo, diversidade e inclusão na contabilidade, colonialismo, neoliberalismo, pesquisa interpretativa e crítica na contabilidade, entre outros.

Entendemos que há uma preocupação pelos membros do QRCA em desenvolver essas temáticas a partir de práticas que tenham como foco as pesquisas qualitativas interpretativas e críticas, visto que esse é um dos principais objetivos da comunidade. Assim, destaco em negrito no texto e nos Quadros apresentados adiante, as práticas realizadas nesses últimos cinco anos de encontros anuais que trataram diretamente de aspectos ligados à pesquisa qualitativa interpretativa.

Em seu primeiro encontro no ano de 2018, no evento intitulado “Workshop em Pesquisa Crítica e Qualitativa em Contabilidade na América do Sul”, organizado pelos professores André Aquino, João Paulo Resende e Fabrício Neves, e professora Sílvia Casa Nova, e realizado em três dias – de 29/10 a 01/11 – aconteceram duas palestras com os temas: i) a superficialidade da sociedade contemporânea, e ii) **o que é pesquisa crítica qualitativa e suas tendências**. Houve ainda um seminário com o tema: a contabilidade como tecnologia de governabilidade neoliberal e uma reunião intitulada “Reunião com editores”, com editores de quatro revistas científicas da área contábil, além dos trabalhos do consórcio doutoral e da apresentação das 32 (trinta e duas) pesquisas completas e em desenvolvimento aprovadas para o encontro.

A seguir evidencio três trechos da apresentação do primeiro encontro do QRCA em formato de *workshop*, importantes para a discussão sobre a CoP:

## Trecho 01:

O workshop QRCA (veja no site da CPA) tem o propósito de prover um ambiente pequeno e conveniente no qual **os participantes se sintam confortáveis para apresentar seus trabalhos para um público receptivo e construtivo**. Adicionalmente, o workshop visa discutir, em uma **atmosfera de colegialidade**: a) a condução de pesquisas qualitativas, a partir de uma perspectiva crítica ou interpretativa; b) o processo de publicação desse tipo de pesquisa em periódicos internacionais de contabilidade; e c) oportunidades de pesquisas que **sejam coerentes com essa abordagem de pesquisa** (QRCA, 2018). (grifos nossos)

## Trecho 02:

**Alertar os participantes de que há uma comunidade crescente de pesquisadores qualitativos interpretativos e críticos na América do Sul**. O evento pode auxiliar as pessoas participantes a estenderem suas redes de contatos (QRCA, 2018). (grifos nossos)

## Trecho 03:

Adicionalmente, **as pessoas participantes serão convidadas a se engajarem na rede de pesquisa internacional, facilitando a conexão com outros membros da comunidade que adotem perspectivas semelhantes de pesquisa**. Essas redes de contatos podem prover sugestões para projetos em andamento e contatos para futuras colaborações (QRCA, 2018). (grifos nossos)

Já nesse primeiro encontro é nítida a preocupação dos organizadores e demais responsáveis em criar uma atmosfera harmoniosa que proporcione aos participantes o sentimento de confiança para apresentarem suas pesquisas e participarem das demais atividades. O trecho 02 ressalta aos participantes a formação crescente de uma comunidade (paradigmática) de pesquisadores qualitativos interpretativos e críticos na América do Sul, enquanto o trecho 03 convida os participantes a se engajarem na comunidade, além de buscar conexões com outras comunidades que comunguem do mesmo interesse. As partes destacadas nos excertos revelam que desde o princípio, ou seja, a partir do seu primeiro encontro, o QRCA tem seus objetivos voltados para a constituição de uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em contabilidade.

No ano de 2019, em formato de conferência, na Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá, entre os dias 28 a 31 de novembro, aconteceu o segundo encontro do QRCA. Igualmente destaco trechos da apresentação da conferência desse ano, que convergem para a constituição de uma CoP:

#### Trecho 01

Um dos principais objetivos da conferência é **estimular a produção de Pesquisa Qualitativa em Contabilidade Crítica (QRCA) nos países de língua portuguesa e espanhola da América Latina**. A longo prazo, **espera-se que a conferência seja vista como tendo desempenhado um papel de expansão e consolidação da rede de pesquisadores latino-americanos comprometidos com o QRCA** (QRCA, 2019). (grifos nossos)

#### Trecho 02

Em particular, **os organizadores da conferência procuram incentivar o desenvolvimento de “embaixadores” do QRCA, dos quais se espera que desempenhem um papel significativo na promoção deste tipo de investigação nas suas atividades diárias**. Como resultado, a conferência é voltada principalmente para pesquisadores comprometidos com o QRCA (QRCA, 2019). (grifos nossos)

#### Trecho 03

**Aumentar a consciência dos participantes de que eles não estão sozinhos em fazer pesquisas qualitativas e que há uma comunidade crescente de pesquisadores QRCA na América Latina. A conferência pode permitir que os participantes ampliem sua rede de apoio** (QRCA, 2019). (grifos nossos)

Vemos nos trechos destacados o objetivo de estimular a produção de pesquisa qualitativa em contabilidade crítica desejando que a conferência tenha um papel de expansão e consolidação da rede/comunidade QRCA, além de incentivar o desenvolvimento de “embaixadores” da comunidade na promoção de práticas diárias que fortaleçam o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza. Há novamente o cuidado estratégico de enfatizar que os pesquisadores e pesquisadoras interpretativistas e críticos não estão sozinhos e que existe uma comunidade crescente de pesquisadores QRCA na América Latina.

Percebemos nos excertos indicadores da formação de uma CoP conforme apresentado por Wenger (1998), sendo eles: i) meios compartilhados de engajamento em fazer coisas juntos; ii) saber o que os outros sabem, o que eles podem fazer e de que maneira eles podem contribuir para o empreendimento; iii) definição mútua de identidades; iv) estilos determinados reconhecidos como característicos de pertencimento e v) discurso compartilhado que reflete uma certa visão de mundo.

Pode-se destacar a definição mútua de identidades, pois ao “incentivar estrategicamente o desenvolvimento de “embaixadores” do QRCA, dos quais se espera que desempenhem um papel significativo na promoção deste tipo de investigação nas suas atividades diárias” (QRCA, 2019), assim como caracteriza Wenger (1998), a comunidade, ao fomentar a promoção da investigação interpretativa e crítica nas atividades diárias dos seus membros, busca ao longo do tempo fazer com que eles transformem seus hábitos e formas de agir dentro da comunidade em características próprias do seu jeito de ser, constituindo suas identidades e contribuindo para o objetivo do QRCA de estimular a produção de pesquisa qualitativa em contabilidade crítica e interpretativa.

Dentre as atividades desenvolvidas nesta segunda edição do evento, foram realizadas sete palestras e três painéis, sendo esse último composto por uma reunião entre dois ou mais pesquisadores na qual uma determinada temática é discutida. O Quadro 6 evidencia os temas apresentados nas palestras e painéis do encontro:

Quadro 6 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2019

<b>Palestras</b>	<b>Temas</b>
i)	Impacto e poder na pesquisa contábil
ii)	<b>O potencial da pesquisa qualitativa e crítica em educação contábil</b>
iii)	Quando a contribuição é importante
iv)	<b>Fazendo pesquisa crítica</b>
v)	Apresentando os riscos de sustentabilidade no mainstream: O enquadramento da sustentabilidade pelas quatro grandes firmas de contabilidade
vi)	Um relato sobre o avanço do neoliberalismo e Totalitarismo nas Margens: o caso do Brasil
vii)	<b>Perspectivas Críticas sobre contabilidade na língua espanhola</b>
<b>Painéis</b>	
i)	<b>Tornando-se um pesquisador qualitativo/crítico</b>
ii)	<b>(Nossa) história na contabilidade: refletindo sobre as possibilidades de</b>

	<b>construir comunidades de pesquisa e colaboração</b>
iii)	Publicação em periódicos acadêmicos: o papel dos revisores.

Fonte: QRCA (2019).

Além das atividades descritas no Quadro 5, foram aprovados para apresentação trabalhos para o consórcio doutoral e 52 (cinquenta e duas) pesquisas completas e em desenvolvimento em diferentes áreas do conhecimento com temáticas relacionadas a: i) gênero e raça; ii) transparência e corrupção em governo e setor privado; iii) Sustentabilidade, ambiente, impacto social; iv) estudos críticos sobre gerenciamento e gestão contabilidade; v) alternativas a tradicional contabilidade financeira e auditoria; vi) financeirização, neoliberalismo, dominação, colonialismo; vii) teoria da contabilidade; viii) profissão contábil e estudos trabalhistas; e ix) educação. Aconteceu também nesse segundo encontro do QRCA uma atividade diferente, um exame de qualificação de doutorado da Universidade de São Paulo (USP), do então doutorando João Paulo Resende de Lima, intitulado "Be(com)ing an accounting academic: identity construction, role models, globalization and the neoliberalisation of Academia".

Observamos um aumento significativo de atividades ao compararmos o encontro de 2018 com o realizado em 2019. Foram duas palestras em 2018, já no ano de 2019 esse número aumentou para sete, além da inclusão dos painéis e do aumento de pesquisas aprovadas para apresentação, que foram 32 (trinta e duas) em 2018 e passaram para 52 (cinquenta e duas) no encontro de 2019, uma ampliação de 61,5%. O aumento das práticas desenvolvidas contribui para o objetivo de estimular a produção de pesquisa qualitativa interpretativa e crítica em contabilidade e colabora para expansão e consolidação da comunidade de pesquisadores latino-americanos comprometidos com o QRCA.

A Conferência QRCA 2020: Consolidando e Estendendo QRCA na América Latina foi organizada pelas professoras Fernanda Sauerbronn, Mary Vera-Colina, Silvia Casa Nova, e pelos professores Yves Gendron e Marcelo Almeida e foi realizada de forma remota devido à pandemia de COVID-19. Para apresentação da conferência foram utilizados os mesmos dizeres do ano anterior. Mesmo com essa mudança o encontro continuou desenvolvendo as atividades de praxe a exemplo do ocorrido nos anos anteriores, só que agora virtualmente, com o uso das tecnologias digitais.



Em 2020 foram realizadas palestras, painéis, apresentação do consórcio doutoral, além de alguns minicursos. Ao todo foram aprovadas para apresentação 47 (quarenta e sete) pesquisas completas ou em desenvolvimento. Nesse ano, antes do encerramento do encontro aconteceu a atividade “**Consolidação da rede QRCA - Redes e colaboração em pesquisa - criando e consolidando redes locais e construindo pontes colaborativas**”, sendo que essa atividade, juntamente com todas as outras, reforçam o entendimento de que as práticas desenvolvidas pelo QRCA buscam através da coletividade, do engajamento dos envolvidos e do repertório compartilhado, fortalecer e consolidar uma comunidade de prática paradigmática empenhada em fomentar a pesquisa qualitativa interpretativa e crítica no campo contábil.

No Quadro 7 são apresentados os temas discutidos nas palestras, painéis e minicursos na conferência do QRCA, em 2020.

Quadro 7 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2020

<b>Palestras</b>	<b>Temas</b>
i)	Não estou realmente contando: Contabilidade para funcionários em serviços humanos privados
ii)	<b>Odisseia e o canto da sereia: internacionalizando a pesquisa contábil crítica latino-americana entre iguais</b>
<b>Painéis</b>	
i)	<b>Pesquisa qualitativa e diversidade na pesquisa: desafios, oportunidades e caminhos</b>
ii)	Reflexões sobre a transparência na prática: o caso da iniciativa de transparência nas indústrias extrativas em Trinidad e Tobago
iii)	Colonialidade e Decolonialidade: Trajetórias e Desafios em Gestão e Contabilidade na América Latina
iv)	Populismo digital, subjetivações algorítmicas e novos direitos
v)	Feminismos plurais e decoloniais na pandemia: a exacerbação das desigualdades ou as mesmas velhas lutas?
vi)	<b>Tornando-se um pesquisador qualitativo/crítico: visões de campo</b>
<b>Minicursos</b>	
i)	<b>Sobre o papel do posicionamento e da teorização na pesquisa qualitativa</b>

Fonte: QRCA (2020).

No ano de 2021 a conferência do QRCA, intitulada Pesquisa Qualitativa e Contabilidade Crítica: construindo uma rede para o QRCA na América Latina, foi organizada pelos grupos: *Critical Perspectives on Accounting* - ELSEVIER;

GENERAS – Universidade de São Paulo; INTERGES – Universidade Nacional da Colômbia e OGA – Universidade Federal do Rio de Janeiro, novamente no formato virtual em razão da pandemia de COVID-19.

No texto de apresentação da conferência se destacam os trechos já citados anteriormente no ano de 2019, com a ampliação da seguinte parte:

Um dos principais objetivos da conferência e do consórcio de pós-graduação é **unir esforços com iniciativas locais para promover e estimular a produção de Pesquisa Qualitativa e Contabilidade Crítica (QRCA), nos países de língua portuguesa, francesa e espanhola da América Latina. Outra ambição é ajudar a estabelecer pontes significativas entre pesquisadores/as latino-americanos/as comprometidos/as com a QRCA e outras comunidades acadêmicas internacionais que trabalham com esses temas (QRCA, 2021). (grifos nossos)**

É possível perceber o comprometimento da comunidade no desenvolvimento de práticas que visam à ampliação da produção de pesquisas qualitativas interpretativas e críticas em contabilidade e da preocupação em estabelecer parcerias com outras comunidades que também trabalhem com os mesmos temas de interesse. No excerto apresentado destaca-se a busca pela ampliação dos países participantes, englobando os países de língua francesa na América Latina, o que não havia sido observado, bem como, o interesse de estabelecer pontes com outras comunidades acadêmicas internacionais para além da América Latina.

Um outro ponto de destaque é que a organização do encontro nesse ano foi realizada por alguns grupos, apresentados anteriormente, o que possivelmente possibilitou a participação de mais pessoas na organização do evento. Esse fato é positivo, pois proporciona que mais pessoas tenham a experiência de participar de práticas que exijam mais senso de responsabilidade e comprometimento, o que fortalece o vínculo com a comunidade, assim como a criação de identidade e ajuda no processo de continuidade dos membros da comunidade. Há a possibilidade também destes grupos serem uma CoP dentro de outra CoP maior, ou ainda serem uma articulação criada a partir do QRCA, ou o contrário disso? Esses questionamentos serão respondidos na segunda etapa metodológica de análise das evidências nesta pesquisa.

Prosseguindo a descrição das práticas realizadas no encontro de 2021, neste ano o consórcio doutoral ocorreu em momento anterior à conferência, no início do

mês de novembro, nos dias 04 e 05. No consórcio doutoral foram aprovados para apresentação 10 (dez) projetos de pesquisas de alunos e alunas de cursos de mestrado e doutorado, além de um painel sobre Interseccionalidade, ética e pesquisa em contexto de pandemia; dois minicursos com os temas *grounded theory* e revisão estruturada da literatura; dois *workshops* – um sobre análise temática e outro sobre bibliometria. Antes do encerramento do evento aconteceu uma mesa redonda, intitulada “**A próxima geração QRCA**”, com estudantes de graduação e jovens profissionais que puderam apresentar suas propostas de pesquisa.

Para a conferência realizada em 16, 17 e 18 de novembro, foram aprovadas para apresentação o total de 45 pesquisas completas ou em desenvolvimento. Ocorreram duas palestras com os temas: **i) fazendo pesquisas críticas em ambientes difíceis: desafios e benefícios e ii) tecendo redes: colaboração, coordenação e comunidade acadêmica**; e também dois painéis com os temas: **i) Tornando-se um pesquisador qualitativo / crítico: algumas experiências sobre a mudança da pesquisa convencional para a pesquisa qualitativa / crítica. É possível?;** e **ii) desafios contemporâneos de ser um pesquisador crítico em Negócios e Contabilidade: visões da comunidade QRCA.**

Nesta edição de 2021 foram realizadas cinco sessões especiais de reunião com editores, nas quais foram apresentadas por eles as características de cada revista científica, além de sugestões para a submissão de pesquisas para estas revistas. Participaram destas sessões especiais editores das revistas: Quebrando Fronteiras (Universidade de Western); Critical Perspectives on Accounting; Cadernos EBAPE (FGV); Accounting Education; Accounting Forum Journal; Innovar (Universidade Nacional da Colômbia) e Revista Prospectus (UFPB).

Já em 2022, com a pandemia de COVID-19 controlada, o quinto encontro anual do QRCA – Pesquisa Qualitativa e Contabilidade Crítica: Construindo uma rede para o QRCA na América Latina, foi novamente organizada pelos grupos *Critical Perspectives on Accounting* - ELSEVIER; GENERAS – Universidade de São Paulo; INTERGES – Universidade Nacional da Colômbia e OGA – Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a inclusão dos grupos GICCO – Universidade de Antioquia (Colômbia); FCEA – Universidade de Medellín (Colômbia) e Escola de Administração – Universidade EAFIT. Ao todo foram sete grupos responsáveis pela organização do evento que aconteceu de forma híbrida entre os dias 15, 16 e 17 de novembro. Algumas atividades foram realizadas presencialmente na cidade de

Medellín na Colômbia e transmitidas pela internet, assim como outras atividades aconteceram de forma remota, também mediadas pela internet.

Nessa última edição da conferência do QRCA foram aprovadas para apresentação 59 (cinquenta e nove) pesquisas completas ou em desenvolvimento, assim como o consórcio doutoral, palestras, minicursos e painéis. No Quadro 8 são visualizados os temas desenvolvidos nas palestras, nos minicursos e nos painéis do quinto encontro anual do QRCA.

Quadro 8 – Descrição das palestras e painéis da conferência QRCA 2022

<b>Palestras</b>	<b>Temas</b>
i)	<b>Investigação contábil. Para quem? Para quê?</b>
ii)	<b>Construção de uma comunidade acadêmica em contabilidade</b>
iii)	A liberdade acadêmica no contexto da universidade corporatizada
iv)	<b>Reflexões sobre QRCA e a contribuição latino-americana para a educação contábil</b>
v)	Fazendo Contar os Migrantes: Uma chamada para estudar contabilidade nas margens
vi)	A insurreição teórica. Perspectivas Decoloniais na Contabilidade Social e ambiental
<b>Painéis</b>	
i)	Painel sobre trajetórias acadêmicas femininas
ii)	<b>Tornando-se um pesquisador qualitativo</b>
iii)	<b>Investigação qualitativa na África</b>
<b>Minicursos</b>	
i)	Revisão da Literatura: tipos e formas de exploração e análise sobre campos de estudo
ii)	Conduzindo pesquisas de estudo de caso sobre economias emergentes
iii)	<b>Metodologias de investigação qualitativa: desafios e oportunidades para construir um olhar crítico</b>
iv)	Análise de dados qualitativos com suporte do software MaxQDA

Fonte: QRCA (2022).

Evidencio a preocupação que houve por parte dos membros responsáveis pela organização do encontro para que o mesmo acontecesse em formato híbrido, tornando possível que as práticas realizadas pudessem ter a participação de muito mais pessoas do que se o evento acontecesse somente presencialmente. O uso das tecnologias digitais para disseminação das práticas possibilita uma maior capilaridade de alcance e proporciona aos interessados a possibilidade de participação que talvez muitos não tivessem se a conferência acontecesse somente em formato físico.

Diante do meu interesse pela temática acompanhei remotamente algumas atividades dessa conferência, o que não seria possível caso elas acontecessem somente para aqueles que pudessem estar presencialmente na ocasião. Entre as atividades acompanhadas, destaco a atividade “Trajetórias acadêmicas no feminino”, um painel que foi realizado no dia 17 de novembro de 2022 com a participação de cinco mulheres que contavam um pouco das suas trajetórias ao longo do tempo, evidenciando as dificuldades enfrentadas no caminho, mas também ressaltando suas conquistas e seus desafios. Foi através dessa prática, ao observar a riqueza das experiências sendo trocadas conjuntamente, que me decidi por entrevistas, para que, por meio de seus relatos, buscasse a compreensão dos temas relacionados aos meus objetivos propostos.

Ao elencar todas as práticas realizadas nesses cinco anos de organização e realização dos encontros anuais QRCA, intento evidenciar como elas são importantes para a constituição e consolidação de uma comunidade de prática paradigmática voltada para disseminação da pesquisa qualitativa interpretativista e crítica na contabilidade. Ressalto que nesses últimos cinco anos, 235 pesquisas foram aprovadas para apresentação e discutidas por aqueles que estavam responsáveis pelas sessões de apresentação, e também por aqueles que estavam participando, as quais considero terem contribuído para uma possível melhoria da pesquisa, incentivando os autores pesquisadores e pesquisadoras que estão em diferentes níveis de desenvolvimento a continuarem no caminho da pesquisa qualitativa interpretativista e crítica em contabilidade.

Os diversos consórcios doutorais que aconteceram foram deveras importantes, pois ajudaram mestrandos e doutorandos a melhorarem seus projetos de pesquisa, através de sugestões de leituras, mudanças na metodologia, outras formas de ver e analisar os dados. Particpei em dois anos seguidos do consórcio doutoral, 2020 e 2021, e nas duas vezes que submeti meu projeto de tese para discussão recebi contribuições extremamente significativas dos debatedores. Tanto que da primeira vez que apresentei meu projeto mudei meu objeto de pesquisa após as contribuições. No ano seguinte as contribuições me ajudaram a lançar novos olhares para a temática que pretendia pesquisar.

Para além das contribuições dos debatedores ao meu projeto de pesquisa quando da apresentação no consórcio doutoral do QRCA, ambos os debatedores continuaram a fazer parte do meu caminho. O primeiro, o Professor Paulo Homero,

participou também do meu exame de qualificação e a Professora Sandra Maria, que debateu meu projeto de tese no ano seguinte, me concedeu uma entrevista usada na minha pesquisa do exame de qualificação e posteriormente foi coautora de um artigo apresentado em um congresso científico que ganhou o prêmio de melhor artigo na área “Diversidade e inclusão no contexto organizacional e contábil”. Essas parcerias estão contribuindo para minha formação como um pesquisador interpretativo/crítico nas Ciências Contábeis e só foram possíveis graças às conversas, às sugestões e às trocas de experiências proporcionadas pelos encontros anuais do QRCA.

Além disso, acredito que as palestras, painéis, minicursos, reunião com editores e todas as outras práticas desenvolvidas nesses cinco anos de encontros do QRCA agregaram conhecimentos diversos às pessoas que participaram destas atividades, fomentando a construção de suas trajetórias enquanto pesquisadores e pesquisadoras em pesquisa qualitativa interpretativista e crítica. Todo esse processo de alimentar a construção de pesquisadores e pesquisadoras engajados na produção de pesquisa qualitativa interpretativista e crítica serve também, de certa forma, para a manutenção e continuidade da comunidade de prática, pois, ao passo que alguns passam a participar efetivamente das práticas desenvolvidas pela comunidade serão eles também os responsáveis pelo processo de realizar as práticas e fomentar a construção de novos pesquisadores e pesquisadoras envolvidos na produção dessa tipologia de pesquisa em contabilidade.

Para além dos encontros anuais do QRCA e das diversas práticas realizadas nesses encontros, as entrevistas com membros e membras da equipe do QRCA e de organizadores dos eventos tem o intuito de evidenciar como se deu a formação da comunidade, quais são as estratégias para a ampliação dos espaços e das práticas voltadas para a pesquisa interpretativa e crítica dentro e fora da comunidade e entender as dificuldades e tensionamentos enfrentados pelos membros e membras ao subverterem os padrões de dominação na pesquisa contábil.

## 5 COMUNIDADE QRCA A PARTIR DAS ENTREVISTAS: PERCEPÇÕES E INTERPRETAÇÕES

No intuito de realizar um diagnóstico da comunidade, buscando identificar as atividades de criação e compartilhamento de conhecimento; assim como compreender as dificuldades e desafios enfrentados pela comunidade para sua manutenção e continuação; e evidenciar as potencialidades da comunidade QRCA visando sua ampliação, objetivos propostos nesta investigação, foram realizadas 14 (catorze) entrevistas com pesquisadores e pesquisadoras de diferentes níveis de formação e de participação na comunidade.

Esses pesquisadores e pesquisadoras estão em diferentes níveis de participação na comunidade QRCA, segundo a formulação de Wenger (2020), e podem ser descritos como participantes:

- i. Do núcleo principal – têm maior envolvimento e oxigenam a comunidade;
- ii. Membro total – são reconhecidos como praticantes e participam do núcleo;
- iii. De participação periférica - pessoas que pertencem à comunidade, mas com grau menor de envolvimento;
- iv. De participação transacional (ou ocasional) - pessoas de fora da comunidade que, ocasionalmente, interagem com ela, visando a receber ou fornecer serviços;
- v. De acesso passivo - uma ampla diversidade de pessoas que têm acesso aos artefatos produzidos pela comunidade, como suas publicações e seus sítios na Web.

Os diferentes níveis de participação na comunidade do QRCA foram identificados a partir dos relatos de cada entrevistado e serviram de base para o entendimento da participação de cada um dentro da comunidade. Nesse sentido, foram entrevistados dois pesquisadores(as) que formam o núcleo principal, quatro pesquisadores(as) que se enquadram como membro total, seis pesquisadores(as) que possuem participação periférica e dois pesquisadores que apresentaram participação transacional. Nenhum dos entrevistados foi identificado com o quinto nível – acesso passivo – definido por Wenger (2020). Cabe ressaltar, que esses níveis de participação na comunidade não são fixos, visto que alguns entrevistados transitam entre um nível e outro, sendo considerada para esta análise a atuação principal dos entrevistados.

Após a realização e transcrições das entrevistas iniciei a composição do *corpus* da pesquisa, a partir da leitura exploratória do material. Os achados permitiram sua classificação em quatro categorias de análise, as quais levam em consideração o que designei anteriormente como uma comunidade de prática paradigmática: uma comunidade formada por um conjunto de pessoas, pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras, alunos e alunas, que se engajam mutuamente em busca de empreendimentos que visam uma aprendizagem coletiva através do desenvolvimento de pesquisas e práticas que são realizadas em torno de um ou mais paradigmas com o intuito de criar e divulgar um repertório compartilhado que possibilite o aumento da comunidade através da identificação, da sua manutenção e da sua conexão com outras comunidades ou grupos.

As quatro categorias de análise, que juntas compõem os achados da pesquisa, foram classificadas em: a) a constituição da comunidade QRCA; b) participação e reificação na comunidade; c) desafios a serem superados e d) potencialidades da comunidade. As análises acerca da comunidade QRCA, a partir da categorização dos achados, são apresentadas na sequência.

### **5.1 Constituição da comunidade QRCA a partir da percepção dos entrevistados e das entrevistadas**

Segundo os relatos, o ponto inicial para a formação do QRCA foi a participação do professor Yves Gendron, acadêmico canadense de contabilidade da Laval University em Quebec, pesquisador crítico qualitativo, amplamente conhecido por seus estudos em governança corporativa, responsabilidade social de auditores e legitimidade profissional e coeditor-chefe da revista *Critical Perspectives on Accounting* (CPA). O professor foi convidado a ministrar uma palestra sobre pesquisa crítica qualitativa no Congresso de Contabilidade e Governança da Universidade de Brasília, em 2018.

Os relatos denotam que já havia entre alguns participantes brasileiros que participavam do Congresso de Contabilidade e Governança da Universidade de Brasília, em 2018, diálogos sobre o envolvimento com a pesquisa crítica em contabilidade e o desejo acerca da necessidade de se formar um grupo para fomentar as práticas em relação à pesquisa crítica qualitativa. Foi por meio do contato do professor Yves com a professora Silvia Casa Nova e com o professor



André Aquino, os dois professores do Departamento de Contabilidade e Atuária, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), e presentes no citado congresso, que tomou forma a ideia de se organizar um encontro voltado à pesquisa crítica qualitativa na USP.

Mesmo após seu retorno ao Canadá, o professor Yves manteve contato com os outros coeditores da CPA para conhecimento da opinião deles sobre a possibilidade de desenvolver alguma ação concreta na USP, a fim de construir laços com a América Latina. Depois disso, ele enviou um e-mail à professora Silvia Casa Nova e ao professor André Aquino questionando se teriam interesse em organizar uma oficina ou *workshop* que reunisse algumas pessoas para uma discussão sobre pesquisa crítica qualitativa no Brasil.

Assim, a partir do aceite e da organização do *workshop* pela professora Silvia Casa Nova e professor André Aquino, com a colaboração de outras pessoas que se engajaram para a realização desse evento no Instituto de Estudos Avançados da USP, aconteceu o primeiro encontro do QRCA, entre os dias 29 de outubro e 01 de novembro de 2018. Como já descrito, nesse primeiro encontro ocorreram duas palestras com os temas: i) a superficialidade da sociedade contemporânea e ii) o que é pesquisa crítica qualitativa e suas tendências. Houve ainda a realização de um seminário com o tema: a contabilidade como tecnologia de governabilidade neoliberal e uma reunião intitulada “Reunião com editores” com a participação de editores de quatro revistas científicas da área contábil, sendo eles: i. o professor Yves Gendron da revista *Critical Perspectives on Accounting* (CPA); ii. o professor Fábio Frezatti da Revista Contabilidade & Finanças (RCF); iii. a professora Fernanda Sauerbronn da Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão (SCG); e iv. o professor André Aquino da Revista de Contabilidade e Organizações (RCO). Também ocorreram discussões de projetos no consórcio doutoral e apresentação das 32 pesquisas completas e em desenvolvimento aprovadas para o encontro.

Entre os pesquisadores e pesquisadoras entrevistados nesta pesquisa, oito deles participaram desse primeiro encontro, seja na organização, na apresentação de trabalhos e/ou participando nas demais atividades desenvolvidas. O primeiro ponto de destaque em alguns dos relatos é que não se esperava que nesse primeiro encontro, considerado pequeno, houvesse tamanha adesão em relação ao número de participantes. Um dos entrevistados comentou que: “*eram esperadas mais ou menos entre dez ou quinze pessoas e vieram sessenta para o workshop*”.

Foi então uma surpresa que tantas pessoas estivessem, naquele momento, interessadas em participar de um *workshop* sobre pesquisa crítica qualitativa. Sobre isso, uma entrevistada disse: “*eu acho que ninguém sabia que nós tínhamos esse tamanho*”. A quantidade de participantes, já na primeira edição do *workshop* revelou a falta de espaços de debate sobre essa temática no âmbito da contabilidade brasileira.

O clima hospitaleiro, colaborativo e intimista, no qual as pessoas estavam muito receptivas para tudo o que estava acontecendo, foi lembrado pela maioria dos entrevistados como algo muito importante, que caracterizou o evento. De uma maneira geral, todos têm boas recordações desse primeiro encontro. Sobre esses sentimentos uma entrevistada comenta:

[...] **estava todo mundo ali com essa sede de aprender**, de ver o que está sendo feito, pra ver como é que eu posso fazer também, né. (...) E tiveram várias dinâmicas de pequenos grupos nos intervalos. Pra fazer algum tipo de atividade ali em grupos de quatro, cinco pessoas e aí a comunidade conseguiu se conhecer.

Outra entrevistada também ressalta que:

Na USP foi **muito rico o momento**. Todas as pessoas ficaram, eu acho, que a unanimidade, é a **satisfação com relação ao QRCA** de 2018. E vieram várias pessoas da Colômbia, veio Yves, veio pessoas do Brasil que estavam iniciando e que já tinham um caminho em pesquisa crítica.

A participação do professor Yves também foi destacada por outros entrevistados e entrevistadas, que se sentiram valorizados por participar de um evento em que um pesquisador crítico qualitativo de renome internacional estava debatendo os artigos aprovados para apresentação e discutindo a pesquisa crítica qualitativa. A importância da figura do pesquisador Yves Gendron e da revista que ele representa, a *Critical Perspectives on Accounting* (CPA), colaborou para dar legitimidade ao evento e para que as pessoas participantes se sentissem imbuídas, mesmo que inicialmente, por um sentimento de pertencimento, de que não estavam sozinhas, e de que havia um espaço que lhes proporcionava identificação.

A admiração pelo professor Yves, naquele momento, se deu também pelo fato de ele ter lido e comentado todos os trabalhos que foram aprovados para apresentação. Esse esforço do professor Yves, de ler e comentar todas as

pesquisas colaborou nesse sentimento de pertencimento a um grupo e importância sentido pelas pessoas ali presentes. Sobre esse aspecto o entusiasmo é percebido no seguinte relato:

**O primeiro workshop foi muito bom. Foi o melhor de todos, eu acho.** Pelo menos pra mim. Por quê? Porque o Yves leu o meu texto. [...] quando o Yves lê aquele texto, ele leu! E ele comentou. Porra, quando eu li os comentários dele, eu falei caraca, o que eu estou fazendo, né? Estou em contato com um cara que é muito bom. Eu nunca tinha recebido um *feedback* daquele do meu texto, sabe, tinha sido quase um *peer review*.

O mesmo entrevistado(a) completa em outro momento:

Dois mil e dezoito foi uma conferência muito profunda, o Yves trabalhou demais na conferência de dezoito. Ele leu o trabalho de todo mundo, ele comentou o trabalho de todo mundo. Ele leu tudo. Então isso fez com que as pessoas falassem: cara, **essa conferência vale a pena**. Ela é especial. E todo mundo num fórum aberto conversando. Então, esse clima foi criado desde o início, **todo mundo colaborando e todo mundo estava ali pra crescer junto**.

Por meio das entrevistas pude perceber que a maioria dos entrevistados e entrevistadas que participou do primeiro encontro e até os que não participaram, têm a percepção, o sentimento, de que foi nesse primeiro encontro que se formou a comunidade QRCA, ou a rede QRCA, como alguns dizem. Mesmo essas duas palavras, comunidade e rede, tendo significados diferentes etimologicamente, elas tratam da mesma coisa e abarcam os mesmos sentidos que envolvem os entrevistados e entrevistadas ao falar sobre o QRCA. É interessante que mesmo aqueles e aquelas que não participaram, entendem o primeiro encontro de 2018 como o marco inicial da comunidade.

Cabe ressaltar, que na percepção de um(a) entrevistado(a) a rede foi constituída efetivamente em 2021, no seu terceiro encontro. Sobre isso, é ressaltado que: *“a gente pergunta pra essa comunidade que a gente percebe forte, nascente talvez mais consolidada do que a gente imaginava. O que que nós queríamos ser? E aí em dois mil e vinte e um a gente diz, então vamos tentar organizar a rede”*. Mesmo assim, no imaginário da maioria das pessoas entrevistadas, no meu próprio imaginário, e acredito que no imaginário de diversos outros participantes do QRCA,

o ano de 2018 foi o ano de constituição da comunidade, diante do clima de pertencimento e de identidade que foi construído.

Ao considerarmos a percepção das pessoas entrevistadas sobre o início do QRCA e os elementos que caracterizam a comunidade de prática, como o engajamento mútuo, o empreendimento conjunto e o repertório compartilhado (WENGER, 1998), confirmarmos os vínculos entre a prática e a teoria que sustenta a pesquisa. Os relatos apontam que foi através do engajamento mútuo e dos diferentes esforços empreendidos pela professora Silvia Casa Nova, pelos professores Yves Gendron e André Aquino, e pelos outros membros que ajudaram na organização do evento, entre eles, os citados pelos entrevistados e entrevistadas como o professor João Paulo, a professora Elisabeth Vendramin e a professora Sandra Maria, que juntos produziram um empreendimento que foi abraçado por muitos pesquisadores qualitativos da contabilidade que estavam, naquele momento, carentes de um lugar, de um espaço no qual se sentissem acolhidos e pudessem trocar experiências e buscar por um aprendizado através das diferentes práticas realizadas.

A experiência positiva desse primeiro encontro do QRCA resultou em um repertório que é de todos e que se constitui em recursos que foram criados e estão à disposição da comunidade. A fala de uma das entrevistadas resume bem tudo isso, ao dizer que: *“talvez eu esteja envolvida pelo sentimento de acolhimento que foi a primeira edição do QRCA, e eu seja muito enviesada por isso, porque realmente foi muito, muito humano o negócio”*.

Caracterizada a constituição e a percepção das pessoas entrevistadas sobre a comunidade QRCA, a próxima categoria de análise a ser evidenciada é a da participação e reificação das pessoas dentro da comunidade. Procurei através da análise de seus discursos, compreender como se deram suas participações, como elas foram significadas, e como determinados momentos foram reificados e colaboraram na formação de suas identidades e trajetórias de pesquisa.

## **5.2 Práticas, participação, reificação e imaginários sobre a comunidade QRCA**

O contexto social é caracterizado por um processo de negociação constante de significados, que acontece na troca de experiências cotidianas de participação. O conceito de negociação não se trata apenas de “negociar um preço”, envolve

também uma troca, na qual as pessoas dão e recebem atenção, com o intuito de consenso. Essa prática de negociação de significados é formada por outros dois processos subjacentes: o de participação e o de reificação (WENGER, 1998).

A participação é o caminho para se entender uma comunidade de prática, pois é através da participação nas atividades da CoP que seus membros têm um entendimento comum sobre o que ela representa e o que ela significa para suas vidas dentro e fora da comunidade. Assim, a participação descreve a experiência social de se viver no mundo, no sentido de tornar-se membro e de se envolver. Para Wenger (1998, p. 56) “a participação é pessoal e social. (...) é um processo complexo que envolve o fazer, o conversar, o pensar, o sentir e o pertencer. Envolve todo o ser, incluindo o corpo, a mente, as emoções e as relações sociais”.

Já a reificação procura dar forma a esse processo complexo que envolve o fazer, o conversar, o pensar, o sentir e o pertencer. É a objetificação de nossas experiências, a partir de um processo de materialização no qual estão incluídos a percepção, a interpretação, o projetar, o representar, o uso, o reuso, o dizer, entre outros aspectos que dão concretude ao que é abstrato. Assim, a reificação pode ser entendida com um processo de “coisificação” a partir do qual as pessoas dão algum nível de materialidade à elementos subjetivos de sua prática social. Como destaca Wenger (1998, p. 62), “a participação e a reificação não podem ser consideradas de forma isolada. Elas formam um par. Elas formam uma unidade nas suas dualidades. Para entender um é necessário entender o outro”.

Desta forma, com o intuito de demonstrar esse processo de negociação de significados, por meio da participação e da reificação realizadas pelos(as) entrevistados(as) a partir do QRCA, são evidenciadas a seguir alguns trechos de entrevistas que ressaltam a importância das práticas desenvolvidas, caracterizam as diferentes participações no QRCA e fazem com que os sentidos da comunidade se materializem a partir de suas percepções, de suas interpretações.

Ressalto que o objetivo com a seleção destes trechos é evidenciar a importância das práticas, do processo de participação e de reificação na comunidade QRCA, por meio das falas das pessoas entrevistadas, por isso as atividades descritas não foram elencadas cronologicamente, mas sim, de maneira a dar foco na percepção e interpretação do(a) entrevistado(a).

O primeiro trecho de entrevista selecionado evidencia como foi para um dos entrevistados participar do QRCA pela primeira vez e sua surpresa ao perceber que

existia um grupo de pessoas organizadas que produziam conhecimentos alternativos em contabilidade. Essa fala ressalta a importância do QRCA em proporcionar um sentimento de identificação e de pertencimento nas pessoas.

Eu fiquei sabendo do QRCA no primeiro ano do doutorado. Então, na disciplina de pesquisa qualitativa, a Fernanda, ela indicou o evento (...) E aí houve a possibilidade não só de participação do congresso, mas de participar também como colaborador, no processo de organização do evento, organização das salas e acesso aos professores e etc. **E aí foi nesse momento que eu percebi que existia uma comunidade interpretativa crítica em contabilidade,** sabe.

Então eu enxerguei que existia um grupo de pessoas organizado, sabe? Existia organização sobre a produção de conhecimentos alternativos em contabilidade. **E aquilo foi uma surpresa pra mim** porque eu vi que era muita gente de ambientes muito distintos, então **não existia uma barreira nacional ou transnacional dentro do QRCA e existia um interesse em conjunto de organização,** sabe.

E de organizar uma trajetória não só presente, mas de futuro pra própria comunidade, para as próprias pessoas conseguirem se articularem na produção de conhecimentos alternativos. **Foi uma explosão assim na minha cabeça** porque eu vi que, caramba existe, existem pessoas que estão empenhadas em tornar esses conhecimentos, essas possibilidades teóricas, analíticas e conceituais em um processo factível, sabe? Um processo organizado. Então esse foi o meu primeiro contato com o QRCA. (...) **Então, foi no momento que, pô, eu encontrei o meu lugar dentro da contabilidade.**

[...] eu lembro que eu recebi avaliações muito cordiais tanto da avaliação por pares, como na avaliação dos meus colegas na apresentação da conferência. Mas o que mais eu lembro assim bem desse processo **é as pessoas validarem o conhecimento que eu estava produzindo sabe.** Então elas reconhecerem que aquilo tinha validade, que fazia sentido e que aquele era **um ambiente que eu poderia discutir essas inquietações,** sabe.

Além desse primeiro momento em que o entrevistado conhece a comunidade e participa da organização de algumas atividades, tendo uma percepção de reconhecimento e pertencimento, em um segundo momento ele descreve como foi participar de outras atividades e como sentia que havia uma iniciativa da comunidade de incluí-lo em diferentes práticas. Ele destaca também o acesso a outras pessoas que também participavam do QRCA.

Então, participei no ano seguinte também, participei e fui convidado a discutir, e acho que isso foi um processo muito bacana porque eu **senti que a comunidade também tinha uma iniciativa de me introduzir para** além de apresentar a minha pesquisa. Mas também

de participar sobre a pesquisa de colegas que tratavam com temáticas semelhantes e participar dos painéis, das discussões. A partir do segundo ano eu já tinha acesso a pessoas que eu conheci através do QRCA, como por exemplo, o João Paulo Resende.

Como ressaltam Lave e Wenger (1991, p. 29), a participação periférica legítima fornece “uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e também sobre atividades e identidades. Esse conceito diz respeito ao processo pelo qual os novatos se tornam membros de uma Comunidade de Prática”. Assim, o caráter periférico da participação demonstra a diversidade de relações que podem acontecer na comunidade de prática, assim como as diferentes formas de pertencimento que são construídas.

Acredito que a fala do entrevistado ao descrever sua primeira participação e depois a do ano seguinte, demonstra como o processo de identificação pode ir aumentando gradativamente, ao passo que um membro periférico vai, aos poucos, ampliando sua participação na comunidade de diferentes formas e também, ao mesmo tempo, estabelecendo relacionamentos. Esses aspectos evidenciam o dinamismo da construção das relações no âmbito das comunidades de prática, que se transformam o tempo todo.

Uma outra entrevistada destaca em suas falas como as práticas desenvolvidas no QRCA foram importantes no seu processo de aprendizagem e como ela se sentiu acolhida nesse processo, ao receber críticas que são construtivas e que contribuem com o seu aprendizado.

[...] dentro dos eventos do QRCA foi, por exemplo, que eu aprendi o que era o conceito de decolonialidade, que eu tenho usado na minha pesquisa. (...) Porque uma coisa que eu quero na minha pesquisa é ter o mínimo possível de pessoas do Norte global como referência. Então eu acho que eu tenho construído isso, sabe. Tanto de referência de aprendizagem, quanto de me fortalecer enquanto pesquisadora qualitativa.

[...] minha experiência com o QRCA tem sido sempre muito boa no sentido de que **eu aprendo muito e que eu me sinto acolhida**, entendeu? Acho que as críticas são importantes, eu aprendi a tomar críticas assim. Ah sim, sempre críticas muito construtivas.

As falas da entrevistada ao evidenciar o acolhimento e aprendizado recebidos, vão de encontro ao que é descrito sobre o QRCA no seu site, que salienta que as pessoas ao participarem das atividades “se beneficiarão de uma

respeitosa interação e do oferecimento de comentários construtivos” (QRCA, 2023). Nesse sentido, as falas da entrevistada contribuem para confirmar que o ambiente que é proposto no site do QRCA acontece na prática.

Nesse mesmo caminho de aprendizado através das práticas realizadas e já entendendo o QRCA como uma comunidade de prática, outra entrevistada enfatiza o papel das atividades desenvolvidas nas conferências, como os painéis, a reunião com editores e os workshops como práticas relevantes dentro da comunidade, evidenciando como elas colaboram no sentido de manter conectadas as pessoas que estão inseridas na comunidade e transitando seus entornos, como os participantes periféricos. Sobre isso, a entrevistada comenta em dois momentos:

1) Então esses painéis ajudaram muito. As atividades da conferência pra além da apresentação de paper. Então isso é que eu acho, é o mais rico, né? Você encontrar ali um editor falando quais são os interesses, o que ele quer, como é que ele vê, como temática. Isso contribuiu muito. [...] **Eu acho que isso deu uma fomentada boa.** Porque você meio que se espelha, né. Tem um processo de espelhamento, de reconhecimento. Você saber que é possível.

2) uma coisa que talvez o QRCA faça, que **consolide um espírito de comunidade e prática sejam aqueles workshops.** Vamos usar o sistema tal, vamos aprender um método tal. Esses workshops dão uma noção de: vamos aprender a fazer, que é muito positivo. Eu acho que essas atividades elas ajudam as pessoas a entenderem que é possível pertencer a essa comunidade. Mas eu acho que a dinâmica desse campo em relação a qualidade do trabalho, a manutenção. Quem entra, quem sai, quem fica. [...] até mesmo pro teu periférico que está ali tentando adentrar como é que eu mantenho ele conectado e ajudo ele a crescer dentro da comunidade.

Na fala da entrevistada há também uma preocupação em relação aos membros periféricos da comunidade, sobre como é possível mantê-los inseridos, fazendo com que eles cresçam dentro da comunidade. As três falas apresentadas até esse momento: a) o entrevistado que comenta sobre sua primeira participação no QRCA e sua percepção de pertencimento, b) a entrevistada que fala sobre como tem aprendido e se sentido acolhida e c) a entrevistada que ressalta os workshops e comenta sobre a participação periférica, convergem no sentido de evidenciar a preocupação da comunidade em, através de suas práticas e do acolhimento dos membros mais antigos aos mais novos, fazer com que a comunidade cresça,



fomentando o caminho para a participação efetiva dos novatos, como destacam Lave e Wenger (1991).

Outros entrevistados e outras entrevistadas também compartilham dessa preocupação e ressaltaram o papel de outras práticas desenvolvidas na comunidade, como por exemplo, os *webinar* e seminários *online*, que geralmente permitem a interação da audiência por meio de chat, e que aconteceram fora dos encontros anuais do QRCA. Ao convidar diferentes palestrantes e abordar temas diversos ligados à pesquisa qualitativa crítica e interpretativa, os organizadores conseguiram agregar a comunidade, evitando sua dispersão nos momentos entre os eventos principais, tornando os diálogos mais constantes.

O sentimento de que a comunidade acolhe os pesquisadores e as pesquisadoras que a procuram está presente na fala de outra entrevistada que comenta sobre como as pessoas que estão a frente do QRCA são abertas a novos participantes e que todos têm espaço na comunidade.

As pessoas que estão à frente do QRCA, elas estão sempre muito abertas. Então, se você chega e fala, olha, eu tô aqui e eu quero participar das reuniões, eu quero me envolver, você vai ter espaço. Sempre estive, até porque nós sabemos que **a comunidade ela precisa crescer, ela precisa ganhar corpo e aí vem junto os reconhecimentos**, né. Da produção, da qualidade da produção, as **pessoas precisam estar engajadas**. Então, se as pessoas chegam e dizem, olha, eu estou aqui, eu quero, evidentemente, participar, eu não tenho nenhum registro de qualquer dificuldade de qualquer barreira, muito pelo contrário, sempre de acolhida sim. São duas palavras que ficaram marcadas quando eu penso no QRCA, **comunidade e acolhida**.

A abertura e o acolhimento, destacados pela entrevistada, permitem que diferentes níveis de entrosamento aconteçam, a depender das pessoas que adentram a comunidade. Assim, há a possibilidade de que diversas práticas sociais sejam estabelecidas na comunidade, nas quais o pensamento e a ação das pessoas vão aos poucos compondo suas identidades.

A construção da identidade dentro da comunidade de prática carrega aspectos fundamentalmente sociais das relações entre sujeitos que se veem pertencentes à comunidade e combina múltiplas formas de participação, que junto com a reificação são manifestados através dos discursos e estilos da comunidade.

Assim, os membros da comunidade declaram seu significado sobre o mundo e para o mundo expressando suas formas de relacionamentos e suas identidades.

Alguns entrevistados ao expressarem suas percepções sobre a comunidade e sobre a pesquisa qualitativa, reificam, de certa forma, seus sentimentos e evidenciam como suas participações na comunidade foram e são importantes para a consolidação de suas trajetórias. Deste modo, apresento a seguir algumas falas que ratificam essa dimensão da reificação.

No primeiro exemplo sobre esse aspecto trago a fala de uma entrevistada que acredita que a aceitação da pesquisa qualitativa na contabilidade no Brasil veio a partir das práticas e dos encontros realizados pelo QRCA, e que através da sua participação nessas práticas, hoje como orientadora de pesquisa ela se sente mais confortável em orientar uma pesquisa qualitativa. Sobre isso, ela comenta:

Eu percebo que existe hoje para a pesquisa qualitativa **em termos de aceitação, pra mim ela veio muito forte dali** (do QRCA), sabe. E ali acho que as portas se abriram e aí obviamente ali professores, orientadores de programas, tinham alunos, né. Então se eu já tô mais confortável enquanto orientadora, eu já posso permitir uma tese, uma dissertação nessa linha para um orientando meu. E assim, as coisas aconteceram. Eu vejo dessa forma.

A partir da fala da entrevistada é possível compreender que sua confiança em orientar uma pesquisa qualitativa veio das diferentes práticas realizadas pelo QRCA das quais ela participou. Ou seja, através da sua participação nas práticas da comunidade ela conseguiu se desenvolver pessoalmente como pesquisadora qualitativa até chegar ao ponto de se sentir confortável/confiante em poder orientar uma pesquisa qualitativa. Houve um processo de introspecção que possibilitou com que o aprendizado das práticas fosse internalizado, processado e junto com outras características suas, teve como resultado, como saída do processamento, o aumento na sua confiança em orientar uma pesquisa qualitativa. Assim, pode-se considerar que as práticas desenvolvidas na comunidade têm consequências diretas também fora dela, permitindo a ampliação do debate crítico interpretativo para além do âmbito estrito do QRCA.

Na fala de outra entrevistada há um enaltecimento do QRCA, da possibilidade de compartilhamento de interesses e de crescimento tanto individual quanto coletivo. A entrevistada comenta também, num segundo momento, como as práticas das

quais ela participou serviram para seu aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Ela ressalta ainda, nesse segundo trecho, o papel importante das mulheres na comunidade e de como em alguns momentos essa rede, que ela considera de apoio, tem ajudado nas suas dificuldades pessoais e profissionais.

1) Creio que o QRCA tem crescido muito, através dos encontros, das perspectivas, dos temas, das pessoas que encontramos **e da troca de imaginários. Esse último que estou mencionando, não sei nem que palavras utilizar, foi uma coisa maravilhosa.** As pessoas, essa colegagem... [...] falar de temas em que você se sente apoiado e ali se encontram todos para compartilhar seus interesses, então **é um crescimento pessoal e coletivo ao mesmo tempo.**

2) A comunidade tem me proporcionado muito aprendizado, como nas questões metodológicas, questões de gênero e em muitos temas importantes. E esse aprendizado não foi só no profissional mas no pessoal também. Porque a rede tem mulheres que são maravilhosas, e são maravilhosas não só no meio acadêmico, mas no pessoal também. É uma rede de apoio muito grande! Quando estou com dificuldade no trabalho ou com alguma questão pessoal, eu as procuro e peço a sua opinião. [...] principalmente Silvia que foi minha conselheira na minha tese de doutorado e que agora me ajuda a desenvolver temas que estou trabalhando.

Nas falas da entrevistada há um nítido processo de reificação, no qual as experiências vividas na comunidade e também fora dela, mas em razão dela, possibilitam diversas negociações de significados que tem como consequência uma transformação do seu próprio ser, que resulta em novos aprendizados e novos saberes. Sua participação na comunidade e suas percepções e sentidos sobre sua participação fazem com que novos aprendizados sejam incorporados, mudando seu entendimento de mundo e sua prática sobre ele.

Diversas outras falas refletem e ressaltam a importância da comunidade QRCA, assim como a importância de se evidenciar como seu surgimento foi relevante para que houvesse um espaço no qual, não só os pesquisadores(as) que já trabalham com pesquisa qualitativa interpretativa e crítica, mas também, aqueles que tinham um interesse ou uma curiosidade acerca desse tipo de pesquisa, pudessem assim, aprender, trocar experiências e unir forças com o objetivo de fomentar a pesquisa qualitativa crítica e interpretativista em contabilidade no Brasil e em alguns outros países da América Latina.

No que diz respeito à minha própria trajetória acadêmica, reconheço que a comunidade QRCA me ajudou em diferentes momentos da minha formação

enquanto pesquisador no doutorado. Participei dos encontros de 2020 e 2021, nos quais apresentei pesquisas e submeti, nos dois anos, meu projeto de doutorado ao consórcio doutoral, que visa debater e fazer sugestões para os projetos de pesquisa. Nesse momento, foram muitas as contribuições para a definição das escolhas teóricas e metodológicas que conduziram esta pesquisa. No encontro de 2021 fui convidado a avaliar artigos para apresentação na conferência e também a debater algumas apresentações de trabalho, momento que também enriqueceu minha experiência profissional sobre as pesquisas críticas interpretativas.

Posso então, ratificando as falas de muitos dos entrevistados e entrevistadas, confirmar o clima acolhedor da comunidade, as muitas críticas construtivas que recebi, os aprendizados recebidos, por meio das palestras, dos painéis, dos *workshops* e dos *webinars*. Foi fundamental para a conclusão deste doutorado pertencer a uma comunidade na qual pessoas têm visões de mundo parecidas com a minha. Foi na comunidade QRCA que encontrei uma base de sustentação e de apoio epistêmico para superar algumas dificuldades enfrentadas ao longo do meu doutoramento, e sou grato por algumas dessas pessoas da comunidade que tanto contribuíram com minha formação estarem comigo no momento final de defesa da tese, como participantes da banca examinadora.

Como um último exemplo de reificação a partir da comunidade QRCA trago um trecho da fala de um entrevistado que procura caracterizar como sua participação nas atividades realizadas pela comunidade foram importantes na sua trajetória pessoal e profissional, em convergência com os demais relatos.

**O QRCA influenciou muito fortemente a minha carreira** porque me apresentou muitas pessoas. Então a exposição que eu tive no primeiro ano me trouxe muita visibilidade, legitimidade e isso abriu muitas portas.

[...] **vejo minha evolução durante os QRCA**, conheci muita gente por causa dos painéis, por causa dos e-mails, das palestras, das organizações. **Então tem sido uma experiência transformadora.** Tanto acadêmica quanto pessoalmente. Porque enquanto pessoa você conhece outras realidades. Foi minha primeira viagem internacional pra Colômbia em dois mil e dezenove. Nunca tinha saído do país. Então **tem marcado minha trajetória de maneira muito significativa.**

A escolha das palavras que o entrevistado utiliza para descrever o impacto que as suas interações no QRCA tiveram na sua trajetória, denotam a centralidade

da comunidade em suas experiências profissionais e pessoais - fortemente, visibilidade, legitimidade, evolução, transformadora e significativa. O conjunto das entrevistas demonstra uma compreensão compartilhada de que os caminhos trilhados até momento no QRCA, apesar de ser uma comunidade relativamente recente, transformaram de diferentes maneiras as trajetórias profissionais e as experiências de vida de seus participantes, que indicam a importância que o QRCA possui na construção de um campo de pesquisa crítica interpretativa na contabilidade. Sendo assim, as práticas desenvolvidas na comunidade, a valorização da participação dos entrevistados e entrevistadas, os processos de reificação que materializam os sentidos da comunidade nas trajetórias dos pesquisadores e os imaginários formulados sobre o QRCA se associam com identificações positivas do pertencimento a essa comunidade, considerada como capaz de transformar as práticas de pesquisa e as relações pessoais.

No entanto, essa importância na transformação da pesquisa contábil é acompanhada de uma série de desafios que perpassam as práticas de uma comunidade que se pretende insurgente diante das epistemologias tradicionais e conservadoras. Nesse sentido, não é sem embates e resistências que o QRCA vai se constituindo como um espaço capaz de ampliar o escopo das discussões na contabilidade na direção de pesquisas críticas e interpretativas. Sobre esse aspecto, seguimos na próxima seção destacando os desafios, tanto internos quanto externos, enfrentados pela comunidade neste processo de consolidação.

### **5.3 Desafios enfrentados pela comunidade QRCA**

O sentimento de identidade, as interações entre os membros da CoP e o processo de aprendizagem se constituem através de relações pautadas no respeito mútuo e na confiança como destacado por Wenger, McDermott e Snyder (2002). Assim, todo o aprendizado que acontece com a vivência das práticas dentro da comunidade é produzido por uma mistura de ideias, histórias, documentos, linguagens, compreensões tácitas, entre outros elementos que são compartilhados entre os membros da comunidade.

Esses elementos são responsáveis pela própria formação da comunidade, pelos seus diferentes estágios de desenvolvimento e pelas dificuldades e desafios que ocorrem ao longo do tempo. Ao entrevistar os catorze pesquisadores foi

possível perceber que além de um forte sentimento de identidade e de pertencimento, o QRCA, enquanto uma comunidade de prática ainda em consolidação enfrenta muitos desafios que devem ser superados para que a comunidade continue a existir. Esses desafios têm, ao mesmo tempo, natureza externa e interna ao QRCA e decorrem tanto da dinâmica acadêmica como um todo quanto das características individuais dos pesquisadores e de suas relações interpessoais. Assim, destacamos a seguir alguns dos desafios encontrados a partir das falas dos entrevistados.

Os primeiros dois desafios a serem superados pela comunidade QRCA são comuns ao funcionamento das rotinas acadêmicas de forma geral e influenciam as práticas também da comunidade estudada, são eles: a) falta de tempo para a dedicação às atividades do grupo e b) dificuldades em angariar recursos para a manutenção da rede. Essas dificuldades ganham importância se considerarmos que todas as práticas realizadas pela comunidade são voluntárias e exigem doação de tempo e dedicação das pessoas para que possam ser desenvolvidas. Vários entre os entrevistados e entrevistadas afirmaram que gostariam de participar mais das atividades da comunidade, seja na organização, na execução ou na participação, porém destacaram que a falta de tempo pelo excesso de atividades em que já estão envolvidos em suas carreiras inviabilizam suas participações de modo mais contínuo. Sobre esse ponto, uma entrevistada comenta: *“pessoalmente eu preciso dizer que eu preciso me colocar mais para o QRCA sabe. Porque na realidade eu tava (sic) vivendo uma situação particular de limitação e às vezes eu me divido muito, me afasto”*.

A falta de recursos financeiros é outro grande desafio da comunidade. Existem muitas despesas na execução das atividades, sejam nos encontros anuais ou nos *webinars*. Um gasto grande na execução dessas atividades são as traduções simultâneas para o português, o inglês e o espanhol e que são, conforme as falas de alguns dos entrevistados(as), um importante instrumento para a participação e integração dos membros da comunidade nas diferentes práticas que acontecem em outro idioma, principalmente na língua inglesa, sendo este um forte limitador da capacidade de participação das pessoas, e reflete mais um desafio a ser superado.

Sobre essa questão linguística, um entrevistado que não se comunica bem na língua inglesa comenta: *“a despeito da comunidade, enfim, na conferência ter um*

*incentivo de ter tradução simultânea torna o processo de troca acessível*". Outra entrevistada também ressalta que:

Vejo naquele evento onde tantas línguas puderam... tantas vozes puderam ser ouvidas. Eu acho que isso faz sentido pras pessoas de maneira geral. É muito ruim você ficar impedido de falar do que você tá fazendo, de falar de possibilidades, porque você não consegue ser ouvido no seu idioma. Isso é limitante, isso é doloroso [...].

Porém, o dispêndio para o pagamento das traduções simultâneas e das outras despesas vem, na sua maioria, das instituições e de projetos com financiamento das professoras que compõem o núcleo de participação da comunidade, sendo elas: a) a professora Fernanda Filgueiras Sauerbronn da Universidade Federal do Rio de Janeiro, b) a professora Mary Anali Vera-Colina da Universidade Nacional da Colômbia e c) a professora Silvia Pereira de Castro Casa Nova da Universidade de São Paulo.

Sobre essa questão, uma das entrevistadas comenta:

Ela [a comunidade] depende de tradução. Percebe? Tradução é um serviço especializado muito caro. Todos os nossos eventos, eles demandam tradução. Em três línguas porque as línguas [...] português, espanhol e inglês. E pra garantir isso a gente precisa de uma fonte de recursos, a gente ainda não encontrou uma fonte de recursos. Hoje as fontes de recursos vêm das instituições e dos grupos que Silvia, Mari e Fernanda participam, percebe? Então de certa maneira, apesar da gente não ter um acordo, esses grupos têm viabilizado a busca por recursos pra tornar possível a tradução que é uma questão chave pra nós.

Percebe-se então, que não há uma fonte ou um fundo de recursos financeiros para a tradução simultânea e para todas as outras atividades da comunidade QRCA, sendo está uma questão delicada que pode comprometer a qualidade das trocas nos eventos e até mesmo, a manutenção da própria comunidade.

Um outro desafio que parte dessa questão dos recursos financeiros diz respeito à centralização do comando das atividades do QRCA, visto que as decisões tomadas dentro da comunidade ficam, de certa forma, atreladas somente a essas professoras que compõem o núcleo de participação. Há assim, uma centralização das decisões sobre o que a comunidade faz ou deixa de fazer. Isso é explicado pelo fato de serem essas professoras as responsáveis, não só pelos recursos financeiros,

mas também pela organização dos encontros do QRCA que aconteceram até o momento (professora Silvia em 2018, professora Mary em 2019 e 2022 e professora Fernanda em 2020 e 2021). Não se trata aqui de criticá-las por esse fato. Se não fosse pela iniciativa e engajamento delas, com certeza, talvez nem existisse a comunidade QRCA. O desafio que se apresenta então se relaciona ao fato de que há uma sobrecarga de responsabilidades para essas professoras, indicando a necessidade de discutir no âmbito da comunidade as possibilidades de alternância e de ampliação do núcleo de participação.

Por mais que alguns nomes se apresentem como possibilidade de participar dessa alternância e ampliação, seja para dividir as responsabilidades ou mesmo para assumir os papéis destas professoras em caso delas deixarem de fazer parte do núcleo de participação da comunidade, é preciso que esses outros membros tornem-se cada vez mais efetivos e engajados nas atividades da comunidade, seja na organização das atividades e/ou na busca de recursos, a fim de que proporcionar a continuidade da comunidade QRCA.

Outra barreira para a ampliação e manutenção da comunidade evidenciada por uma entrevistada é a falta de recursos governamentais que fomentem a pesquisa, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de práticas que envolvam a comunidade. A entrevistada explana que:

Nós temos dificuldades importantes, eu vejo assim, por exemplo, **o governo que estava aí tirando o orçamento das instituições todas. Fica muito difícil pras pessoas se movimentarem.** A reunião virtual funciona, mas algumas coisas a gente precisa estar próximo pra estabelecer contato, pra estabelecer parcerias, pra fazer as coisas acontecerem, e sem recursos fica muito difícil. (...) Por exemplo, no meu caso eu, a última vez que eu tive incentivo pra participar do evento foi dois mil e quatorze. De lá pra cá nunca mais eu tive incentivo pra participar de nenhum evento.

Também é um desafio que se impõe ao QRCA e que advém de uma de suas qualidades que é sua organização em rede, as distâncias e a falta de integração que pode ocorrer por conta delas. Ao tentar ser uma comunidade ampla que engloba os países da América Latina e ao fazer os encontros em países diferentes, a ideia é a integração dos diferentes membros da comunidade que estão espalhados por esses países da América Latina, porém o que pude perceber no discurso dos entrevistados, é que muitos deles não tem condições financeiras de arcar com uma



viagem longa, como ir para a Colômbia, por exemplo, onde ocorreu o encontro de 2022. Apesar de alguns entrevistados e algumas entrevistadas quererem participar, as longas distâncias e a falta de recursos desses membros da comunidade limitam suas participações.

Evidencio a seguir um trecho da fala de um entrevistado que argumenta sobre esse assunto:

Eu acho que a ideia de construir uma rede latino-americana, a ideia é muito boa, só que eu acho que a gente não tem conseguido dar conta de fazer essa integração, entendeu? Então, eu acho que se a gente conseguisse ter esse espaço de integração, seria muito bom, mas em termos práticos mesmo, eu não vejo isso acontecendo, porque o negócio vai lá pra Colômbia, eu não sei o que está se passando, depois vai pra Argentina e tal.

O entrevistado reverbera que mesmo achando a ideia de construção de uma rede latino-americana de pesquisa qualitativa interpretativa e crítica em contabilidade muito boa, em termos factuais, ele não vê isso ocorrendo e comenta no final da sua fala sobre o próximo encontro do QRCA, que talvez aconteça na Argentina.

Houve no último encontro de 2022, realizado na Colômbia, um esforço de dar continuidade ao formato online, dessa forma, o evento aconteceu de forma presencial, para aqueles participantes que puderam estar presentes, e também foi transmitido pela internet para os outros membros da comunidade, sendo considerado um evento híbrido. Essa é uma forma de fazer com que os membros que não puderam estar presentes, pelos motivos citados anteriormente, participassem das atividades realizadas. Percebe-se então, que o formato de evento híbrido é uma tentativa importante de fazer com que não haja uma dispersão dos membros da comunidade, e que mesmo distantes eles possam participar das atividades do QRCA.

Porém, a conferência realizada no formato híbrido tem um dispêndio muito grande de recursos, sejam eles de natureza financeira, pessoal e material, além de ser difícil de organizar, como comenta uma das entrevistadas:

Eu falei: se a gente sair do virtual, for pro presencial na Argentina, oitenta por cento dos nossos participantes não irão. Que são alunos de mestrado e doutorado. Eles não têm dinheiro para ir à Argentina. **Eu acho que essa questão híbrida é importante continuar com ela, mas o híbrido é horrível de organizar.** (...) Você tem que ter

alguém líder ali mediando a sala. Então assim dá muito trabalho. Dá muito trabalho. Então você tem que ter o dobro de equipamento, o dobro de material, o dobro de sala, o dobro de tudo. Então assim, a gente está em risco de dar tudo errado é a minha visão. A gente está em risco de dar tudo errado. E mas, ao mesmo tempo, assim, **eu não acho que a gente deve deixar a rede morrer, né. Pois as pessoas dependem, querem, querem estar juntas [...]**.

Percebo na fala da entrevistada uma forte preocupação, que era expressada pelo seu semblante também nesse momento. Juntam-se a essa fala todos os desafios apresentados anteriormente, a preocupação com a falta de recursos da comunidade para custear todas as despesas envolvidas para realizar os encontros no formato híbrido, a falta de recursos dos membros da comunidade para poder participar das atividades, a preocupação com a integração da comunidade, ao ressaltar a importância da manutenção do formato híbrido, já que se realizado o encontro em outro país, sem transmissão simultânea pela internet, a maioria dos membros da comunidade não teria condição de participar, e também, de certa forma, o dispêndio de tempo, que já é escasso, para organizar o encontro no formato híbrido, já que se precisa de tudo em dobro, como ressalta a entrevistada.

Uma forma de mitigação de algumas dessas dificuldades apareceu em algumas das falas dos entrevistados e me parecem ser muito interessantes. Uma sugestão seria ampliar as práticas desenvolvidas pela comunidade regionalmente. Ou seja, realizar atividades locais, em diferentes regiões do Brasil, com o objetivo de aumentar a visibilidade nacional da comunidade, capacitando, engajando novos membros a participarem do grupo para que haja uma ampliação do seu tamanho e de sua integração.

A ideia é então, crescer internamente para depois crescer externamente. Fomentar as práticas da comunidade dentro do Brasil, nas diferentes regiões, para além do eixo Rio - São Paulo, como comenta um dos entrevistados. As duas falas a seguir exemplificam esse contexto. Na primeira, um entrevistado comenta:

A comunidade de pesquisadores que compõem o QRCA Brasil, eles podem desenvolver atividades para angariar, para acessar outros espaços dentro do contexto brasileiro. **Acessar outros espaços no sentido de se fazer uma comunidade conhecida e que as pessoas, elas entendam o papel e a importância do que é estar na construção de uma rede de pesquisadores**, sabe? Então como é que o QRCA pode adentrar nos programas de pós-graduação, acessar esses programas de pós-graduação e enfim se fazerem vistos, né? Enfim, se fazer uma comunidade vista e divulgar pra

essas outras pessoas a construção ou a possibilidade de construção de uma rede. Acho que, por exemplo, a Fernanda, ela tem algumas iniciativas nesse sentido, eu acredito que a Silvia também. Então sempre que essas professoras elas vão participar de debates ou participar de aulas em programas de uma pós-graduação, e eu consegui participar de uma lá em Blumenau, acho que na FURB, elas mostram a existência dessa comunidade, elas mostram que essa comunidade existe, que ela pode ser acessada, e eu percebo, por exemplo, pessoas dentro desses espaços, conhecendo e se apropriando dessas alternativas de pesquisa, sabe.

Colaborando com esse primeiro trecho de fala apresentado, outra entrevistada ressalta que:

Uma coisa que a gente conversou na última reunião é onde eventualmente a gente apoiar, não sei como, porque não vai ser financeiro, né, mas apoiar com conhecimento, atividades locais dos grupos nos diferentes lugares. Então... ah vai ter uma conferência sei lá onde, eles querem fazer um workshop de método, o que que vocês sugerem? A gente vai lá, sugere alguém pra fazer um workshop de método... Ah vai ter um curso não sei aonde, precisou de alguém pra falar do tema tal, a gente vai lá e sugere alguém. Ou seja, **a gente funcionar mais pra dinamizar a atividade que cada grupo queira fazer**, né? A gente se inserir, a gente tem a nossa conferência, cobrando inscrição pra poder financiar as atividades, aí voltar a ter site, voltar a ter as coisas, as pessoas participarem como pessoas físicas e não como instituições. Reconhecer o trabalho das pessoas que estão ali né, e ao mesmo tempo, a gente apoiar as atividades locais. Eu acho que esse é o caminho que a gente vai ter pra seguir.

É possível verificar através das falas das pessoas entrevistadas que iniciativas já acontecem no sentido de fomentar as práticas ligadas à comunidade em outros espaços fora dos encontros anuais que acontecem, entretanto, se faz necessário que essas iniciativas aconteçam em maior número e sejam aprofundadas. Como um exemplo disso, um entrevistado discorre que o QRCA deveria tentar abrir frentes temáticas nos congressos de contabilidade, como acontece no congresso Enanpad, com a área Estudos Críticos e Interpretativos em Contabilidade.

Porém, iniciativas como a citada anteriormente precisam vir envolvidas sobre o manto do nome da comunidade QRCA e não dos pesquisadores individualmente. Todas essas e outras atividades que venham a ser realizadas têm que estar caracterizadas como atividades desenvolvidas pela comunidade QRCA. Como ressalta a fala da entrevistada, as pessoas devem realizar essas atividades como

pessoas físicas, que são membros da comunidade QRCA e não como pessoas que estão ali representando determinada instituição, por exemplo. Ou seja, para além da filiação institucional de cada membro do QRCA, é necessário dar ênfase na comunidade, com o intuito de projetá-la e alcançar os objetivos propostos.

Uma parte importante desse caminho a se trilhar passa pela divulgação da comunidade na internet, através do seu site e das redes sociais. A comunicação da comunidade com os seus membros e com os pesquisadores e as pesquisadoras que possam vir a se interessar pela comunidade é outra ferramenta que deve ser mais bem trabalhada. Em determinada parte da última fala apresentada, a entrevistada comenta que é preciso “voltar a ter site”, isso porque o site da comunidade está fora do ar, pelo menos até o momento em que escrevo essas palavras, e isso acaba sendo um ponto negativo, pois o site do QRCA é um importante instrumento de divulgação da comunidade. Parte dessa pesquisa, por exemplo, foi feita considerando esse site, visto que importantes informações sobre a comunidade estão lá. Sua falta de atualização, como já mencionado durante sua análise, e agora sua queda prejudicam o processo de manutenção e continuação da comunidade.

É importante ressaltar que a proposta do aumento de práticas dentro do Brasil é uma estratégia que pode ser repetida também pelos outros países em que há membros da comunidade, como a Colômbia. Não se trata de extinguir as ações do QRCA na tentativa de ser uma comunidade latino-americana em pesquisa alternativa em contabilidade, mas sim de um novo posicionamento, de uma mudança de estratégia, a fim de contribuir com o crescimento e continuação da comunidade. Nesse sentido, as práticas envolvendo diferentes membros, de diferentes países continua sendo bem vinda.

Cabe evidenciar, que os desafios elencados aqui para o crescimento interno da comunidade dependem de questões outras que abarcam diversos fatores que podem não ser conhecidos por alguns dos entrevistados e nem por este pesquisador. Assim, os desafios apresentados até o momento servem para reflexão dos membros da comunidade, principalmente aqueles inseridos nos níveis mais altos de participação, e essas reflexões devem ser feitas considerando quaisquer outros elementos que não foram apresentados aqui por diferentes razões.

Nesse sentido, mais um desafio presente na comunidade que requer atenção é a falta de sinergia e de comunicação entre os membros do QRCA. Em algumas entrevistas, tensões entre os membros da equipe ficaram evidentes. Em outros

momentos, entrevistados e entrevistadas comentaram sobre essas tensões, como na parte em que um dos entrevistados diz:

Ele acontece por motivos que fogem do meu entendimento assim, vamos dizer assim né... sei lá porque às vezes as pessoas já tinham outra relação [...] você está olhando pra aquela relação sem entender nada o que acontece. **Os tensionamentos... Você vê um tensionamento, mas você não sabe o que aconteceu de fato.**

Como ressaltam Lave e Wenger (1991), a organização das atividades da comunidade, bem como a formação de identidades gera relações de competição dentro da comunidade, contribuindo para a formação de conflitos e tensões entre os membros mais experientes da comunidade de prática. Assim, é necessário que haja um apaziguamento dos conflitos e tensões existentes na comunidade, para que o diálogo volte a acontecer de maneira equilibrada e serena entre seus membros, fazendo com que a comunidade continue a comungar interesses que são comuns a todos os seus membros, principalmente aos periféricos que mais precisam da comunidade. Assim, reconhecemos que os tensionamentos fazem parte da própria constituição da comunidade, mas evidenciamos que eles precisam ser superados a partir do diálogo constante acerca dos interesses coletivos da comunidade.

Nesse caminho de entendimentos, outra divergência que precisa ser resolvida na comunidade é o dissenso. Não existe consenso entre as pessoas entrevistadas sobre como a comunidade QRCA deve se posicionar em relação às questões metodológicas, epistemológicas e ontológicas. No entendimento de alguns a comunidade deve ser restrita aos temas que contemplam seu próprio nome, ou seja, deve ser uma comunidade na qual as práticas desenvolvidas aconteçam em torno da pesquisa qualitativa e crítica, aceitando também nesse arcabouço a pesquisa interpretativa.

Já para outros, a comunidade deve ser entendida considerando a pesquisa qualitativa interpretativa e crítica e também a pesquisa quantitativa crítica, assim, trabalhos nessa última vertente seriam aceitos para apresentação e discussão nos encontros da comunidade. Outro posicionamento presente nas entrevistas, e que aparece em menor número, é daqueles que acreditam que a comunidade QRCA deva ser uma comunidade aberta para todas as ontologias e epistemologias, aceitando pesquisas de diferentes paradigmas, seja ele funcionalista,

interpretativista, crítico, entre outros. Ao comentar sua opinião sobre esse aspecto, um dos entrevistados diz:

Eu acho que o engajamento da comunidade é no sentido de você trazer conhecimentos alternativos e você produzir conhecimentos plurais sobre a contabilidade, sabe? E se esse conhecimento é a partir de uma abordagem quantitativa, por que não? [...] E aí eu fico pensando, tá, se a gente delimitar, e se a gente colocar essas fronteiras, por exemplo, a gente pode enfim, impossibilitar que outras pessoas acessem e que, por exemplo, alguém que pode começar entrando nessa comunidade com um artigo quantitativo e que se entender na comunidade acessando o espaço sabe?

Nesse mesmo sentido, outra entrevistada explana que:

Existem limites do que é visto como pesquisa crítica, pesquisa interpretativa e eles são limites maleáveis. É muito difícil você ter certeza e nós não temos. Eu sinto que esse é o último ponto de perigo que eu vejo pra comunidade, é, eu sinto que existe uma vigilância em torno do que é pesquisa crítica que pode nos atrapalhar na rede. Porque nós queremos ser uma rede de pesquisa alternativa que acolha pesquisadores e pesquisadoras até o momento em que eles ainda estão se questionando qual é a identidade deles enquanto pesquisadores.

Colaborando com essas falas, outra entrevistada comenta:

Então se a gente se fecha só pro nosso mundinho e não vai olhar o que tá acontecendo do lado positivista a gente está só simplesmente reproduzindo o que ele faz. Então, eu acho que é sempre muito bem-vindo, é, qualquer tipo de metodologia, qualquer tipo de paradigma. O que eu acho, é que seria benéfico até pras pessoas, entendeu?

Desta forma, essa diversidade de posicionamentos dos pesquisadores quanto à abrangência da comunidade pode gerar tensões importantes, visto que se refere a um ponto fundamental que rebate na própria identificação e pertencimento das pessoas ao QRCA.

Um entrevistado com um posicionamento contrário às falas apresentadas anteriormente, argumenta que:

Olha, meu posicionamento em relação a isso é totalmente voltado a não aceitar os trabalhos. **A gente tem já congressos que acolhem esses trabalhos e não acolhem os nossos. Então é mesmo nesse sentido que garante a justiça acadêmica, social...** [...] Não

concordo. Não concordo, eu acho que em relação a isso a gente tem que ser fechado mesmo. **E não que não sejamos abertos. Todo mundo é aberto a participar, a ouvir. A gente tá aberto pra quem quer a mudança.**

Nessa mesma linha, outra entrevistada comenta:

Existem espaços consolidados na área para quem está fazendo pesquisa qualitativa em outros paradigmas. **Então acho que não faz sentido haver uma abertura, porque é um evento que vem suprir carências nesses pontos**, né. Então não vejo sentido em abrir para uma comunidade maior.

De maneira mais enfática, uma outra entrevistada ressalta que:

Se os nossos operadores não fizerem isso, ou seja, se tornar de fato um paradigma, ou seja, não reproduzir as lógicas paradigmáticas e dos campos, **a gente corre o risco de perder essa identidade. E aí ninguém mais vai querer acessar. Pois qualquer um acessa**. A própria dificuldade e a barreira que existe de acesso, de consolidação, ela fortalece no sentido de que as pessoas falam: poxa aquilo ali é especial, eu quero! Nossa, eu consegui e quase ninguém consegue. Então vira um mérito né, porque a gente não pode desconectar essa comunidade de uma lógica de campo que a gente tem, que é formada pela CAPES, que é formada pela própria trajetória da área. Então se fica fácil demais, não vira nada.

Compartilho da percepção destas últimas falas, visto que o *mainstream* contábil já dispõe de espaços suficientes e que já estão consolidados para o desenvolvimento e debate acerca de suas pesquisas. É preciso, dessa forma, nos fortalecermos enquanto uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil, demarcando de maneira contundente nossas diferenças em relação ao paradigma consolidado, assim, proporcionando a produção de uma identidade específica de pesquisa. Como já destacado anteriormente, “não se trata de rejeitar ou excluir o paradigma funcionalista, mas, sim, de aumentar a reflexividade da pesquisa contábil, superando seus usos e limitações, bem como fomentando o surgimento de novas áreas de pesquisa por meio de múltiplas perspectivas de estudo” (MAGRINI *et al*, 2022, p. 21).

Frente a essas divergências de posicionamentos sobre os rumos da comunidade, fica evidente que há a necessidade de um diálogo maior sobre os fundamentos e objetivos da própria comunidade, para aparar as arestas e diminuir

os ruídos que podem enfraquecer a comunhão das pessoas em torno do projeto comum.

Em uma das entrevistas, esse aspecto compareceu com evidência:

Eu acho que a curto prazo, eu vejo muito que as práticas dentro do QRCA, organizacionais mesmo, ainda não são bem estabelecidas, assim: quem faz o quê? [...] no site, mesmo, ainda tem coisa que não vingou. Então, acho que a curto prazo é meio que arrumar a casa por dentro mesmo, sabe? Precisa isso. Então, é entender como é que vai ser essa dinâmica de dedicação das pessoas e tudo mais. Acho que tudo isso é importante.

O discurso recortado demonstra que há ainda a necessidade de estruturar a organização do QRCA, definindo funções específicas para os participantes, compondo comissões permanentes para tratar de questões centrais para a rede e estabelecendo grupos de discussão contínua sobre os papéis teóricos, metodológicos e operacionais do QRCA.

Uma última questão que se apresentou como um desafio para a comunidade é a parceria firmada desde sua constituição com os membros da revista *Critical Perspectives on Accounting* (CPA), mais especificamente com o professor Yves Gendron. Mesmo sendo ele uma peça fundamental para a constituição da comunidade e para a realização de diversas atividades importantes nesses últimos cinco anos, houve menções em algumas entrevistas sobre a possibilidade de estar acontecendo um processo de colonização da comunidade QRCA por um grupo do Norte global, a CPA.

Cabe ressaltar que nenhum dos(as) entrevistados(as) afirmam que esse processo de colonização está acontecendo de fato. Eles apenas comentaram que existe essa questão e que não há um consenso fechado sobre isso. Particularmente, todos os entrevistados na pesquisa que mencionaram esse assunto veem o professor Yves Gendron como um facilitador, alguém que está contribuindo efetivamente com a comunidade e veem a parceria com a revista CPA como algo importante, mas reconhecem que essa crítica da possível colonização vem sendo feita por pesquisadores externos ao QRCA, sendo uma questão a ser discutida de maneira coletiva na comunidade para alinhar os entendimentos e para que seus membros possam construir uma narrativa de defesa dos contatos da comunidade com os pesquisadores do Norte global, mas, por outro lado, reforçando a



centralidade do protagonismo e da independência da produção do conhecimento feita a partir do QRCA.

Consideramos que esse conjunto de desafios apresentados decorre do fato de que a comunidade QRCA é nova e está em processo de consolidação. Assim, esses desafios elencados são, de certa forma, inerentes a uma comunidade que está se descobrindo, se construindo, sendo necessário para uma resolução positiva desses desafios a capacidade de diálogo frequente, para que haja uma comunhão das ideias e das expectativas do grupo, de forma a efetivar o engajamento dos seus membros em práticas conjuntas que possibilitem a formação de um repertório que seja compartilhado por todos, caracterizando assim uma comunidade de prática que busca níveis maiores de desenvolvimento.

É nesse sentido que reconhecemos que, apesar desses desafios, a comunidade QRCA já é um espaço relevante para o desenvolvimento da pesquisa crítica e interpretativa na contabilidade, por seu pioneirismo e amplitude de suas ações. Desta forma, é preciso pensar no futuro e nas potencialidades da comunidade. Sendo assim, serão apresentadas na próxima seção as projeções feitas pelos(as) entrevistados(as) acerca dos caminhos a serem conquistados pela comunidade nos próximos anos.

#### **5.4 Possibilidades e potencialidades para a comunidade QRCA**

Durante as entrevistas os pesquisadores e as pesquisadoras foram questionados sobre o que a comunidade poderia fazer para expandir suas possibilidades e/ou para ampliar suas práticas, em uma tentativa de se pensar sobre o futuro do QRCA e sobre suas potencialidades de crescimento visando se firmar enquanto uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil.

Além das falas sobre o potencial de se ampliar as práticas e seus espaços de desenvolvimento, que serão tratadas logo mais, o primeiro trecho de entrevista a ser destacado é de um entrevistado que questiona quais são as pretensões do QRCA para o futuro. Ao fazer esse questionamento, ele afirma que tais pretensões, se é que elas existem, devem ser evidenciadas e discutidas em grupo.

Eu não sei, por exemplo, como o QRCA se pretende daqui a dez anos. O que ele visa desenvolver ao longo dos próximos dez anos? Eu me vejo um pesquisador produzindo conhecimento alternativo e aí eu espero usar o ambiente universitário institucional pra isso, sabe. Mas eu não sei até que ponto eu consigo unir forças pra pensar e pra colaborar com a trajetória do QRCA no futuro. **Então eu acho que o QRCA, enquanto comunidade, pode evidenciar mais suas pretensões** e, evidenciando suas pretensões, ouvir mais os outros, sobretudo no Brasil. Os participantes em processo formativo e as perspectivas alternativas de pesquisa, enfim, **possibilitar imaginações para a comunidade no futuro**, sabe. Possibilidades de se imaginar enquanto a comunidade no futuro. Eu ainda não vejo iniciativa pelo menos dos pesquisadores do Brasil.

Esse questionamento é interessante, pois traz alguns pontos importantes de reflexão. Há um planejamento de longo prazo para o QRCA? Os membros mais efetivos da comunidade pensam no QRCA daqui a dez anos? Sobre esse aspecto, sobretudo nas entrevistas realizadas com os membros dos níveis mais altos de participação, não foi possível identificar um planejamento formal sobre o que se pretende para a comunidade no futuro. Em referência a essa questão, outro entrevistado comenta: *“O que a rede quer? Existe uma necessidade de institucionalizar, de ter diretores, de ter uma formalização ou continua como uma rede informal?”*.

Acredito que essas são reflexões muito importantes a serem feitas pela comunidade, e creio também que uma formalização da comunidade ajudaria nesse processo de se pensar o futuro e de se buscar a ampliação e a manutenção da rede. Isso porque a formalização e a institucionalização do QRCA trariam, de certa forma, mais legitimidade e credibilidade para a comunidade. Assim, essa é uma primeira possibilidade e potencialidade a se pensar.

Outra potencialidade, que já foi discutida anteriormente, mas que deve aparecer nesta subseção também é a ampliação das práticas das atividades dentro dos países que compõem o QRCA. É importante reiterar esse ponto, pois ele indica uma maneira relevante de aumentar a coesão da comunidade, engajando permanentemente seus participantes. Assim, as práticas podem ser realizadas a nível regional, nacional ou internacional, a depender do contexto.

Nesse contexto, o QRCA continuaria com um encontro que englobasse todas as diferentes nações que compõem a comunidade, mas no intervalo deste evento geral, práticas internas, divididas regionalmente ou nacionalmente poderiam ser realizadas, colaborando para que a comunidade fique em evidência ao longo do ano

todo, seja mais conhecida e aumente seu número de participantes. Como exemplo trago a fala de uma entrevistada que comenta sobre as atividades de *webinários*:

O webinar surge junto com a rede para que não ficasse a rede sinônimo de ruim, **que a gente tivesse outros encontros, com outras dinâmicas, com outros funcionamentos para aproximar.** E para aproximar inclusive as comunidades críticas, interpretativas de outras regiões com a nossa, porque esse é outro valor constitutivo da nossa rede. Nós queremos servir como ponte. Nós queremos ser muito orgulhosos das nossas tradições latino-americanas e caribenhas de pesquisa, mas **nós queremos é construir pontes com outras comunidades de pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade.**

É nesse contexto de aproximação do QRCA com outras comunidades que novas parcerias podem se desenvolver com o intuito de fomentar o crescimento da pesquisa qualitativa interpretativa e crítica, mas também, de fomentar diversas outras pesquisas sobre questões sociais que se vinculam ao QRCA, como as questões de gênero, raça, educação, colonização, saúde, entre outras.

Essas parcerias podem ser benéficas tanto para o QRCA, quanto para as outras comunidades, pois trará visibilidade a essas importantes questões que precisam ser mais debatidas dentro da comunidade, assim como também, as questões ligadas aos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos de pesquisa, mais especificamente os paradigmas interpretativo e crítico e a metodologia qualitativa, que também necessitam de mais visibilidade. Sobre esse ponto, uma entrevistada comenta:

**Eu acredito que é importante ter vínculos locais para discutir as particularidades** porque mesmo na reunião com todas as pessoas a gente precisa de espaço para discutir pontos que são específicos de cada país, de cada nação. [...] **é importante essa luta, que essas parcerias elas continuem numa ampliação, porque nós temos muitas demandas sociais pra dar conta,** e assim, nenhum grupo em específico vai dar conta de tanta necessidade, só através de diferentes parcerias, de diferentes grupos, cada um olhando pra essas necessidades, pra essas demandas é que a gente pode abraçar o conjunto maior de necessidades específicas dos vários países. Tem questões que são comuns a todos, por exemplo, violência de gênero, racismo, educação, é uma situação comum. Então a gente tem várias frentes que precisam ser vistas.

Assim, como afirma Wenger (1998), as práticas realizadas por uma comunidade podem criar articulações para fora da comunidade, tendo um papel de

conexão com o resto do mundo. Fazendo com que a comunidade de prática extrapole seus limites e se relacione com outras comunidades ou constelações de comunidades. É a prática da comunidade para além da comunidade, entendida como histórias compartilhadas de aprendizagem.

Sobre outros aspectos que podem potencializar a comunidade QRCA, uma das entrevistadas cita uma atividade realizada no encontro de 2021, da qual ela participou, que foi a de integrar os alunos de graduação em Ciências Contábeis à comunidade através da sua participação e apresentação de pesquisas de iniciação científica. A proposta então é fomentar a participação de jovens pesquisadores, em nível de graduação, para que desde muito cedo eles já conheçam a comunidade e trilhem suas trajetórias, se assim desejarem, envolvidos nas diferentes práticas realizadas pela comunidade. Assim, a entrevistada comenta que: *“eu acho que a proposta daquele GEN, que é esse que a gente teve em dois mil e vinte e um foi justamente acolher esses novos pesquisadores evitar evasões [...] Pra mim funcionou super”*.

Ao se pensar nos encontros anuais e no desafio apresentado anteriormente de como a comunidade pretende se ver ao tratar das questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas, uma possibilidade de resolução é apresentada por uma das entrevistadas, que indica a criação de uma sessão de apresentação de pesquisas iniciais ou resumos de pesquisa que estão em outro paradigma (funcionalista) e que queiram se aproximar de outra vertente. Assim, as pessoas que apresentarem essas propostas de pesquisa terão espaço para discussão, e receberão comentários que podem lhes ajudar nesta nova possibilidade de abordagem que estão conhecendo. Seria então, uma sessão que busca integrar essas pessoas que procuram a comunidade, mas que ainda não sabem muito bem qual caminho seguir dentro da pesquisa em contabilidade.

Sobre esse ponto, a entrevistada articula que:

Eu acho assim, quer ser inclusivo? Vamos então criar um formato de sessão chamado comunicação de pesquisa. Aí o cara vai lá, ele manda um resumo de como ele gostaria de ser qualitativo, [...] Ah, eu gostaria de articular isso com aquilo, com aquilo outro, eu quero desenvolver essa ideia. Vamos lá discutir com os caras as ideias deles. Já estamos incluindo. Não precisa ser um paper completo, mal feito e que não tem nada a ver. Entende?

Nesse mesmo caminho de se pensar a comunidade e seus potenciais, outra entrevistada comenta:

A longo prazo, eu vejo que o QRCA **tem um potencial de, por exemplo, ser um lugar de disseminar novas teorias vindas do sul global**, entendeu. Um espaço em que a gente consiga... e não tenha que depender mais tanto, por exemplo, da Academia Europeia de Contabilidade. Que a gente consiga aqui estabelecer o que é bom pra nós, feito a partir do que a gente faz, entendeu.

Junto a isso, alguns entrevistados e entrevistadas evidenciaram o quanto seria relevante para o QRCA, que além das parcerias estabelecidas com diversas revistas científicas, ele também produzisse a sua revista científica, com o intuito de disseminar ainda mais os conhecimentos produzidos pela comunidade.

A fala de uma entrevistada ressalta esse ponto, evidencia a necessidade de um maior envolvimento dos membros da comunidade para que a proposta funcione, além de ressaltar a competência de seus membros.

E aí nós vamos ter uma outra **condição de ter uma revista própria**, né? Um espaço para publicação e isso aí vai dando outros direcionamentos em termos de que as pessoas vão precisar se envolver mais. Vão ter que abrir mão de outras coisas para se envolver mais. Mas tem muita gente chegando, muita gente se aproximando, é um grupo muito rico, é um grupo muito competente de trabalho, é **uma comunidade de pessoas competentes**.

De maneira geral, é possível perceber nas diferentes falas dos entrevistados o desejo de que a comunidade QRCA cresça ainda mais e se desenvolva ao ponto de conseguir contemplar todas essas indagações feitas pelos entrevistados. Uma comunidade que continue acolhendo os interessados em pesquisas alternativas em contabilidade, que busca disseminar novas teorias vindas do sul global e que consiga engajar mais pessoas para que juntas, elas busquem outras formas de divulgar seu repertório, como a própria revista científica.

Enquanto os entrevistados almejam essas possibilidades, uma entrevistada ressalta o fato de que nesse ano de 2023 a conferência da CPA será em Bogotá na Colômbia, e que muito disso, na percepção dela, deve ser creditado ao QRCA. Isso porque foi através da parceria firmada com a CPA, ao longo desse tempo, que o maior evento de pesquisa crítica em contabilidade do mundo, segundo a entrevistada, acontecerá na América Latina. Assim, ela comenta que:

**O QRCA da forma como ele foi se desenvolvendo aqui na América Latina e foi crescendo ao longo dos anos** eu vejo muito que ele traz a possibilidade da CPA ser aqui em Bogotá. Tipo você traz uma conferência crítica, a mais importante da nossa área, que é a conferência da revista Crítica em Contabilidade pra Bogotá. [...] eu tenho vontade de participar, enquanto uma pesquisadora interpretativa, talvez um pouquinho crítica e é um evento que vai ser em Bogotá, **então eu acho que a gente deve muito desse movimento ao QRCA**. Porque aí a gente expande muito. Eu estou falando do maior evento de contabilidade crítica que a gente tem no mundo.

Com as diferentes falas apresentadas nessa pesquisa, buscou-se evidenciar como o QRCA pode ser entendido como uma comunidade de prática paradigmática em crescimento, e que, apesar do pouco tempo de existência, vem em um processo de consolidação contínuo. Como afirma uma das entrevistadas:

**Eu acho que ela tende a crescer. A gente fez um impacto grande aí, né.** Não só com a conferência, mas com alguns seminários, com algumas atividades, a ponto de vários programas passarem a ter a disciplina qualitativa, que não tinham, e outros programas passarem a valorizar a epistemologia. Então, assim, algum impacto a gente gerou [...].

É nesse contexto que, se superados os desafios evidenciados nesta pesquisa e os que ainda estão por vir, a comunidade pode ter, além do que já conquistou, um grande potencial de desenvolvimento, sendo capaz de se tornar a maior e mais relevante comunidade de pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade da América Latina e assim continuar contribuindo com a aprendizagem e formação de muitos pesquisadores e muitas pesquisadoras em contabilidade que anseiam por epistemologias alternativas.

## REFLEXÕES FINAIS

A partir das concepções de Lave e Wenger (1991) e de Wenger (1998), identificamos que a principal característica que constitui uma comunidade de prática é o engajamento coletivo a partir de um interesse comum entre os participantes, que contribui tanto para o processo de aprendizagem quanto para a criação de identidades que colocam em movimento as práticas do grupo. Assim, numa comunidade de prática seus integrantes aprendem juntos a partir de diferentes formas de interação que buscam aprofundar o conhecimento sobre sua temática de interesse.

Desta forma, podemos considerar que a participação numa comunidade de prática atua ao mesmo tempo na construção coletiva de conhecimento e na formação individual de seus integrantes. Esse fato se dá porque há uma retroalimentação, mediada pelas práticas, entre o funcionamento geral do grupo e a participação de cada pessoa, que extrapolam os limites do que acontece no interior da própria comunidade. É nesse sentido que Wenger (1998) ressalta que os valores e os significados compartilhados na comunidade de prática transformam as pessoas e suas vidas a partir da identidade e do pertencimento.

Partindo desse entendimento, buscamos compreender os elementos que caracterizam uma comunidade de prática voltada para o debate paradigmático acerca da pesquisa crítica interpretativa na contabilidade, visto que entendemos a importância de iniciativas que buscam ampliar o escopo epistemológico da pesquisa contábil, que durante muito tempo ficou restrita ao pensamento positivista que entende a realidade a partir da objetividade e da pretensa neutralidade dos números.

Diante das limitações do pensamento positivista, que não dá conta de oferecer respostas para a diversidade de questões sociais que caracterizam a contemporaneidade, nosso interesse de pesquisa recaiu na prática científica de autores e autoras que buscam incorporar as perspectivas crítica e interpretativista na pesquisa contábil. Desta forma, selecionamos como objeto de pesquisa o QRCA - *Qualitative Research and Critical Accounting*, que realiza diferentes atividades para debater e promover a pesquisa crítica e interpretativa no âmbito da contabilidade, desde 2018.

A escolha pela análise das práticas do QRCA se justifica pelo reconhecimento de que as perspectivas crítica e interpretativista muito têm a acrescentar no desenvolvimento do pensamento contábil, visto que são propostas paradigmáticas

que contemplam dimensões da realidade não trabalhadas pelos pesquisadores positivistas. De acordo com Lourenço e Sauerbronn (2016), as pesquisas interpretativas têm como objetivo descobrir e interpretar os significados e crenças associados às ações sociais. Sobre a pesquisa crítica, as autoras (2016) destacam que elas são pautadas na observação crítica de múltiplas realidades, contribuindo para a emancipação das pessoas e de seus pensamentos.

Homero Júnior (2021) diferencia as pesquisas críticas e interpretativas, ressaltando que, apesar das duas possuírem pressupostos semelhantes de interpretação da realidade, as primeiras estão ligadas à promoção da transformação e da justiça social. No entanto, diante das correspondências entre essas duas formas de produção do conhecimento, o autor (2021) indica que a junção desses dois paradigmas traz vantagens pragmáticas para a pesquisa contábil, visto que eles, em conjunto, se fortalecem e ganham maior capacidade de questionar o paradigma dominante.

Em concordância com os ambos os estudos mencionados, entendo que as práticas realizadas a partir do QRCA podem ser consideradas como potencializadoras da ampliação do espaço das pesquisas críticas interpretativas na contabilidade, visto que elas ainda são marginalizadas perante o *mainstream* contábil. A análise das práticas que permeiam o QRCA foi realizada a partir de duas ferramentas metodológicas complementares. A primeira foi a pesquisa documental das informações contidas no *site* do grupo acerca de seus princípios, bem como a análise da programação dos eventos organizados pelo QRCA, destacando as atividades realizadas e as temáticas abordadas em cada um deles.

O segundo instrumento metodológico foi constituído pelas entrevistas semiestruturadas com catorze membros e membras do QRCA com níveis distintos de participação no grupo. Da pré-análise emergiram as quatro categorias analíticas que basearam o trabalho de interpretação dos discursos produzidos nas entrevistas: a) constituição da comunidade QRCA; b) participação e reificação na comunidade; c) desafios a serem superados e d) potencialidades da comunidade.

O primeiro achado da pesquisa se refere à constatação de que, pelas características descritas no *site* e pelas informações encontradas nas falas dos entrevistados, o QRCA efetivamente se constitui como uma comunidade de prática paradigmática interpretativa crítica em consolidação no âmbito da pesquisa contábil. Realizando eventos desde 2018, o QRCA conseguiu engajar um conjunto de



pesquisadores em torno do interesse comum em desenvolver pesquisas interpretativas e críticas na contabilidade, proporcionando tanto a troca de aprendizados quanto a criação de identidades pessoais e profissionais a partir da participação na comunidade.

O discurso das pessoas entrevistadas converge no sentido de evidenciar que o QRCA veio ocupar um espaço de debate que estava vago na contabilidade, diante da hegemonia dos grupos que desenvolvem pesquisas positivistas associadas ao *mainstream* contábil. Foi possível identificar como os entrevistados valorizam as oportunidades proporcionadas a partir do QRCA, desde o primeiro workshop organizado em 2018, sentindo que as trocas realizadas no âmbito da comunidade deram sentido, ao mesmo tempo, para a prática da pesquisa alternativa, visto que antes tinham dificuldades em encontrar interlocutores, e para a própria formação individual dos pesquisadores e das pesquisadoras, que se viram acolhidos e acolhidas em um ambiente humano e respeitoso.

Assim, desde os primeiros contatos com as atividades do QRCA, os pesquisadores relataram uma forte identificação com os propósitos do grupo e a impressão de que finalmente tinham encontrado seu lugar na contabilidade. A participação na comunidade leva à reificação das práticas e de seus sentidos na vida dos pesquisadores, que sentem que o QRCA ampliou seus horizontes, como ampliou o próprio horizonte da pesquisa interpretativa e crítica na contabilidade brasileira e latino-americana.

Ficou demonstrado que a comunidade paradigmática do QRCA tem uma importância que vai além de seu próprio escopo, visto que tem rebatimentos no campo contábil como um todo, que é chamado a se movimentar diante do fortalecimento e disseminação das pesquisas críticas e interpretativas a partir do QRCA, que vão ganhando, lentamente, mais espaço nos programas de pós-graduação, nos eventos e nas revistas científicas, por exemplo. É nesse sentido que consideramos que as atividades do QRCA constituem um marco na pesquisa contábil, a partir do qual não poderão mais ser ignoradas as pesquisas críticas e interpretativas como formas relevantes de produção do conhecimento científico, embora ainda estejamos longe do cenário ideal de valorização equitativa das múltiplas epistemologias na contabilidade.

Diante da importância do QRCA na movimentação do campo da pesquisa contábil e da juventude do grupo, que possui apenas cinco anos de existência, como

constatado na análise documental e nos relatos das pessoas entrevistadas, um conjunto de desafios se coloca nesse processo de consolidação da rede enquanto uma comunidade. Alguns desafios são resultados das próprias rotinas acadêmicas dos pesquisadores, que possuem suas agendas carregadas de diferentes compromissos, restando pouco tempo para se dedicarem como gostariam ao QRCA. Outros, dizem respeito à questão da falta de recursos permanentes para a manutenção das atividades do grupo, que são dispendiosas diante da necessidade, por exemplo, do pagamento das traduções simultâneas nos eventos.

Além desses aspectos, existem desafios internos à própria organização da comunidade. Um elemento relevante é a centralização das decisões e das atividades de comando que estão sob a responsabilidade das três professoras que compõem o núcleo central da comunidade: professora Sílvia Casanova, professora Fernanda Sauerbronn e professora Mary Colina, fato que acarreta uma sobrecarga de trabalho para elas, indicando a necessidade da ampliação do número de participantes neste núcleo central para proporcionar maior alternância na organização das atividades.

Associado ao aspecto anteriormente mencionado, identificamos outros dois desafios da comunidade: a) falta de clareza para o coletivo, dos rumos e anseios da comunidade para o futuro: o que a comunidade quer? Como vai se organizar para isso? Quais os próximos passos?; e b) falta de uma estrutura organizacional definida com a atribuição de responsabilidades específicas para cada participante, com comissões permanentes: comissão científica, comissão de integração do grupo, comissão de comunicação, e comissão de patrocínio, entre outros elementos que porventura os membros da comunidade considerem.

Esses desafios, no entanto, não diminuem a importância do QRCA como um dinamizador do campo da pesquisa contábil, mas demonstra a necessidade da comunidade refletir sobre os próprios rumos que pretende seguir, no sentido de alinhar expectativas e a partir daí traçar um plano de ação que garanta a sua continuidade e ampliação enquanto uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa contábil interpretativa e crítica.

Consequentemente, dado que os desafios identificados nesta pesquisa e aqueles iminentes são efetivamente superados, entendo que a comunidade possui um potencial substancial para crescimento. Pode potencialmente evoluir para a comunidade mais significativa e relevante para a pesquisa contábil interpretativa e crítica na América Latina, continuando a aprimorar a aprendizagem e o

desenvolvimento profissional de inúmeros pesquisadores na disciplina contábil que buscam epistemologias alternativas.

Desta forma, a pesquisa constatou tanto as potencialidades quanto as fragilidades da comunidade que está em consolidação. É importante que tenhamos pesquisadores engajados em garantir um espaço para as pesquisas críticas e interpretativas na contabilidade, como o QRCA. No entanto, os dissensos internos devem ser superados para que a comunidade não se disperse e perca sua força. Assim, cabe reiterar que o futuro da comunidade QRCA depende do estabelecimento de diálogo horizontal e permanente entre seus membros, fazendo com que os problemas sejam resolvidos em prol da coletividade.

As descobertas, acerca do QRCA enquanto uma comunidade de prática, também destacam iniciativas significativas para a transformação e expansão do campo epistemológico contábil e promovem diálogos relativos a mudanças paradigmáticas no domínio investigativo e científico da contabilidade. Reconhecendo a contabilidade como uma ciência social aplicada onde as interações entre os pesquisadores são integrantes para sua fortificação, este estudo oferece uma perspectiva interativa sobre as relações estabelecidas dentro de uma comunidade de prática, com membros dedicados às investigações contábeis por meio de metodologias alternativas.

Nesse sentido, esta tese contribui para a identificação de um campo alternativo de pesquisa contábil que se mostra em construção, indicando avanços epistemológicos produzidos a partir da comunidade de prática estudada. Desta forma, os resultados deste trabalho revelam as tendências de mudança a partir do desenvolvimento de pesquisas críticas e interpretativas na contabilidade, que passam a ganhar espaço e credibilidade, embora o caminho de superação da hegemonia do pensamento *mainstream* ainda precise ser trilhado.

Para isso, é necessário que os programas de pós-graduação incentivem pesquisas alternativas e que o corpo docente, sobretudo os orientadores e orientadoras, passem a acolher essas novas perspectivas analíticas, mesmo que ainda tenham pouca familiaridade com elas. É preciso ainda, que os programas validem e fomentem essas pesquisas alternativas, criando disciplinas, promovendo debates, enfim, aproximando o campo contábil dessas outras formas de se pensar o conhecimento.

O desejo que fica a partir da realização deste trabalho é que, cada vez mais, a contabilidade se abra para as epistemologias críticas e interpretativas, para que os novos pesquisadores e pesquisadoras não passem pelas dificuldades e resistências encontradas durante todo o período de realização desta tese. Desejo que pesquisadores e pesquisadoras não tenham que provar constantemente que uma pesquisa qualitativa também tem valor científico, que uma pesquisa interpretativa não seja diminuída em sua importância e que os pesquisadores alternativos se sintam acolhidos e respeitados.

Acredito ter contribuído, pelo menos um pouco, para colocar o campo contábil em movimento, ao identificar, valorizar e divulgar a construção de uma comunidade de prática paradigmática que demonstra que é possível produzir ciência por meio de múltiplas perspectivas.

Sigamos...

## REFERÊNCIAS

- ANDREW, Jane; COOPER, Christine; GENDRON, Yves. Critical perspectives on accounting and journal rankings: Engaging in counter discourses and practices. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 71, p. 102-169, 2020. <https://doi:10.1016/j.cpa.2020.102169>
- BAKER, C. Richard; BETTNER, Mark S. Interpretive and critical research in accounting: a commentary on its absence from mainstream accounting research. **Critical perspectives on Accounting**, v. 8, n. 4, p. 293-310, 1997. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0116>
- BAUER, Martin. W. GASKELL, Ggeorge. **Qualitative Researching with text, image and sound: A Practical Handbook**. SAGE Publications, 2000.
- BAXTER, Jane; CHUA, WaiFong. Alternative management accounting research-whence and whither. **Accounting, Organizations and Society**, [s. l.], v. 28, n. 2-3, p. 97-126. 2003. [https://doi.org/10.1016/S0361-3682\(02\)00022-3](https://doi.org/10.1016/S0361-3682(02)00022-3)
- BILHIM, João Abreu de Faria; GONÇALVES, Andréa de Oliveira. Abordagens Epistemológicas e Pluralismo na Pesquisa em Contabilidade: para além do paradigma dominante. **Public Sciences & Policies**, v.7, n.1, p.28-44, 2021. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VVIIN1/pp.59-75>
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BORGES, Erivan Ferreira, *et al.* Paradigmas na pesquisa contábil no Brasil: um estudo epistemológico sobre a evolução nos trabalhos de programas de pós-graduação em ciências contábeis. **ConTexto**, [s. l.], v. 11, n. 19, p. 21–30, 2011.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTH, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982.
- BUENO, Artur Franco. Contabilidade positiva ou positivista? Algumas reflexões. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 32, n. 1, 2006.
- BURELL, Gibson; MORGAN, Gareth. Sociological paradigms and organisational analysis. **Elements of the sociology of corporatelife**, 1979.
- CABELLEIRA, Denise Mross. Comunidades de prática: conceitos e reflexões para uma estratégia de gestão do conhecimento. **Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD)**. Rio de Janeiro: Anais do ENANPAD, 2007.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CASTAÑÓN, Gustavo. **Introdução à Epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

CHUA, Wai Fong. Radical developments in accounting thought. **Accounting review**, p. 601-632, 1989. <https://doi.org/10.2308/bria-52377>

COLANDER, David; HOLT, Richard; ROSSER JR, Barkley. The changing face of mainstream economics. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004. <https://doi.org/10.1080/0953825042000256702>

CROTTY, Michael. **The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process**. Routledge, 1998.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvona S. **Planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. São Paulo, Artmed editora, 2011.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.

ESTEVAM, Everton José Goldoni; CYRINO, Márcia Cristina de Costa Trindade. Comunidades de Prática como contexto para o desenvolvimento profissional docente em Educação Estatística. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 18, n. 3, 2016.

FERREIRA, Thaís Barbosa; HELAL, Diogo Henrique; DE PAIVA, Kely César Martins. Artesanato, aprendizagem social e comunidade de prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 12, n. 1, 2015. <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v12i1.2120>

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>

FREZATTI, Fábio; NASCIMENTO, Artur Roberto do; JUNQUEIRA, Emanuel. Desenvolvimento da pesquisa em Contabilidade Gerencial: as restrições da abordagem monoparadigmática de Zimmerman. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 20, n. 49, p. 6-24, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772009000100002>

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História oral e educação matemática. **Pesquisa qualitativa em educação matemática. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 77-97, 2004. <https://doi.org/10.20396/zet.v11i19.8646949>

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático (pp.64-89). Petrópolis: Vozes. 2002.

GENDRON, Yves. On the elusive nature of critical (accounting) research. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 50, p. 1-12, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>

GHERARDI, Silvia; NICOLINI, Davide; ODELLA, Francesca. Toward a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situated curriculum. **Management learning**, v. 29, n. 3, p. 273-297, 1998. <https://doi.org/10.1177/1350507698293002>

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>

GRAY, Rob; DILLARD, Jesse; SPENCE, Crawford. Pesquisa em Contabilidade Social como Se o Mundo Importasse Um ensaio sobre nostalgia e um novo absurdismo. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 7, n. 17, p. 119-133, 2013. <https://doi.org/10.11606/rco.v7i17.59345>

HERNÁNDEZ, Juan David Cardona. Exhortación por una perspectiva crítica de investigación en contabilidad coherente. **Revista Visión Contable**, n. 17, enero-junio, p. 159-184, 2018. <https://doi.org/10.24142/rvc.n17a6>

HOMERO JUNIOR, Paulo Frederico. A constituição do campo científico e a baixa diversidade da pesquisa contábil brasileira. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, Brasília, v. 11, n. 3, 2017a. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>

HOMERO JUNIOR, Paulo Frederico. Paradigma e ordem do discurso da pesquisa contábil brasileira. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, v. 10, n. 1, p. 039-053, 2017b. <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2017100103>

HOMERO JUNIOR, Paulo Frederico. Reflexões sobre a prática da pesquisa crítica em contabilidade no Brasil: uma nota autobiográfica. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 15, n. 2, 2021. <http://dx.doi.org/10.17524/repec.v15i2.2823>

HOPPER, Trevor; POWELL, Andrew. Making sense of research into the organizational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions. **Journal of management Studies**, v. 22, n. 5, p. 429-465, 1985.

HOPWOOD, Anthony G. 'If only there were simple solutions, but there aren't': some reflections on Zimmerman's critique of empirical management accounting research. **European Accounting Review**, v. 11, n. 4, p. 777-785, 2002. <https://doi.org/10.1080/0963818022000047073>

HOPWOOD, Anthony G. Whither accounting research?. **The accounting review**, v. 82, n. 5, p. 1365-1374, 2007. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1985.tb00007.x>

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FARIA, Maria Vilma Coelho Moreira; AMORIM, Mônica Alves. A comunidade de prática da rede nós: colaborando e compartilhando conhecimentos em arranjos produtivos locais. **Organizações & Sociedade**, v. 15, p. 149-170, 2008.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo. Editora Perspectiva SA, 5ªed. 2020.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning, legitimate peripheral participation**. Cambridge: University Press, 1991.

LOURENÇO, Rosenery Loureiro; SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 13, n. 28, p. 99-122, 2016. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>

LUKKA, Kari. The roles and effects of paradigms in accounting research. **Management Accounting Research**, [s. l.], v. 21, p. 110-115. 2010. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2010.02.002>

MACINTOSH, Norman B. Accounting and the truth of earnings reports: Philosophical considerations. **European Accounting Review**, v. 18, n. 1, p. 141-175, 2009. <https://doi.org/10.1080/09638180802327073>

MAJOR, Maria João. O positivismo e a pesquisa 'alternativa' em Contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 28, n. 74, p. 173-178, 2017. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201790190>

MARTINS, Eliseu. Normativismo e/ou positivismo em contabilidade: qual o futuro?. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 16, p. 3-3, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000300001>

MEDEIROS, Jackson da Silva. Abordagem bourdieusiana para uma análise de campo: um enfoque para a comunicação científica e o acesso aberto. *Em Questão*, v. 23, n. 2, p. 98-119, 2017. <https://doi.org/10.19132/1808-5245232.98-119>

MENDES, David; FONSECA, Ana Carolina Pimentel Duarte; SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. Modos de ideologia e de colonialidade em materiais didáticos de Contabilidade. **Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 99-99, 2020. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.5061>

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, p. 153-162, 2007.

NOWELL, Branda; ALBRECHT, Kate. A reviewer's guide to qualitative rigor. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 29, n. 2, p. 348-363, 2018. <https://doi.org/10.1093/jopart/muy052>

POWER, Michael K.; GENDRON, Yves. Qualitative research in auditing: A methodological roadmap. **Auditing: A Journal of Practice & Theory**, v. 34, n. 2, p. 147-165, 2015. <https://doi.org/10.2308/ajpt-10423>



PRASAD, Pushkala. Postcolonialism: Unpacking and Resisting Imperialism. Prasad, Pushkala. **Crafting Qualitative Research: Working in the postpositivist traditions**. New York: ME Sharpe, p. 262-281, 2005.

Qualitative Reserarch and Critical Accounting (QRCA). **Apresentação**. disponível em: <https://qrca-net.org>. Acesso em: 01 março. 2023.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG**, v. 4, n. 5, p. 129-148, 2008.

RODRIGUES, Márcio Urel; SILVA, Luciano Duarte da; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. Conceito de Comunidade de Prática: um olhar para as pesquisas na área da Educação e Ensino no Brasil. **Revista de Educação Matemática (REMat)**, v. 14, n. 16, p. 16-33, 2017.

SILVA, Helena de Fátima Nunes. **Criação e compartilhamento de conhecimento em comunidades de prática: uma proposta metodológica**. 212f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção), UFSC, Florianópolis, 2004.

SILVA, Sandra Maria Cerqueira. Nenhum Saber a Menos!. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 14, n. 4, p. 120-124.  
[https://doi.org/10.21446/scg\\_ufrj.v14i4.31348](https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14i4.31348)

SMITH, Malcolm. **Research methods in accounting**. London: SAGE Publications, 2011.

THEÓPHILO, Carlos Renato. **Pesquisa em Contabilidade no Brasil: uma análise crítico- epistemológica**. 2004. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2004.

THEÓPHILO, Carlos Renato; IUDÍCIBUS, Sérgio. Uma análise crítico-epistemológica da produção científica em contabilidade no Brasil. **Revista Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 8, n. 2, 2005.  
<https://revistacgg.org/index.php/contabil/article/view/164>

VILLIERS, Rikus Ruben de; FOUCHÉ, Jacobus Paulus. Philosophical paradigms and other underpinnings of the qualitative and quantitative research methods: An accounting education perspective. **Journal of Social Sciences**, v. 43, n. 2, p. 125-142, 2015. <https://doi.org/10.1080/09718923.2015.11893430>

VOGT, Mara; SILVA, Marcia Zanievycz da; VALLE, Ione Ribeiro. “Comendo pelas beiradas”: vigilância epistemológica e a abordagem Bourdieusiana no campo contábil. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 58-69, 2021. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190117>

WANDERLEY, Cláudio de Araújo; CULLEN, John. Um caso de mudança na contabilidade gerencial: a dinâmica política e social. **Revista Contabilidade &**

**Finanças**, v. 23, p. 161-172, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772012000300002>

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems. *Organization*, v. 7, n. 2, p. 225-246, 2000. <https://doi.org/10.1177/135050840072002>

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, Etienne; MCDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. Seven principles for cultivating communities of practice. **Cultivating Communities of Practice: a guide to managing knowledge**, v. 4, 2002.

ZACCARELLI, Laura Menegon. **Narrativas de aprendizagem em uma Comunidade de Prática**. 147 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

ZIMMERMAN, Barry J.; SCHUNK, Dale H. (Ed.). *Self-regulated learning and academic achievement: Theoretical perspectives*. Routledge, 2001.

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PARTICIPANTES DOS NÍVEIS NÚCLEO DE PARTICIPAÇÃO E MEMBRO TOTAL**

As perguntas descritas aqui foram utilizadas como um guia para as entrevistas. Em decorrência delas novos questionamentos surgiram e com eles novas perguntas.

1. Quando você começou a trabalhar com pesquisa qualitativa interpretativa e crítica? Enfrentou resistências?

2. Como aconteceu a criação do QRCA?

Percepções sobre: A) Engajamento mútuo: afinidades entre as pessoas; vínculos; iniciativas; como foi o engajamento? (participação)

B) Empreendimento conjunto: quais foram as primeiras atividades desenvolvidas? Quais as dificuldades?

C) Repertório compartilhado: O que foi gerado?

3. Quais os objetivos iniciais ou planos iniciais do grupo com a criação do QRCA?

Percepções sobre: quais eram as intenções iniciais do grupo e como é hoje?

4. O que a vivência do 1º encontro trouxe de aprendizado para realização de novas atividades? Quais você destacaria?

5. Como foi o processo de divulgação do QRCA e a inclusão de novos participantes?

Percepções sobre: entender como o QRCA foi apresentado/divulgado para a comunidade acadêmica e como foi o processo de captação de novos ingressantes? (os membros convidaram seus orientandos? Divulgação em sala de aula? Reuniões com alunos? Outras atividades? Etc...)

6. Quais atividades desenvolvidas pelos membros do QRCA você destacaria como mais relevantes e por quê?

7. Quais espaços foram conquistados nesses 6 anos de formação do QRCA? Quais são os planos futuros?

8. Quais os problemas enfrentados? Dificuldades? Resistências?

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS OUTROS NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO**

As perguntas descritas aqui foram utilizadas como um guia para as entrevistas. Em decorrência delas novos questionamentos surgiram e com eles novas perguntas.

1. Quando você começou a trabalhar com pesquisa qualitativa interpretativa e crítica?
2. Enfrentou alguma dificuldade?
3. Como conheceu o QRCA?
4. Como foi seu primeiro contato com o QRCA? Por que você decidiu participar? Qual a sua impressão? O que você achou?
5. Quais as atividades das quais participou ao longo do tempo no QRCA?
6. Qual a sua atuação no QRCA atualmente?
7. Como professor(a), você já incentivou algum aluno(a) seu a participar do QRCA?
8. Você conhece outras redes que trabalham com pesquisa interpretativa e crítica?
9. Em sua opinião como você vê o QRCA no contexto da pesquisa contábil?
10. Qual sua perspectiva futura sobre o QRCA e sobre a pesquisa crítica e interpretativa?